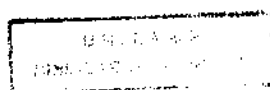


Rosana Elisa Catelli

**A CORRESPONDÊNCIA DA FAMÍLIA PACHECO E CHAVES:
UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS FEMININAS DA ELITE PAULISTA
1890-1930**

**Dissertação de Mestrado apresentada para o
Departamento de Sociologia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas, sob a orientação da
Profa. Dra. Mariza Corrêa.**

Maio, 1997



UNIDADE BC
 N.º CHAMADA UNICAMP
C282c
 V. 31212
 T. 281197
 P. 281197
 C. ☐ D. ☒
 PREÇO R\$ 11,00
 DATA 25/07/97
 N.º CPD

CM-00099446-2

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

C282c

Catelli, Rosana Elisa

Correspondência da família Pacheco e Chaves: uma análise das práticas femininas da elite paulista, 1890/1930 / Rosana Elisa Catelli .- - Campinas, SP : [s.n.], 1997.

Orientador : Mariza Corrêa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

**1. Mulheres - Brasil - Correspondência. 2. Família.
 3. Elite (Ciências sociais) . 4. Memória. 5. Urbanização-
 São Paulo (SP) -1889-1930. 6. Brasil - História - República
 Velha, 1889- 1930. I. Corrêa, Mariza. II. Universidade
 Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências
 Humanas. III. Título.**

Rosana Elisa Catelli

**A CORRESPONDÊNCIA DA FAMÍLIA PACHECO E CHAVES:
UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS FEMININAS DA ELITE PAULISTA
1890-1930**

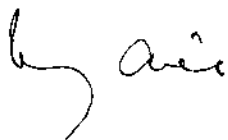
**Dissertação de Mestrado apresentada para o
Departamento de Sociologia do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação da Profa. Dra. Mariza Corrêa.**

Este exemplar corres-
ponde à redação final da
dissertação defendida e
aprovada pela Comissão
Julgadora em

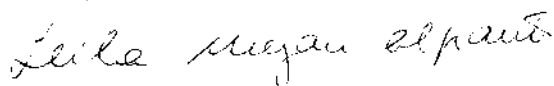
14/06/97

Banca:

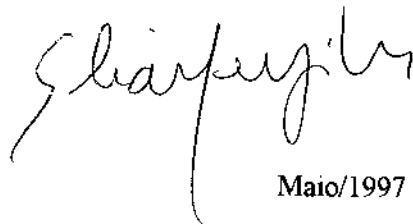
Prof.(a) Dr. (a)



Prof.(a) Dr. (a)



Prof.(a) Dr. (a)



Maio/1997

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos a todos os amigos que me incentivaram neste trabalho, em especial Roberto Catelli Jr. e Eliana M. Pralon, pelas inúmeras contribuições.

À minha orientadora, Prof^a Mariza Corrêa, meu muito obrigada pela dedicação e incentivo ao longo desses anos.

Um agradecimento especial à Prof^a Elza S. Berquó, a quem devo as primeiras investidas em torno do tema da família. E à Prof^a Vavy Pacheco Borges, que me introduziu nas leituras sobre correspondência. A ela e à Prof^a Élide Rugai Bastos agradeço a leitura da primeira versão deste trabalho e contribuições dadas no exame de qualificação.

Agradeço aos técnicos do setor de documentação do Museu Paulista, que me prestaram valioso auxílio durante a pesquisa, em especial Sonia Maria Sigolon. Também ao CNPq, pelo financiamento parcial do mestrado.

Dedico esta dissertação a Alexandre Morales.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
-------------------	---

CAPÍTULO I

A CELEBRAÇÃO DA CIDADE: A FAMÍLIA PACHECO E CHAVES E SUA INSERÇÃO NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

1.1 - A FAMÍLIA PACHECO E CHAVES.....	15
1.2 - O NÚCLEO FAMILIAR FERNANDO PACHECO E CHAVES.....	26
1.3 - A CIDADE DAS CHÁCARAS.....	38
1.4 - OS MOÇOS: ZÉ FERNANDES, JACINTO, LUIZ E JURA.....	48

CAPÍTULO II

A CELEBRAÇÃO DA FAMÍLIA: AS PRÁTICAS FEMININAS ATRAVÉS DA CORRESPONDÊNCIA DOS PACHECO E CHAVES

2.1 - INTRODUÇÃO.....	81
2.2 - ARMAZÉM DE MEMÓRIAS.....	84
2.3 - AS TROCAS EPISTOLARES.....	94
2.4 - MEMÓRIA TRAJADA.....	106
2.5 - AS MULHERES NO ESPAÇO DOMÉSTICO.....	114
2.6 - A EDUCAÇÃO DOS FILHOS.....	128
2.7 - MULHERES NAS RUAS DA CIDADE.....	142
2.8 - MULHERES, IGREJA E CARIDADE.....	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	156
BIBLIOGRAFIA.....	162

Este processo de reanimação de um testemunho só tem valor com a condição de jamais nos abandonarmos àquilo que poderia ou deveria ter sido. É preciso respeitar o personagem tal e qual ele nos surge nos fatos. Na realidade, é necessário amá-lo. Mas sobretudo não o idolatrar! A asneira espreita-nos a cada passo.

Jean Orieux. *A arte do biógrafo.*

Apresentação

Este trabalho centra-se na análise da correspondência redigida por membros de uma família da elite paulista cafeeira, os Pacheco e Chaves, entre os anos de 1890 e 1930. As cartas fazem parte da Coleção “Fernando Pacheco e Chaves”, do Museu Paulista, e da Coleção “Jorge Pacheco”, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

A Coleção “Fernando Pacheco e Chaves” compõe-se de aproximadamente 1.300 documentos, entre cartas, diários, recortes de jornais, boletins escolares e recibos de compras em lojas de São Paulo e de cidades européias, onde consta listagem de artigos adquiridos pela família, tais como: livros, roupas, móveis, etc. A correspondência pessoal compreende a maior parte da documentação, abrangendo um período bastante extenso, sendo a mais antiga datada de 1878 e a mais recente redigida no ano de 1968. O maior volume de cartas encontra-se entre os anos de 1900 e 1930¹.

O acervo é composto de cartas entre pais e filhos, esposas e maridos, entre irmãos e parentes em geral, caracterizadas como escritos pessoais, sem nenhuma intenção de registro histórico, mas que permitem resgatar um conjunto de práticas sociais que não foram exclusivas aos Pacheco e Chaves, integrando o cotidiano das várias famílias da elite que estiveram voltadas para os negócios com o café na República Velha. Nesse enredo estão presentes os arranjos matrimoniais, os favores políticos, a ascensão econômica com a produção do café, as viagens à Europa, a formação dos filhos, as *Frauleins*, as geadas, as

¹ Para esse período, a “Coleção Pacheco e Chaves” possui por volta de 850 cartas.

valorizações e quedas do preço do café, problemas com os colonos, a Primeira Guerra Mundial, crises familiares, entre outros aspectos que fizeram parte do universo social da elite paulista no período.

A correspondência dos Pacheco e Chaves compreende três categorias de mensagens: as “comerciais”, que tratam da venda de terrenos e casas, pedidos de empréstimos e cobrança de dívidas; as que poderíamos chamar de “profissionais”, em que se solicitam favores políticos, pedidos de emprego, instrução aos administradores das fazendas, informações sobre a produção do café e sua comercialização; e, por fim, as “familiares”, que compõem a maioria do acervo e nas quais encontramos relatos de viagens, descrições de visitas e festas, filhos contando sobre seus estudos ou pedindo conselhos aos pais, irmãos se correspondendo e uma infinidade de outros assuntos referentes ao cotidiano da família e de seus parentes².

Esta classificação teve por propósito realizar um mapeamento das mensagens contidas nas cartas. Entretanto, uma mesma carta pode abarcar as três categorias. Mesmo quando o assunto são os negócios com o café ou com a administração das propriedades, a maioria das cartas é trocada entre as pessoas da família. As fronteiras entre os assuntos familiares ou pessoais e aqueles vinculados à administração das fazendas são muito tênues, pois uma mesma carta pode tratar de vários aspectos.

As mensagens contidas na correspondência dos Pacheco e Chaves referem-se a fatos concretos do cotidiano familiar: saúde, dinheiro, encontros, negócios, estudos, etc. Escritas numa linguagem simples e direta, as cartas

² Essa classificação foi feita com base no trabalho de Danièle Pouban. “Affaires et passions: des lettres parisiennes au milieu du XIX^e siècle”. In: Roger Chartier (org.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIX^e siècle*.

mantêm uma estrutura bastante similar. Mesmo em termos dos assuntos tratados, há sempre uma forma muito semelhante de relatar as viagens, falar dos filhos, comentar os problemas de saúde e a rotina dos últimos dias.

Segundo Chartier, num estudo sobre a escrita epistolar na França do século XIX, as cartas seguiam uma norma geral de composição, obedecendo a fórmulas convencionas e regras de boas maneiras e polidez, que regiam a própria mensagem nelas transcrita³. Neste sentido, as cartas familiares não se distanciavam das epístolas literárias, que seguiam as mesmas convenções. Estas regras eram bastante difundidas entre a elite letrada, já que no século XIX a carta era essencial como instrumento de comunicação. Essas observações são pertinentes para os escritos dos Pacheco e Chaves, já que eram um grupo social com acesso aos melhores centros de ensino no país e no exterior e que valorizava os padrões culturais de sua época. A própria escrita contextualiza os membros da família, inserindo-os num modelo educativo⁴.

A carta pessoal, desta forma, não representava uma escritura espontânea e transparente, capaz de revelar percepções e sentimentos “verdadeiros” daqueles que a escreveram. Mediante as convenções impostas pelo gênero, as cartas tanto podem revelar como “esconder” determinados aspectos das práticas sociais de seus autores. Como coloca Michelle Perrot, as cartas não podem ser consideradas documentos “verdadeiros” da esfera privada, um testemunho inquestionável de uma determinada realidade social⁵.

³ Ibidem.

⁴ No Brasil, em 1890, 19,1% dos homens eram alfabetizados e apenas 10,4% das mulheres estavam nessa mesma condição. Nesse sentido, o próprio uso da escrita, e o ato de escrever cartas já contextualizam os membros da família num grupo social bastante restrito. Os dados foram retirados do trabalho de Susan K. Besse. *Restructuring patriarchy: the modernization of gender inequality in Brazil, 1914-1940*.

⁵ Michelle Perrot. *História da vida privada* (Introdução), p. 11.

Entretanto, podem nos fornecer as diferentes versões dos grupos sociais sobre um determinado momento histórico⁶ e fornecer “pistas” para novas interpretações.

A correspondência dos Pacheco e Chaves registra vários acontecimentos políticos da época, em cada relato versões vão se delineando:

Ontem, aqui foi um dia muito movimentado por causa da posse do Bernardes. Receavam muitos que houvesse barulho, que talvez degenerasse mesmo numa revolução⁷.

ou juízos sobre o país e o povo brasileiro:

O pior defeito dos brasileiros é a preguiça. Depois admiram-se da grandeza dos Estados Unidos. Em vez disso dariam melhor imitando o exemplo dos americanos⁸.

Os arquivos privados permitem também recuperar a diversidade das experiências no interior das famílias de elite, tratadas em geral como um grupo social linear e uniforme. Por trás da designação “elite”, porém, pode-se encontrar uma multiplicidade de práticas. Ao se dirigir um “olhar” único para todas as histórias familiares de um mesmo setor social, num dado período

⁶ Sidney Chaloub. *Trabalho, lar e botequim*, p. 23.

⁷ Museu Paulista, doc. 11.142, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1922. Maria Pacheco e Chaves para seus pais, Alzira e Fernando Pacheco e Chaves.

⁸ Museu Paulista, doc. 10.693. São Paulo, 3 de junho de 1925. Alzira Pacheco e Chaves para seu filho Fernando Miguel.

histórico, os detalhes se tornam despercebidos e impedem que pequenas “pistas” suscitem (re)interpretações sobre novas posturas familiares.

Além disso, os arquivos privados reatualizam atores históricos que ficaram consolidados como determinantes de um conjunto de práticas sociais. É desta forma que “o café”⁹ aparece como o grande agente urbanizador e civilizador do final do século XIX. E a “família patriarcal”¹⁰, como modelo de família brasileira desde o período colonial, entre outras categorias genéricas que serviram de explicação para um conjunto de práticas sociais. Por meio das cartas pode-se recuperar uma pluralidade de personagens, como as mulheres, e construir outras interpretações a partir da experiência feminina.

Vários estudos sobre a cidade de São Paulo na passagem para o século XX ressaltam o ritmo intenso das transformações ocorridas na cidade e seu rápido crescimento urbano. Diversos índices demográficos e econômicos atestam a vinda das várias famílias para a cidade, o aumento do número de edificações e da infra-estrutura urbana¹¹. Nas cartas da família Pacheco e Chaves estão presentes as impressões sobre essas mudanças: as ferrovias, as freqüentes viagens, a remodelação das ruas, o surgimento dos cinematógrafos e dos clubes esportivos e diversos outros aspectos que retratam a efervescência daquele momento.

⁹ Sobre esta questão, ver Marina Maluf. *Ruídos da memória*.

¹⁰ Mariza Corrêa. “Repensando a família patriarcal”. In: Maria Suefy de Almeida et alii. *Colcha de retalhos*.

¹¹ Sobre a urbanização da cidade de São Paulo na passagem do século, ver: Ernani Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo*; Richard M. Morse. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*; Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole*; Raquel Rolnik. *Cada um no seu lugar*; Nestor Goulart Reis Filho. *São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos*.

Contudo, estes mesmos escritos pessoais da família nos revelam outros aspectos mais imperceptíveis. Nos mostram o ritmo bem mais lento da rotina familiar e as pequenas mudanças nas suas relações. A correspondência da família Pacheco e Chaves revela práticas e valores da sociedade à época, assim como os questionamentos de cada um dos membros familiares quanto à relação pais e filhos, ao casamento, aos estudos, à prática religiosa, etc.

Pelo fato de serem práticas circunscritas no cotidiano doméstico ou na rotina familiar, têm-se uma primeira impressão de obviedade ou de que as cartas tratam na verdade de “nadas domésticos”¹². Esta impressão é ainda mais presente, nas cartas que relatam as atividades das mulheres, como o cuidado com os filhos, com a casa, com a moda etc. A primeira leitura desses escritos sugeriu algumas questões para que pudéssemos refletir sobre essa aparente obviedade: qual o significado das atividades desempenhadas pelas mulheres para a elite cafeeira? Podemos atribuir o mesmo significado às práticas “femininas” ou ao próprio espaço doméstico de épocas diferenciadas?

Para encontrar essas respostas procurou-se empreender uma análise das missivas, adotando-se uma postura como a mencionada por Varikas. Segundo esta autora para repensarmos as relações sociais buscando-se novas respostas é preciso “visitar o passado como um estrangeiro que procura decifrar — mais do que tomar como dado — a significação social das ‘coisas conhecidas’, neste caso, o que implica ser um ‘homem’ ou uma ‘mulher’ numa cultura e num momento histórico dado”¹³.

¹² Expressão usada por Guilherme de Castilho, em *Éça de Queirós: correspondência*.

¹³ Eleni Varikas. *Gênero, experiência e subjetividade*, p. 68. Nesse trecho Varikas faz essa observação utilizando como referência o historiador Carlo Ginzburg, que chama de expatriação essa arte de visitar o passado tal como um estrangeiro.

Tal leitura teve por objetivo refletir sobre as práticas sociais dessa elite, com ênfase nas atividades desempenhadas pelas mulheres da família Pacheco e Chaves. As práticas sociais são aqui entendidas como o conjunto de ações e gestos cotidianos que tenham por objetivo a manutenção da família, dos vínculos afetivos, as atividades de lazer e de reprodução do grupo social. Como coloca Michel de Certeau, as práticas cotidianas são táticas invisíveis, procedimentos sem discurso, ou ainda atividades culturais dos não- produtores de cultura. Para a presente análise, optou-se por fazer um recorte de gênero destacando as ações cotidianas das mulheres da família, procurando refletir sobre qual era o lugar social da mulher da elite cafeeicultora no final do século XIX e início do XX? Qual a significação social das diversas práticas femininas?

Em face da dificuldade de realizar uma análise que abrangesse período histórico tão longo (1878-1968) e marcado por grandes transformações políticas, econômicas e sociais, selecionamos para esta análise os escritos do núcleo familiar de Fernando Pacheco e Chaves. Tal seleção permitiu-nos uma reflexão em torno das práticas sociais de duas gerações dos Pacheco e Chaves. Entende-se aqui o conceito de geração tal como utilizado pela etnologia, ou seja, em seu sentido genealógico, em que um conjunto de pessoas é definido segundo sua filiação. Tal conceito pode também contribuir para uma reflexão dos aspectos relativos à dimensão simbólica de um determinado grupo social. As gerações produzem discursos sociais que compõem a memória coletiva de uma sociedade. Nessa forma de abordagem, o conceito de geração não está vinculado necessariamente à filiação, mas a um período ou evento. Desta forma, podemos também falar da geração de Fernando Pacheco e Chaves,

buscando contextualizar um grupo de indivíduos dentro de um imaginário social, no âmbito da economia cafeeira e da urbanização da cidade de São Paulo¹⁴.

Na passagem do século XIX para o XX, não era só a cidade que se refazia segundo novos referenciais. Naquele momento, homens e mulheres remodelavam seus estilos de vida em um ambiente urbano por meio de rupturas, continuidades e reconversões. Nesse contexto, o nosso objetivo não é o de resgatar elementos que demonstrem a exclusão das mulheres da vida social ou do trabalho, mas perceber de que forma elas passaram a ser incluídas, decodificando, a partir da correspondência dos Pacheco e Chaves, as várias formas pelas quais as mulheres participaram dos diversos espaços sociais no período em questão.

Ao nos propormos a tal interpretação, preocupamo-nos, como diz Del Priore, em “fugir da história que faz da mulher uma vítima ou o inverso¹⁵”. Como vítimas, as mulheres têm sido representadas sob o fardo da sociedade patriarcal, da dominação masculina e da exploração capitalista por meio do trabalho doméstico. No processo de urbanização do século XIX, essa posição é reiterada pela ênfase na ação racionalizadora dos discursos médicos e higienistas sobre a sexualidade, maternidade e educação dos filhos¹⁶.

O inverso da visão que vitimiza as mulheres as considera como “heroínas” frente à dominação masculina ou social. Com o objetivo de romper com os estereótipos da mulher submissa e ociosa, muitos estudos procuraram

¹⁴ Sobre as várias abordagens que o conceito de geração permite, ver: Claudine Attias-Donfut. *Générations e ages de la vie*.

¹⁵ Mary Del Priore. *A mulher na história do Brasil*.

¹⁶ Bonnie Smith. *Ladies of the leisure class*.

resgatar mulheres que tiveram atuação de destaque no cenário público, como escritoras, profissionais, atrizes etc., mostrando que a mulher não era este ser exclusivamente vinculado ao universo doméstico e à família. Entretanto, exemplos de mulheres que sobressaíram na esfera pública da passagem do século não representam grande parte delas. Apesar da impossibilidade de se fazer generalizações a partir desses casos mais específicos, essas análises contribuem para se resgatar uma pluralidade de práticas femininas.

A análise da correspondência da família Pacheco e Chaves permite discutir qual seria o vínculo das mulheres de elite com a sociedade paulista no período. Mais do que isso, possibilita investigar a relação entre a atuação dessas mulheres na esfera doméstica e no fórum público: como era a participação dessas mulheres nos circuitos de lazer, nas associações de caridade, nos eventos sociais? Na análise a ênfase não recai sobre a dicotomia entre os diferentes espaços, mas, ao contrário, em seus possíveis cruzamentos, conforme coloca Bourdieu: “a oposição tradicional entre o público e o privado mascara a que ponto o público está presente no privado, no próprio sentido de ‘privacy’. Sendo produto de um longo trabalho de construção jurídico-política do qual a família moderna é o resultado, o privado é um negócio público. A visão pública está profundamente envolvida em nossa visão das coisas domésticas e as nossas condutas mais privadas dependem, elas próprias, de ações públicas, como a política de habitação, ou, mais diretamente, a política da família”¹⁷.

Nosso objetivo, portanto, é contextualizar a significação social dessas diversas formas de inserção das mulheres da elite paulista, considerando o

¹⁷ Pierre Bourdieu. *Razões práticas*, p. 135.

embricamento entre este espaço doméstico e o fórum público. Como coloca Maria Odila da Silva Dias, no final do século XIX e início do XX a idéia de fronteiras rígidas entre as esferas privadas e públicas “já não se sustentava mais ante o processo gigantesco da metrópole e da cultura de massas”¹⁸.

Tratar da atuação das mulheres da elite paulista implica ainda refletir sobre as relações familiares e a própria idéia de família, examinando a inserção das mulheres na vida familiar. Os conceitos comumente utilizados em relação à família moderna são “domesticidade”, “intimidade” e “privacidade”. O conceito de domesticidade foi utilizado por Shorter para designar a unidade formada por marido, mulher e filhos, atados pelos sentimentos de privacidade e intimidade. Segundo o autor, “o sentimento no lar quer dizer que a privacidade e a intimidade triunfarão sobre o tradicional interpontear com as vidas dos outros. Abrigados do exterior por detrás das cortinas cerradas, os membros da família tecem em redor de si essa teia de sentimento a que os franceses aludem como ‘chacun chez soi’ e a que chamaremos ‘domesticidade’¹⁹”. Para analisarmos os testemunhos da família Pacheco e Chaves, utilizamos o conceito de domesticidade, mas para designar também o universo doméstico e um conjunto de regras, práticas e procedimentos criados no seu interior, que transcendiam os aspectos funcionais da casa ou até mesmo os emocionais das relações familiares. Horários, etiqueta, moda, limpeza, educação representavam um universo simbólico, no qual se constituíam como atributos da feminilidade e estabeleciam uma “ordem” no espaço doméstico.

¹⁸ Maria Odila Leite da Silva Dias. “Hermenêutica e narrativa”. In: Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole*, p. xxii.

¹⁹ Edward Shorter. *A formação da família moderna*, p. 24.

Shorter utiliza também o conceito de domesticidade como refúgio em relação à rua, opondo valores individualistas aos comunitários. Reitera assim a oposição entre o tradicional e o moderno. Sua visão em relação ao doméstico, no entanto, representa o universo masculino, como o daqueles que deixam a casa para o trabalho ou para os estudos e a ela retornam, considerando a casa um refúgio ao mundo individualista e competitivo da ordem capitalista. Resta indagar qual seria o significado desse universo para as mulheres, que pouco deixavam a casa? Ou se o faziam exerciam atividades que muitas vezes fugiam à ordem competitiva, como aquelas ligadas à Igreja e às instituições de caridade²⁰. Como enfim, pensar a idéia de “refúgio” para as famílias de elite paulistas, cujos negócios com o café invadiam o espaço da família? O fato é que não havia em tal universo uma rígida distinção de fronteiras.

Cabe ressaltar que não se pretendeu estender a condição das mulheres de elite, objeto da análise, àquelas de outros setores sociais que evidentemente tiveram vivências diferenciadas. Lembrar ainda, que a documentação pertence a uma única família e que por isso impõe certas restrições referentes à possíveis generalizações. O ideal seria que se pudesse confrontar tais correspondências com outras existentes em outros arquivos públicos ou privados, ou ainda com o material publicado na imprensa da época.

Por fim, cabe mencionar que o acervo em questão já foi objeto de dois outros trabalhos. O primeiro é o livro *O palacete paulistano*, de Maria Cecília Naclério Homem, publicado em 1996, em que a autora faz uma análise minuciosa das formas de habitar da elite paulista entre os anos de 1867 e 1908. Um dos palacetes analisados por ela é o de Elias Chaves, para o que recorreu a

²⁰ Bonnie Smith, op. cit., p. 54.

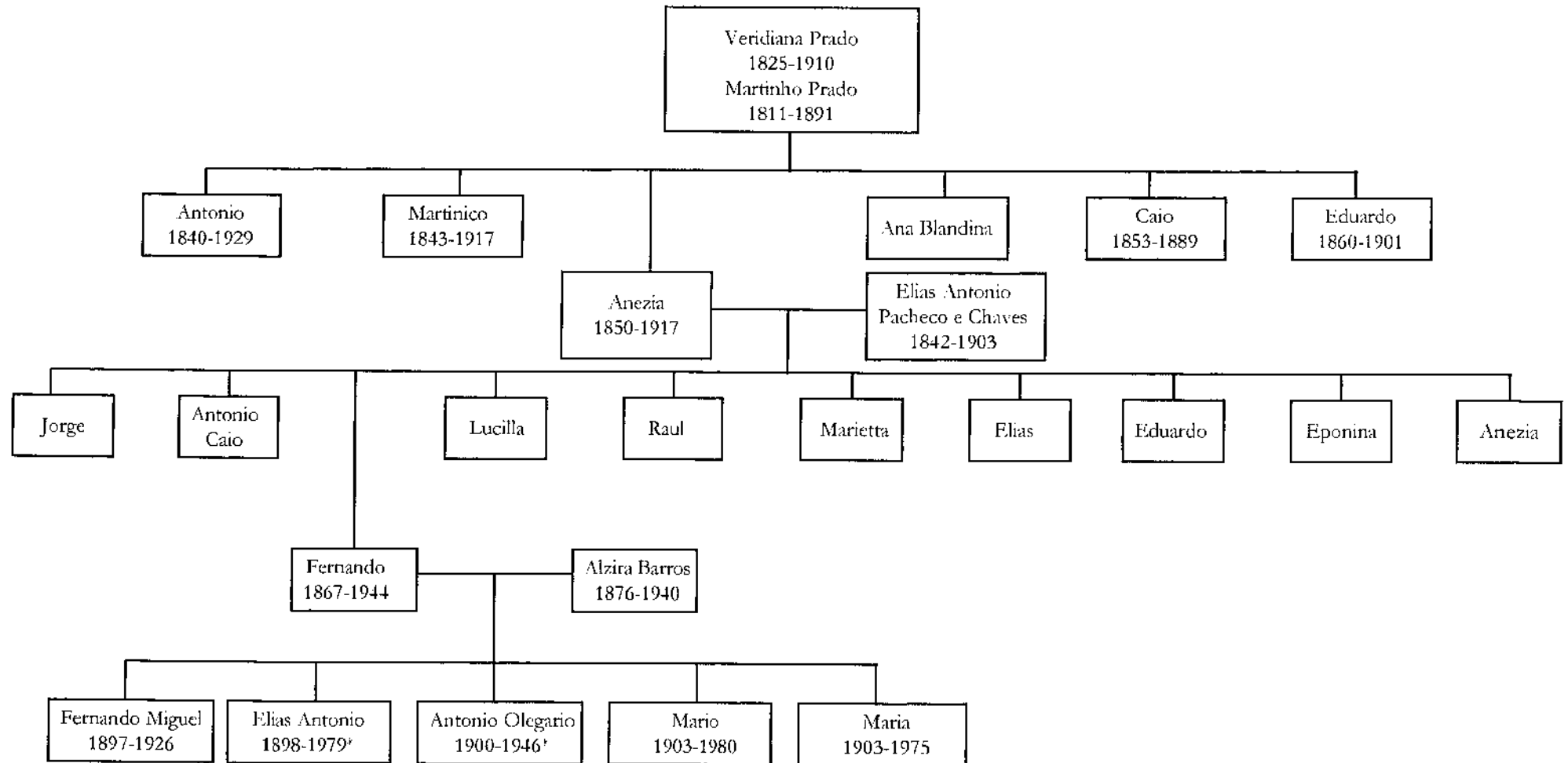
algumas cartas da família, a fim de reconstituir a vida privada de seus membros. Há ainda a tese de mestrado de Maria Luiza Albiero Vaz, *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo: conciliação e resistência (1890-1930)*, defendida em 1995 na Universidade de São Paulo. A autora concentra-se nos escritos compreendidos entre os anos de 1890 e 1910, sendo que grande parte das referências às mulheres remonta ao final do século XIX. Segundo ela própria, o objetivo do seu trabalho foi o de desvendar os papéis desempenhados pelas mulheres da elite, questionando o “estereótipo da mulher caseira, mãe e esposa exemplar, ciente dos seus deveres, prendada, numa dócil submissão ao homem”. Estes trabalhos foram de grande contribuição para a presente análise, com os quais possui pontos em comum a despeito dos enfoques diferenciados, o que revela as várias possibilidades de leituras de uma mesma fonte histórica.

O presente estudo está organizado em dois capítulos. O primeiro é composto de uma breve história da família Pacheco e Chaves e de uma contextualização da família em relação ao cenário paulista no período. Procura-se abordar as transformações pelas quais passava a cidade em termos de suas dimensões, dos limites entre o rural e o urbano e da infra-estrutura urbana. Essas transformações são tratadas a partir do que foi sugerido pelas cartas da família, procurando-se refletir sobre as relações sociais que se constituíram nesse espaço que se alterava. Enfocam-se os dilemas de uma elite que pretendia atingir determinados padrões de civilidade, tendo como referência de civilização as sociedades européia e norte-americana. Analisa-se também a

proliferação de novos espaços sociais na cidade (clubes, cinemas, eventos esportivos etc.), apontando-se para a necessidade de pensar a sociedade paulista do início do século considerando-se elementos da cultura de massas.

No segundo capítulo procura-se refletir sobre as várias atividades exercidas pelas mulheres da família, abordando-se temáticas diferenciadas vinculadas ao universo feminino. Enfoca-se a questão da produção de uma memória familiar ou, de uma forma mais ampla, de uma memória da elite paulista, em que grande parte do núcleo familiar de Fernando Pacheco e Chaves teve um papel, mas em especial as mulheres da família, que trataram de arquivar documentos, fotografias e de transmitir essa memória para os mais jovens. Aborda-se ainda o papel das mulheres nas trocas epistolares, já que por meio das mesmas elas construíam os elos familiares e mantinham as relações sociais, garantindo parte da reprodução do grupo social. Trata-se também das atividades femininas desempenhadas no espaço doméstico, tais como os cuidados com a casa, a moda e a educação dos filhos, apontando-se sempre para as dificuldades em se determinar fronteiras rígidas entre o que seria o espaço público e o privado para essas famílias de elite do início do século. Por fim, enfoca-se a atuação das mulheres nas associações de caridade.

Genealogia da Família Pacheco e Chaves



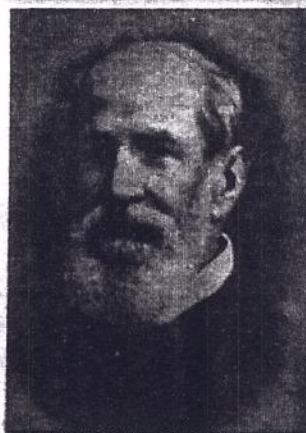
* Data aproximada da morte, fornecida por Alzira Pacheco e Chaves Solari



ANTONIO DA SILVA PRADO
BARÃO DE RUAPE



D. MARIA DE MOURA LEITE DA SILVA PRADO
BARONEZA DE RUAPE

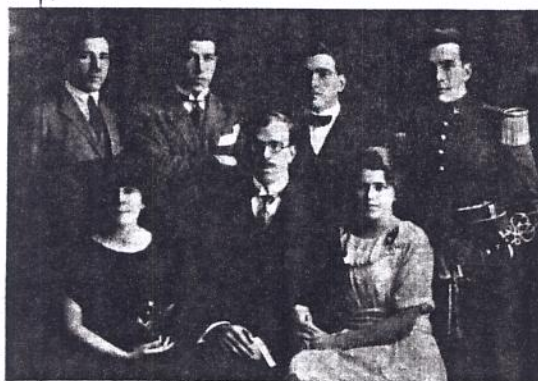


DR. MARTINHO DA SILVA PRADO
1911 - 1981



ARVORE GENEALOGICA "FOTOGRAFICA"
DOS FILHOS DE
FERNANDO PACHECO E CHAVES----->

-----ALZIRA LEITE DE BARROS
(da direita para a esquerda-ordem de idade)
FERNANDO MIGUEL
ELIAS ANTONIO
ANTONIO OLEGARIO
MARIO
e (sentada) MARIA
(vide verso)



Árvore Genealógica Fotográfica*

Leite de Barros Sampaio

Fotografia nº1 - Maria Thereza Ferraz de Camargo Leite de Barros (bisavô).

Grupo 1 - Antonio Olegário Leite de Barros (avô) e Maria Augusta Sampaio Leite de Barros (avó), com suas duas filhas, a de pé, Olympia, a sentada, Alzira.

Pacheco e Chaves - Silva Prado

Fotografia 1 - Antonio da Silva Prado, Barão de Iguape (trisavô)

Fotografia 2 - Maria de Moura Leite da Silva Prado, Baroneza de Iguape (trisavô)

Fotografia 3 - Martinho da Silva Prado (bisavô, meio irmão do Barão de Iguape, e seu genro, casado, casado com sua filha Veridiana)

Grupo 1 - Veridiana da Silva Prado (bisavó), ao centro ladeada por seus filhos, filhas, noras e genro. - da esquerda para a direita, em pé - 1º fila: Martinho da Silva Prado Junior, Carolina Prado da Silva Prado, casada com Eduardo da Silva Prado, Antonio da Silva Prado (o Conselheiro), Elias Antonio Pacheco e Chaves, casado com Anesia da Silva Prado, Eduardo da Silva Prado, 2º fila - Ana Brandina da Silva Prado Pereira Pinto (condessa), Maria Catarina da Costa Pinto, casada com o conselheiro Antonio Prado, Maria Sophia Rudge da Silva Prado, casada com Antonio Caio da Silva Prado, sentada, à esquerda, Anesia da Silva Prado Pacheco e Chaves, à direita Albertina de Moraes Pinto da Silva Prado Junior - a fotografia em cima da coluna é do falecido Antonio Caio da Silva Prado.

Grupo 2 - Elias Antonio Pacheco e Chaves (avô) e Anesia da Silva Prado Pacheco e Chaves (avó), ladeados por seus dez filhos: da esquerda para a direita, 1º fila, Lucila, Marieta, Nesita, Fernando, Eponina, 2º fila, Elias Antonio, Raul, sentados, da esquerda para a direita: Eduardo, Antonio Caio, Jorge.

Grupo 3 - Fernando Pacheco e Chaves e Alzira Pacheco e Chaves, ladeados por seus cinco filhos, da direita para a esquerda por ordem de idade, Fernando Miguel, Elias Antonio, Antonio Olegário e Mario, sentada, Maria.

* Genealogia fotográfica produzida por Maria Pacheco e Chaves, em 1965.

CAPÍTULO I

A CELEBRAÇÃO DA CIDADE: A FAMÍLIA PACHECO E CHAVES E SUA INSERÇÃO NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Capítulo I

A celebração da cidade: a família Pacheco e Chaves e sua inserção no processo de urbanização da cidade de São Paulo

1.1 A família Pacheco e Chaves

Fernando Pacheco e Chaves nasceu na provinciana São Paulo da segunda metade do século XIX, em 1867. Seus pais, Elias Antonio Pacheco e Chaves e Anésia da Silva Prado, pertenciam a famílias proprietárias de terras e produtoras de café. Os pais de Anésia eram Veridiana Prado e Martinho Prado, e seus irmãos, Anna Blandina, Antonio, Martinho, Eduardo e Antonio Caio da Silva Prado. Esses personagens cumpriram papel de destaque no cenário paulista do século XIX e primeiras décadas do século atual, por terem participado ativamente do processo de urbanização da cidade que a transformou em metrópole. Os registros da presença dessas famílias se inscreveram no próprio espaço urbano: o velódromo Veridiana Prado, que deu origem ao Clube Atlético Paulistano, a praça Antonio Prado, assim nomeada

em homenagem ao prefeito da época (1904), o edifício Martinico Prado, que na referência dos anos iniciais de 1900 era visto como um arranha-céu¹.

A família Prado representava os interesses da elite paulista voltada para os negócios com o café e teve grande atuação política no período, contribuindo para a ascensão de São Paulo no cenário nacional. Seu sucesso econômico e prestígio político foram alcançados em parte pelo fato de aliar atividades rurais e urbanas, num período em que estas últimas vinham tomando maior vulto em consequência do desenvolvimento da economia cafeeira e da instalação das primeiras indústrias na cidade. Eram proprietários de fazendas e, ao mesmo tempo, comerciantes, administradores públicos e advogados. A expansão cafeeira demandava uma rede de serviços de comercialização e exportação, atividades essencialmente urbanas². Os Prado participaram ativamente do processo de urbanização de São Paulo, por meio dessa vinculação entre a produção agrícola e o setor de comércio e exportação.

Anésia da Silva Prado foi pedida em casamento por seu primo Elias Antonio, aos 16 anos. Ele era plantador de café e advogado, natural de Itu. Martinho Prado respondeu ao pedido levando em consideração a opinião dos filhos e a importância de que sua filha completasse os estudos antes de se casar:

Estou convencido das excelentes qualidades do Pre. Elias não só por conhecimento que dele tenho por ter sempre ouvido muita linguagem principalmente dos meus filhos... Mas sendo ela ainda muito moça e não desejando que minha filha case-se sem ter

¹ Nestor Goulart Reis Filho. *São Paulo e outras cidades*.

² Ana Lúcia Duarte Lanna. *Uma cidade na transição, Santos: 1870-1913*.

*completado a pequena educação (...) por isso só com mais esperança, e sendo da vontade dela poderia lhes realizar o que me proponhas*³.

Tal resposta revela que algumas práticas diferenciavam a geração do pai de Anésia das precedentes, nas quais a autoridade paterna era inquestionável. Para essas famílias da elite paulista, as relações entre pais e filhos, entre homens e mulheres e entre gerações já não cabiam mais essencialmente no registro de uma sociedade patriarcal⁴, ainda que o casamento permanecesse como estratégia fundamental de manutenção do capital econômico e social⁵.

Casaram-se dois anos depois, em 1868, e foram morar em Itu. Em 1874, mudaram-se para São Paulo, onde Elias ocupou diversos cargos públicos, chegando a vice-presidente da província em 1885 e em 1891. Após a proclamação da República foi eleito senador estadual, integrando o Congresso Constituinte de 1891⁶.

³ Darrell E. Levi. *A família Prado*, p. 86.

⁴ O termo “patriarcal” é usado aqui com referência ao domínio do chefe de família sobre as decisões de seus filhos e esposa. A atitude dos pais de Anésia se contrapõe àquela que Samara atribui às famílias paulistas do começo do século XIX. Segundo esta autora, “a legalização das uniões dependia do consentimento paterno, cuja autoridade era legítima e incontestável, sendo de sua competência decidir e até determinar o futuro dos filhos”. Eni de Mesquita Samara. *O espaço da família: vida doméstica e relações sociais. As mulheres, o poder e a família*, p. 89.

⁵ Maria Helena Bueno Trigo, com base na pesquisa realizada por Samara sobre a família paulista (ibidem), afirma que “o casamento consaguíneo, prática extremamente difundida entre os paulistas desde os tempos coloniais até fins do século XIX, parece ter sido a principal estratégia ao tempo em que a grande preocupação era a concentração econômica com a não-divisão das propriedades. Era, então, altíssima a percentagem de casamentos entre primos e tios com sobrinhas entre a categoria dos proprietários rurais”. Maria Helena Bueno Trigo, *Ser e parecer*, p. 92. Ver também: Darrel Levi, op. cit.; Eni de Mesquita Samara. *A família na sociedade paulista do século XIX*.

⁶ Elias Chaves Neto. *Minha vida e as lutas do meu tempo*.

Como membro da elite cafeeicultora paulista, Elias Antonio participou de várias iniciativas a fim de promover a produção e comercialização do café. Em 1867, fez parte da fundação da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, cuja Presidência ocupou entre os anos de 1883 e 1911. Formada por capital exclusivamente nacional, de cafeeicultores paulistas, a Companhia realizava extensões de linhas ferroviárias e empreendimentos vinculados à produção, entre os quais fornecimento de mão-de-obra e investimentos no setor de transporte fluvial⁷. Na década de 1930, “organizou uma empresa cujo objetivo era comprar velhas fazendas improdutivas a fim de revender as terras a pequenos sitiantes e assim reerguer as regiões que caíam em decadência”⁸.

As ferrovias não só abriram novos caminhos para o desenvolvimento da economia de São Paulo, como também configuravam uma nova geografia ao se ramificarem em diversas linhas pelo interior. A Companhia Paulista, assim como a Sorocabana, a Mogiana, a São Paulo Railway, a Araraquarense, a Central, a Bragantina e a Noroeste, transformaram o interior paulista numa rede de linhas ferroviárias que servia sobretudo ao transporte de café, tendo por centro articulador a cidade de São Paulo, que direcionava a mercadoria para o porto de Santos. As três primeiras ferrovias citadas eram as de maior relevo, possuindo juntas 50% de toda a malha ferroviária paulista⁹.

A Paulista criou, em 1872, as linhas Jundiaí e Campinas. “De Campinas partiram a Mojiana e as novas linhas de Rio Claro a São Carlos e a Porto Ferreira, com bitola larga, que se integraram à Paulista. De São Paulo partiam a estrada de ferro São Paulo e Rio, pelo Vale do Paraíba, e a Sorocabana, em

⁷ Richard M. Morse. *Formação histórica de São Paulo*, p. 230.

⁸ Elias Chaves Neto, op. cit., p. 64.

⁹ Roberto Catelli Jr. *Brasil: do café à indústria*, p. 44.

direção a Sudoeste. De Jundiaí partiu a Ituana, atingindo Tietê, Porto Feliz e Piracicaba”¹⁰.

Além da implantação de um sistema de transportes para o escoamento da produção de café, que cada vez mais se intensificava, os cafeicultores paulistas necessitavam trazer mais braços para as lavouras, que se proliferavam pelo interior. Daí a criação, em 1886, da Sociedade Promotora de Imigração — por iniciativa, entre outros, de Elias Antonio —, uma associação de agricultores que tinha por objetivo recrutar, transportar e distribuir trabalhadores imigrantes. Ela funcionou até 1895, quando suas funções passaram a ser exercidas pelo próprio governo estadual. Entre os documentos da coleção Fernando Pacheco e Chaves há um folheto desta sociedade datado de 1886, que descreve a província de São Paulo em detalhes, trazendo informações sobre população, clima, vegetação, costumes, doenças, instituições públicas etc. O folheto procurava incentivar a vinda dos imigrantes, apresentando as vantagens da cidade e seu promissor futuro como metrópole. As finalidades dessa sociedade são descritas da seguinte forma:

Na cidade de São Paulo existe uma sociedade composta de homens importantes, com um capital de 500:000 \$, que trata de transportar imigrantes da Europa para a província de São Paulo. Esta sociedade dá passagem gratuita a qualquer porto da Europa para o porto marítimo de Santos, a toda família de imigrantes que quiser vir estabelecer-se na Província de São Paulo. Na Província de São Paulo o imigrante é livre de todo o contrato, tem a liberdade de escolher o meio de vida que lhe for mais conveniente, não consentindo a sociedade que o imigrante se sujeite a contratos. A família na Europa que quiser emigrar para a província de São Paulo deve escrever à

¹⁰ Nestor Goulart Reis Filho, op. cit., p. 28.

*diretoria da Sociedade Promotora da Imigração mandando a relação de pessoas que quiserem emigrar, e a sociedade mandará fornecer as passagens*¹¹.

As atividades da Sociedade Promotora de Imigração procuravam preencher as lacunas deixadas pelo fim da escravidão quanto à mão-de-obra¹². A entrada dos imigrantes viria também cumprir expectativas acerca da possibilidade de “branqueamento” da população brasileira, um dos fundamentos ideológicos da elite no período¹³. Para uma sociedade que mal havia deixado para trás a escravidão, a questão racial assumia grande interesse, principalmente para a elite paulista, que tinha pretensões de igualar-se aos padrões europeus e norte-americanos da época. No contexto da transição da escravidão para o trabalho livre, a cidade se deparava com a questão “de como lidar com esta população diversa, que se imiscuia no mundo urbano, avessa aos princípios de ‘civildade’. ‘Estrangeira’, mas ao mesmo tempo formalmente livre e igual”¹⁴. Em muitas cartas, os membros da família Pacheco e Chaves demonstram preocupações com a formação do povo e com a composição racial da sociedade brasileira, temas que irão aparecer nas correspondências até o final dos anos de 1920.

As preocupações com a mão-de-obra eram pertinentes para os Pacheco e Chaves, já que possuíam várias fazendas (Santa Cruz, na região de Araras,

¹¹ Museu Paulista, doc 11.575. Folheto da Sociedade Promotora de Imigração, de 1886.

¹² Não havia reserva de mão-de-obra suficiente para substituir o escravo, fazendo com que muitos fazendeiros, já em 1850, com a abolição do tráfico negreiro, inserissem no debate da época a questão do trabalho. Ver: Verena Stolke. *Cafeicultura: homens, mulheres e capital*.

¹³ Mariza Corrêa. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*, p. 211.

¹⁴ Ana Lúcia Duarte Lanna, op. cit., p. 19.

Queluz, em Elias Fausto, Santa Lydia e Santa Maria, em Ribeirão Preto e Ourinhos respectivamente) com plantações de café, cultura que exigia trabalho muito intensivo. Na fazenda Santa Cruz a família se hospedava e passava longas temporadas. “No inverno por ocasião das colheitas, as famílias iam para as fazendas. A elas se chegava de trem; e era como saltar num outro mundo. O mundo da natureza com seu silêncio, o cheiro da terra, o calor do sol”¹⁵.

A fazenda Santa Cruz havia sido comprada, em 1854, por Martinho da Silva Prado para a sua filha Anésia. Em 1906, a fazenda teve seu nome modificado para Elihu Root, nome do primeiro secretário de Estado norte-americano a vir ao Brasil, o qual se hospedou nesta mesma fazenda e na residência de Elias Chaves em São Paulo.

Algumas cartas de Anésia relatam a visita do secretário, descrevendo todos os preparativos para a sua chegada, como arrumação, reforma da casa e nova decoração. Elihu Root veio ao país para participar da 3ª Conferência Pan-Americana, em que se discutiu a construção de uma estrada de ferro pan-americana. A presença deste secretário de Estado simbolizava a entrada de “investimentos americanos no Brasil na forma de concessões de serviços públicos como ferrovias, serviços telefônicos, de energia elétrica etc.”¹⁶, forma de penetração econômica que duraria até a I Guerra Mundial, quando estes investimentos deixaram de ser lucrativos. No final dos anos de 1910, com a crescente industrialização, a economia brasileira necessitava de serviços de infra-estrutura baratos, contrariando os interesses de investidores estrangeiros.

¹⁵ Elias Chaves, op. cit., p. 25.

¹⁶ Paul Singer. “O Brasil no contexto do capitalismo internacional, 1889-1930”, p. 381.

O ano de 1906 também foi marcado pela primeira grande valorização do café, após sucessivos anos de crises. A partir daí a participação britânica nas exportações de café diminuiria, já que o café não era um produto de consumo popular entre os ingleses, e aumentaria as participações norte-americana e alemã. A crescente presença dos Estados Unidos como nova referência não só econômica mas também cultural foi tema cada vez mais freqüente das correspondências da família Pacheco e Chaves. As cartas fazem alusões às cidades norte-americanas, aos padrões de comportamento de homens e mulheres da América e aos personagens do cinema.

A rede de relações internacionais fazia parte dos negócios da família Pacheco e Chaves. Em 1880 a família Prado fundara uma companhia para a administração das exportações do café. Posteriormente, em 1887, a ela juntaram-se como sócios Elias Antonio Pacheco e Chaves e Elias Fausto Pacheco Jordão, formando a Companhia Prado e Chaves, que se tornou uma das mais importantes exportadoras em Santos e única empresa brasileira do gênero. Já no início do século XX, a Prado e Chaves possuía uma rede de agências espalhadas pelos Estados Unidos, Europa e, principalmente, países escandinavos. Essa companhia perdurou até pelo menos os anos de 1960¹⁷, sendo administrada por membros de várias gerações da família.

As atividades de produtores, comissários e exportadores de café, desenvolvidas concomitantemente, favoreceram os negócios das famílias Prado e Pacheco e Chaves. Como comissários, desfrutavam maiores vantagens do que aqueles apenas produtores de café. Em épocas de crise e baixa do preço do

¹⁷ As informações sobre a Companhia Prado e Chaves foram extraídas de Darrel Levi, op cit., e Maria Pacheco Chaves. *Os grandes esquecidos de um Brasil verdadeiro*.

produto, muitos fazendeiros propunham aos comissários a entrega de suas propriedades agrícolas. A Prado e Chaves adquiriu várias destas propriedades, estendendo assim seu patrimônio. Serviu também de intermediária entre o Estado brasileiro e o internacional na comercialização do café, além de realizar operações vinculadas ao esquema de valorização do produto nos períodos de crise¹⁸.

Certamente, foi com as atividades desenvolvidas na Prado e Chaves que as respectivas famílias conseguiram boa parte de seu capital econômico e político. Esse capital perpassava também as relações familiares, mediante trocas de favores entre os parentes. É o que demonstram as cartas em que se solicitam admissão a um emprego, apoio a candidaturas, empréstimos financeiros etc. As mulheres eram parte importante nessas transações, pois muitas vezes constituíam-se em porta-vozes desses pedidos de auxílio, como se verifica na carta recebida por Alzira, mulher de Fernando Pacheco e Chaves, de um primo:

Tenho a honra de cumprimentá-la e ao Fernando, desejando-lhes juntamente com vossos graciosos filhos perfeita saúde. Eu graças a Deus estava radicalmente bom. Mas, nada é perfeito neste mundo, pois por motivo de força maior tive que me desempregar, a razão é a seguinte: os médicos me ordenaram que não voltasse à fazenda porque poderia vir-me novamente a moléstia. De modo que estive em São Paulo no dia 18 do mês de abril, como a senhora me dissesse que estava no Rio, não fui à vossa casa. Vos peço empregar a vossa influência a fim de me obter um emprego qualquer. Com o Sr. Luiz Bueno de Miranda, gerente das fazendas que ele gere. Habitado a ganhar cem mil réis por mês, me contento com essa mensalidade e mesmo com menos, o que eu não quero é estar parado. Poderei

¹⁸ Boris Fausto. "Expansão do café e política cafeeira", p. 225.

*administrar, ou ser ajudante, ou recebedor de café, ou fiscal de máquinas, qualquer cargo me serve. Também posso servir para comprar e agenciar café para a Casa Prado Chaves. (...) Sei que está difícil um emprego, mas para você não é impossível conseguir-mo*¹⁹.

O grupo econômico da Companhia Prado e Chaves foi responsável por várias outras atividades na cidade de São Paulo, como a criação da Companhia Jardim da Aclimação, Zoológico e Botânico de São Paulo, que comercializava terrenos para a construção de parques e jardins. Também criou a Companhia Balneária da Ilha de Santo Amaro, em propriedades pertencentes a Elias Antonio Pacheco e Chaves, que as herdara de seu pai, nas praias da Enseada e Pitangueiras, no Guarujá. Em 1892, foi organizado um plano turístico para o local que “incluía um cassino, um hotel, o loteamento e a construção de 46 casas residenciais e de uma linha férrea”²⁰. Todas as construções vieram dos Estados Unidos e foram montadas no local. “Quem percorresse o Guarujá naqueles tempos poderia se acreditar no oeste americano. As casas tinham partes das estruturas de madeira aparentes e cobertura com telhas tipo Marselha. (...) Os chalés apareciam como novidades e eram registrados nos cartões-postais”²¹.

Um dos filhos de Fernando Pacheco e Chaves, Elias Chaves, retratou em suas memórias esse período em que a família passava longos períodos no Guarujá: “Ia-se a Santos naqueles tempos; ia-se de trem. Ia-se igualmente a Guarujá, durante a estação de inverno. (...) Uma cidade de brinquedo em face de uma praia, que ainda conheci em todo o seu primitivismo romântico, com

¹⁹ Museu Paulista, doc. 11.418. São Manoel, 3 de maio de 1905.

²⁰ Nestor Goulart Reis Filho, op. cit., p. 51.

²¹ Ibidem.

ranchos de pescadores no seu final, numa baía formada pelas pedras de um morro que, como uma pinça, avança sobre o mar; ‘as canoas dormindo na areia’ para usar a expressão de uma canção e, na terra polvilhada de branco, uma plantação de cana, com moenda de madeira, toda desconjuntada, para fazer garapa”²².

No final do século XIX, a vida social e cultural da cidade tinha lugar basicamente nos salões das casas burguesas, onde se promoviam encontros familiares, saraus e bailes. Em várias cartas da família Pacheco e Chaves há descrições dos bailes e jantares que freqüentavam, os quais, além das viagens, constituíam a principal atividade social da família.

Já no início do século XX, os integrantes da família passaram a freqüentar os vários espaços de lazer públicos que surgiam na cidade: clubes esportivos, cinematógrafos, exposições. Os recantos vinculados ao lazer se multiplicavam na cidade de São Paulo, com o objetivo de divertir a nova população urbana. Os locais íntimos de entretenimento da família burguesa dos séculos XVIII e XIX davam lugar aos “circuitos coletivos”²³, nos quais a elite teve acentuada presença.

²² Elias Chaves Neto, op. cit., p. 85. Em suas memórias (*Elos de uma corrente*), Laura Oliveira Rodrigo Octávio também comenta suas idas ao Guarujá e refere-se à presença dos Pacheco e Chaves: “E íamos para o bouquet da granfinagem paulista: Prados, Penteados, Chaves, Prates (...)”. (p. 149). Numa espécie de autobiografia (*Um homem sem profissão*), Oswald de Andrade também comenta seus passeios com a família no Guarujá nos últimos anos do século passado. Numa visão mais irônica, retrata a localidade como “o recanto marítimo que reunia as elites de calção comprido que banhavam as pundonorosas canelas e dissimulavam as bundas, ante o mar rancoroso e verde, onde se erguia em frente a Ilha da Moela” (p. 24).

²³ A expressão é utilizada por Nicolau Sevcenko em *Orfeu extático na metrópole*, em que analisa a cidade de São Paulo na passagem do século.

Uma vez apresentados alguns aspectos mais gerais da trajetória da família Pacheco e Chaves e sua relação com o processo de urbanização da cidade de São Paulo, trataremos a seguir do percurso do núcleo familiar de Alzira e Fernando Pacheco e Chaves, cuja correspondência foi objeto central da análise.

1.2 O núcleo familiar Fernando Pacheco e Chaves

Anésia e Elias tiveram dez filhos: Fernando, Marietta, Elias, Lucilla, Raul, Eponina, Eduardo, Anezia, Jorge e Antonio Caio. Fernando Pacheco e Chaves, o filho mais velho, estudou Direito em Cambridge por volta de 1885 e participou das atividades comerciais e administrativas vinculadas aos negócios da família. Por um longo período de sua vida, acumulou a correspondência da família.

Até o início do século XX a família Pacheco e Chaves vivera seu apogeu econômico, graças às boas colheitas e ao comércio do café. Em meados de 1890, Fernando casou-se com Alzira Barros, também pertencente à elite cafeeira. Entre 1897 e 1903 nasceram seus cinco filhos: Fernando Miguel, Elias Antonio, Olegário, Maria e Mário.

Em 1903, com a morte de Elias Antonio, Fernando Pacheco e Chaves como primogênito, se viu obrigado a assumir os negócios da família. Pelo que transparece nas cartas, ele não parecia ser muito dedicado aos afazeres de

cafeicultor. Como membro de uma nova geração, que já experienciava os frutos do processo de urbanização, não lhe entusiasmava a vida no campo, de forma que se voltou mais para atividades relacionadas à comercialização do café e demais produtos. Mesmo assim, decidiu mudar-se com a família para a fazenda Santa Cruz, no que foi incentivado pela mãe, desejosa de vê-lo fazendeiro:

Acho muito boa a resolução que tomaram de ir morar na fazenda, visto não poderem fazer economias em São Paulo, e também Fernando ficará ocupado e praticará mais a ser fazendeiro, e é justamente agora que isto será mais fácil, visto mais tarde complicar com a educação dos filhos²⁴.

Sua estadia no campo, porém, teve curta duração.

Estando na fazenda ou em São Paulo, Fernando e Alzira constantemente viajavam pela Europa, pelo interior de São Paulo e pelo litoral. Mesmo após o nascimento dos filhos, continuaram fazendo longas viagens, levando-os consigo ou deixando-os aos cuidados da avó Anésia e com uma *Fraulein*. Quando viajavam para a Europa ou para as fazendas, esta os acompanhava e permanecia todo o tempo com as crianças, que constantemente a citavam nas suas cartas. A importância da *Fraulein* na educação das crianças é sugerida em uma carta do jovem Miguel aos pais:

Mamãe nos diz na carta que Fraulein já seguiu para a Europa. E definitivamente ou unicamente por passeio. Se for definitivamente sinto muito porque apesar de quase nunca escrever-lhe gosto muito de

²⁴ Museu Paulista, doc. 10.234. Paris, 15 de abril de 1898.

*Fraulein. Como é que não ia gostar da pessoa que me educou e que me ensinou por assim dizer tudo o que eu sei até vir para cá?*²⁵

Por volta de 1911, a família fixou residência em Lausanne, onde Fernando desejava que seus filhos estudassem. Fernando Miguel e Elias, os filhos mais velhos, lá permaneceram por mais tempo que o resto da família, só retornando em 1914, com o início da I Guerra Mundial. Voltaram sem que tivessem terminado seus estudos. Fernando Miguel entrou então para o exército e seguiu carreira militar, dedicando-se à aviação, como fizera seu tio paterno Edu Chaves, um dos maiores aviadores brasileiros do período. Kursou a Escola Militar do Realengo e a Escola de Aviação Marechal Hermes. Participou do grupo de repressão à revolta do Forte de Copacabana de 1922 e da Revolução de 1924, em São Paulo. Em 1926, comandou uma das tropas que perseguiram a Coluna Prestes, quando em passagem pela Bahia contraiu uma febre conhecida à época como “terça maligna”, que o vitimou²⁶.

Grande parte do acervo da correspondência da família é composta por cartas de Fernando Miguel Pacheco e Chaves, as quais permitem descrevê-lo como um jovem nacionalista, que desde a adolescência nutria a idéia de seguir a carreira militar.

Os filhos de Fernando Pacheco e Chaves não se interessaram pelas atividades agrícolas e comerciais, que tradicionalmente haviam acompanhado a trajetória da família. Todos eles, com exceção de Maria, a única filha mulher, foram estudar na Europa, em países como Suíça (Lausanne) e Inglaterra

²⁵ Museu Paulista, doc. 10.801. Lausanne, 3 de abril de 1914.

²⁶ Elias Chaves Neto, op. cit.

(Cambridge), ou nos Estados Unidos, na cidade de Nova York. Depois de formados, Elias Antonio e Mário trabalharam em companhias privadas ou tornaram-se funcionários públicos em São Paulo ou na capital federal. Elias Chaves, que teve maior destaque no cenário público, divergia ideologicamente dos membros da família. Formou-se em Direito em 1923 e cursou Filosofia e Sociologia, em 1935, na Universidade de São Paulo. Trabalhou como advogado no Departamento Legal das Empresas Elétricas Brasileiras²⁷, no Rio de Janeiro e Recife, onde morou nos anos de 1930. Em 1935 regressou a São Paulo e tornou-se advogado do prefeito em exercício (1934-38), Fábio da Silva Prado. Foi correspondente de vários jornais e editor das revistas *Fundamentos* e *Brasiliense*, esta última entre 1954 e 1963.

Após 1930, Elias Chaves entrou para o Partido Comunista e participou de várias atividades políticas, sendo preso várias vezes. Depois de seu ingresso no partido entrou em grave crise financeira, já que vários de seus clientes recusavam-se a manter os serviços de um advogado comunista. Casou-se nos anos 30 e teve dois filhos: Fernando Miguel e Mônica. O primeiro foi estudar piano na União Soviética e a menina frequentou cursos de balé em Moscou.

Antonio Olegário não teve nenhum destaque em sua vida profissional. Tornou-se boêmio e extravagante. Trabalhou na fazenda da família por um tempo, mas gostava mesmo era da vida na cidade, suas festas e cafés (frequentava muito a Confeitaria Vienense, no centro de São Paulo). Faleceu na década de 1940, vítima de um enfarte²⁸.

²⁷ Subsidiária da Electric Bond and Share Company, truste americano de eletricidade do período. Ver: *ibidem*.

²⁸ As informações sobre os filhos de Elias Chaves e Antonio Olegário nos foram fornecidas, em entrevista, por Alzira Pacheco e Chaves.

No início do século XX, a família passou por sucessivas crises financeiras, a primeira em 1906. Para enfrentá-las, diversificou suas atividades econômicas e dedicou-se à plantação de novas culturas. Fernando tentou a sorte com a cultura de alfafa na fazenda Santa Cruz, mas não foi comercialmente bem sucedido neste novo empreendimento. Conseguiu depois recuperar uma parte de seu poder econômico, e em 1911 comprou a fazenda Santa Maria por quatrocentos contos de réis²⁹.

As crises econômicas da família, assim como de grande parte dos produtores agrícolas, sobrevieram em função de dedicarem-se a um único produto, o café, sujeito a condições não só administrativas, mas também climáticas. Geadas (1918) e secas (1923) devastavam a produção e mesmo em épocas de boas colheitas havia problemas com os colonos, principalmente nos anos de 1910.

Felizmente depois de grande luta pudemos conseguir as procurações dos colonos. Em Santa Maria estão todos trabalhando, saíram apenas três famílias novas, que todas elas só tratavam 12 mil pés. Em Santa Lydia os colonos novos saíram quase todos, ficando 90 mil pés descolonizados (...) este ano é muito difícil arranjar colonos para a colheita. Amanhã vou a Ribeirão Preto arranjar camaradas para carpir e arruar café e quero ver se consigo o pagamento destes ser feito em junho. Hoje remeti ao Dr. Raul Chaves uma lista de mantimentos que precisamos fornecer aos colonos e peço mandarem esses mantimentos o mais breve possível para evitar fuga de alguns colonos que estão sem recurso³⁰.

²⁹ Maria Luiza Albiero Vaz. *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo*, p. 63.

³⁰ Museu Paulista, doc. 11.354. Ribeirão Preto, 11 de março de 1914.

A alternativa do trabalho do imigrante em sistema de colonato contribuiu para a expansão do café no Oeste paulista, mas não sem conflitos. Principalmente em épocas de crise, com a baixa do preço do café, ocorriam muitos problemas entre fazendeiros e colonos. O episódio mencionado no trecho da carta acima reproduzido não representava exceção: “Não era incomum que os colonos fugissem à noite da fazenda, antes que seus contratos tivessem expirado, se eles se sentissem tão sobrecarregados por muitas pesadas, salários baixos ou doenças na família, que não vissem forma de saldar as dívidas até o fim do ano”³¹.

Porém, a relação com os colonos não consistia apenas em dificuldades e problemas trabalhistas, como demonstra carta de Alzira a Fernando em que menciona a convivência dos filhos do casal com aqueles:

*Os três vão bem e muito se divertiram ontem festejando São João. Até assistiram a um baile de colonos! Foram com Marietta e gostaram muito, houve um momento em que Olegário ficou tão entusiasmado que saiu dançando com o “Printz”. (...) A sala de baile foi a cocheira dos burros*³².

Crises com o preço do café no mercado internacional, geadas, problemas com colonos e exorbitantes gastos familiares levariam Fernando Pacheco e Chaves ao declínio econômico. A década de 1920 foi marcada por conflitos de ordem financeira na família. As cartas de Alzira Pacheco e Chaves, particularmente, retratam os períodos difíceis por que passou a família, que

³¹ Verena Stockle, op. cit., p. 73.

³² Museu Paulista, doc. 10.516. Fazenda Santa Cruz, 24 de junho de 1914.

foram se intensificando durante essa década. No trecho abaixo Alzira fala sobre o momento em que ela e o marido tiveram que se decidir por sair da casa em que moravam, em São Paulo.

“Os últimos dias em nossa casa. Fernando e eu conversamos no jardim. O luar era lindo. Mario e Maria tinham ido à cidade e demoravam-se a voltar, Olegário estava em seu quarto e Baby jantava fora. Fernando, sempre aflito com a demora dos filhos à hora do jantar, nessa tarde nem pensava nisso, tais eram as preocupações que lhe tolhiam a alma, e ia-me expondo a nossa situação cada vez mais difícil. “Tudo que me prometeram falhou agora, só nos resta um recurso, alugarmos a casa mobiliada a um outro, a fim de tirarmos numa pequena venda dos móveis, com que você e Maria poderão viver morando numa pensão modesta, quanto a mim e aos meninos nos arranharemos de qualquer maneira”³³.

Nos anos de 1920, a fazenda Santa Cruz também foi vendida para a família Crespi, de origem imigrante piemontesa³⁴.

Fernando, juntamente com outros familiares, diversificou suas atividades econômicas, em parte para compensar prejuízos com o café e também porque aliar atividades agrícolas e comerciais era prática comum na época. Entre as atividades comerciais, trabalhou com importação de automóveis, criando a Sociedade Importadora de Automóveis. Fernando possuía uma loja em São Paulo; seu irmão Antonio Caio, no Rio de Janeiro; e

³³ Museu Paulista. doc. 10.754. “Páginas soltas”, 1921/27.

³⁴ Segundo Paoli, esta família acumulara “dinheiro através de negócios de exportação e, através do casamento com a filha de um imigrante enriquecido, fundou a primeira fábrica têxtil. A partir de 1906 partiu para a diversificação: cimento, chapéus, tecelagem de seda”. Maria Célia Paoli. *São Paulo operária e suas imagens*, p. 29.

Carlos, em Porto Alegre. Mas os negócios não pareciam ir bem. Várias cartas tratam das dificuldades financeiras, com pedidos de ajuda de Fernando ao seu irmão Antonio. Alzira rogava aos filhos, Elias e Olegário, que estavam estudando em Boston, em 1920, que valorizassem a oportunidade, porque estava sendo difícil sustentá-los³⁵.

Espero, porém, que estejas agora muito estudioso — olha que o dólar está caro e o money difícil de arranjar. (...) E se não aproveitares o tempo quem mais perde com isso és tu.

A partir da década de 1920 a situação econômica do país tornou-se crítica, em virtude da queda do preço do café no mercado internacional e da diminuição das exportações do produto: “A crise internacional de 1920 refletiu-se no volume e sobretudo no preço das exportações brasileiras de café, que caíram de 13 milhões de sacas, rendendo 73 milhões de libras em 1919, para 11,5 milhões, rendendo apenas 53 milhões de libras em 1920. Pressionado pelos interesses de São Paulo-Minas, o presidente Epitácio iniciou em 1921 a terceira operação valorizadora, utilizando-se de empréstimos externos e emissões. As emissões maciças entre 1921-1923 foram responsáveis em grande parte pela desvalorização do câmbio e pela inflação. Segundo cálculos imprecisos, o custo de vida dobrou no mesmo período, tendo sido aliás a crítica à inflação um dos temas do movimento tenentista”³⁶.

³⁵ Museu Paulista, doc. 10.735. São Paulo, 14 de agosto de 1920.

³⁶ Boris Fausto. “A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930”, pp. 412-414.

Com a crise econômica do país e os problemas enfrentados com o café, Fernando começou a dedicar-se a outras atividades. Após 1925, trabalhou no gabinete do prefeito do Rio de Janeiro, Antonio Prado Júnior, como assistente jurídico, e foi correspondente do *New York Times* no Brasil. Nesse período, Fernando e seu filho Elias, que também trabalhava na prefeitura como agente fiscal, chegaram a morar na capital federal, enquanto Alzira permanecia em São Paulo. Várias cartas do período entre Fernando e Alzira demonstram a péssima situação financeira pela qual passavam, mencionando os preparativos para uma mudança da família para a cidade do Rio de Janeiro.

Gostaria muito que pudesses vir passar uns dias aqui a fim de examinarmos tudo junto e tomarmos uma decisão. Não quero nada decidir se não de completo, absoluto acordo contigo, e, para isso, seria preciso que aqui viesses ver se te agradaria ficar morando algum tempo nessa cidade que me parece bem mais agradável do que a nossa³⁷.

No final dos anos de 1920, Alzira e os filhos que haviam permanecido em São Paulo juntaram-se a Fernando, e a família residiu na capital federal por algum tempo. Com a Revolução de 1930 e a queda do presidente Washington Luís, Fernando foi destituído de seu cargo no Rio de Janeiro. Mais uma vez a família se dispersou: Fernando, Alzira e Maria voltaram a São Paulo; Miguel já havia falecido; Elias estava casado e trabalhando em Recife; e Mário permaneceu morando no Rio. Este, em carta à mãe, comentou a nova separação da família:

³⁷ Museu Paulista, doc.10.419. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1925.

Havia já tempo que agradeci a Deus pelos cinco anos agradáveis que passamos unidos aqui no Rio, e em situação bem excepcional na verdade, e me preparava a continuar ou melhor, continuar a empregar da melhor forma possível dentro de minhas forças, e acima de tudo parecia indicar que deveria continuar no Rio, disposto de agora em diante a viver sozinho. Muitas boas razões me ocorreram que me fizeram considerar alegremente esse novo estado de coisas. Entre essas, a lembrança de que afinal de contas a maioria da humanidade vive separada dos que lhe são mais caros. Os ingleses vão às Índias, os franceses para a África, os italianos vem à América, o que representa distâncias bem maiores do que a do Rio a São Paulo³⁸.

Em 1934, Fernando foi reintegrado pelo prefeito Pedro Ernesto, do Rio de Janeiro, que ganhara as eleições com o compromisso de renomear os “amigos do Dr. Washington Luís”³⁹. Fernando, Alzira e Maria estabeleceram-se por algum tempo numa pensão. A filha colaborava para a subsistência do reduzido núcleo familiar, trabalhando como professora. Maria havia se formado no colégio Sion, onde estudava grande parte das filhas das famílias da elite paulista. Após a morte da mãe, em 1940, permaneceu morando com o pai e jamais casou-se. Empenhou-se na administração das terras que herdou, a fazenda Santa Maria, em Ourinhos, e foi a primeira fornecedora de cana-de-açúcar para a usina de Santa Cruz do Rio Pardo e usina Jacarezinho⁴⁰. Fundou, em 1962, a Liga Independente pela Liberdade, associação católica de cunho anticomunista. A Liga promoveu várias manifestações em favor da propriedade privada e em apoio ao golpe militar de 1964. Conforme nota publicada no

³⁸ Museu Paulista, doc. 11.218. Rio de Janeiro, 1932.

³⁹ Elias Chaves Neto, op. cit., p. 61.

⁴⁰ Informações fornecidas por Alzira Pacheco e Chaves Solari em entrevista realizada em 09/12/96.

jornal, Maria Pacheco e Chaves conseguiu reunir em torno da Liga várias personalidades políticas, o que demonstra sua influente inserção na vida pública dos anos de 1960.

Comemorando o aniversário da Constituição Brasileira, realizou-se ontem na Praça da República, ato público promovido pela Liga Independente pela Liberdade, fundada pela atual presidente, dona Maria Pacheco e Chaves. Estiveram presentes o deputado Cyro de Albuquerque, presidente da Assembléia Legislativa; o deputado Musetti Elias Antonio, representante do governador do estado; Adhemar de Barros; o deputado Camilo Ashcar; a vereadora Dulce Salles Cunha Braga; estudantes e outras personalidades. Enviaram mensagens aos promotores os deputados Herbert Levy e Sylvio Cunha Bueno, que realçaram o papel da Constituição, alertando a nação contra o perigo comunista⁴¹.

Escreveu um livro em que relata alguns aspectos da história de sua família, entremeados com discursos em prol da Igreja Católica, da propriedade privada e dos fazendeiros⁴².

Alzira faleceu em 1940 e Maria permaneceu morando com o pai até 1944, quando ele faleceu. Seus filhos herdaram a fazenda Santa Maria e revezaram-se na administração da propriedade. De acordo com Albiero Vaz, os irmãos Elias e Maria “tinham estilos administrativos radicalmente diferentes. Ela, (...) profundamente religiosa, cuidava da propriedade como sempre havia aprendido; ele, comunista convicto, um dos fundadores da Editora Brasiliense junto com seu primo e amigo, o historiador Caio Prado Júnior, fez questão de

⁴¹ Notícia transcrita do livro de Maria Pacheco e Chaves, op. cit.

⁴² Ibidem.

administrar a fazenda socializando-a com os empregados”⁴³. Mario, o filho homem mais novo, residiu na fazenda por algum tempo com a esposa e filhos.

A história da família Pacheco e Chaves aparece nas cartas de forma bastante fragmentada. Somente depois de várias leituras, resgatando cada detalhe, é que foi possível reconstituir a trajetória da família, mas ainda assim restam diversas interrogações sobre determinados períodos e acontecimentos. Parte desse enredo foi possível recuperar também por meio dos livros dos filhos de Fernando, Elias Chaves e Maria Pacheco e Chaves, mas sem muitos detalhes, pois nenhum dos dois reconstituiu efetivamente a história da família. Alguns aspectos também foram recuperados mediante entrevistas que realizamos com Alzira Pacheco e Chaves Solari, filha de Mario Pacheco e Chaves, e com Anésia Pacheco e Chaves, filha de Edu Chaves.

De qualquer forma, as dificuldades documentais não constituem o único argumento para que não se tenha aqui construído uma história da família Pacheco e Chaves. Selecionar acontecimentos desse sujeito coletivo que é a família, ordenar cronologicamente e imputar uma lógica nessa trajetória significaria, conforme coloca Bourdieu, “ceder a uma ilusão retórica”⁴⁴. Segundo este autor, as biografias, histórias de vida ou mesmo as histórias de família procuram representar a “vida como história” através de uma sucessão de eventos. “Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um ‘sujeito’ cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo

⁴³ Maria Luisa Albiero Vaz, op. cit., p. 42.

⁴⁴ Pierre Bourdieu. *Razões práticas*, p. 76.

quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações”⁴⁵.

Desta forma, ao se apresentar este breve relato sobre os Pacheco e Chaves não se pretendeu edificar uma história, mas sim contextualizar sua trajetória a partir da correspondência da família.

1.3 *A cidade das chácaras*

O processo histórico de São Paulo, da elite do café ou mesmo da família Pacheco e Chaves poderia ser reconstituído a partir do próprio espaço urbano. Palacetes, monumentos, edifícios *art-nouveau* e ruas cujos nomes permanecem até hoje — estes espaços e símbolos guardam ainda algum significado, ao menos histórico, e a partir deles memórias podem ser reconstruídas. O diálogo entre esses espaços, entre memórias e significados diferenciados imputados a cada lugar, é o que forma a complexa “*doxa urbana*”. Diálogo construído no terreno urbano, formado por histórias comuns, fábulas, lendas e reminiscências⁴⁶.

As cidades constróem espaços significativos ou até mesmo celebrativos do contexto político e econômico. A elite do café consolidou vários espaços

⁴⁵ Ibidem, p. 81.

⁴⁶ Maria Stella M. Bresciani. *Nas ruas, os caminhos da cidade*.

que celebravam o seu apogeu econômico e seu prestígio social⁴⁷. Tais espaços se modificam constantemente e, segundo Bresciani, acumulam significações, memórias diversas e difusas “que se substituem tecendo o fio condutor da opinião como transmissão de memórias”⁴⁸.

Os monumentos erguidos e as ruas abertas estabeleciam um quadro de referências para um determinado grupo social ou até mesmo para a população como um todo. Segundo Amaral Dick, dava-se o nome de determinada pessoa a uma rua “porque a pessoa estava viva e servia-se dela para identificar o lugar que se queria tornar conhecido; o emprego do nome individual prendia-se, portanto, à utilidade do designativo para o uso comum da população, conhecimento da informação transmitida e facilidade de seu acesso”⁴⁹. É o caso, por exemplo, da rua Dona Veridiana, onde residia, além dela mesma, a família de Elias Antonio Pacheco e Chaves⁵⁰.

Da mesma forma, a descrição dos limites geográficos do Oeste paulista, no século XIX, poderia ser feita a partir das inúmeras propriedades familiares. A distância entre uma fazenda e outra era grande, o que muitas vezes significava isolamento. As famílias habitavam um universo fechado em si mesmo, em que suas fronteiras eram inscritas por meio de cada nome familiar. Assim, a fazenda Santa Cruz, de propriedade da família Pacheco e Chaves, é definida em documento escrito por volta de 1887: “A fazenda Santa Cruz

⁴⁷ Meyer expõe a dimensão simbólica da avenida Paulista, criada para ser “cenário”, “palco” “*mise-en-scène* da vida burguesa provinciana”. Regina Maria Prosperi Meyer. *O papel da rua na urbanização paulistana*.

⁴⁸ Maria Stella M. Bresciani, op. cit., p. 28.

⁴⁹ Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. *A ciranda dos nomes na toponímia de São Paulo*.

⁵⁰ Maria Cecília Naclério Homem. *Higienópolis, grandeza e decadência de um bairro*.

divide pelo lado do norte, na extensão total de 3300 metros com as terras de Arthur Cincinato de Almeida Lima e da Baronesa de Arary e do Coronel João Soares, pelo lado sul, na extensão de 3.211 metros, com as terras do Coronel Pedro Ivo de Castro e da Fazenda de São Francisco de Araras, pelo lado do leste, na extensão total de 6.361 metros com as terras do Barão de Tatuhy”⁵¹.

Até meados do século XIX, quando quase metade da população ainda vivia na área rural ou exercia atividades agrícolas⁵², a cidade de São Paulo manteve essa mesma geografia delineada pelas propriedades familiares. O traçado das ruas e a proximidade das residências favoreceram até certo ponto a continuidade da “sociedade de parentes”, em que a origem social gerava diferenças e hierarquias⁵³. Tais configurações rurais ainda se perpetuaram por algum tempo na vida social urbana. As divisas eram estabelecidas pelas inúmeras chácaras da elite cafeeira, entre as quais Ana Machado, do Arouche, do Brésser, das Palmeiras, do Barão de Limeira, do Bexiga, do Carvalho (pertenceu a Antonio Prado), Martinho Prado⁵⁴.

A vida privada da elite era marcada pela presença dos escravos na vida doméstica das chácaras. Segundo Maria Cecília Naclério Homem, as chácaras eram auto-suficientes assim como as fazendas, já que a cidade de São Paulo, até meados do século XIX, experienciava crises de abastecimento de água e

⁵¹ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, doc. 467. Divisas da fazenda Santa Cruz.

⁵² Maria Cecília Naclério Homem. *O palacete paulistano*, p. 63.

⁵³ Eni Mesquita Samara. *As mulheres, o poder e a família*, p. 92. Até o início do século XX, a família Pacheco e Chaves e a família Prado viveram bem próximas, quando não na mesma residência.

⁵⁴ Antonio Barreto do Amaral. *Dicionário de história de São Paulo*.

gêneros alimentícios. Nessa época era imprecisa a separação entre campo e cidade⁵⁵.

A partir da segunda metade do século XIX, essas chácaras foram aos poucos sendo loteadas, dando lugar a novas ruas na cidade. Elas perderam sua razão de ser, num espaço que se refazia segundo a necessidade de circulação de pessoas e mercadorias. Desse modo, redefiniam-se os próprios limites da cidade, entre o que era considerado urbano ou rural. A urbanização iniciada pela elite cafeeira fez com que a cidade deixasse de ter o aspecto de uma acanhada província. Sua remanescente aparência de vila colonial foi cedendo lugar a uma fisionomia moderna e cosmopolita⁵⁶. Até o início do século XX a cidade comportou paisagens e atividades tanto urbanas como rurais. Apesar do rápido crescimento de um centro urbano, da instalação de casas de comércio e do surgimento das primeiras indústrias, em bairros como Mooca e Brás, as margens da cidade conservaram um aspecto campestre, demarcando no seu próprio interior a oposição entre campo e cidade⁵⁷.

A expansão das estradas de ferro contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da cidade. Não só pelo aspecto econômico, transformando-a num centro de comercialização do café, mas também em termos de sua expansão territorial e populacional. Entre 1881 e 1900 foram criados 41 municípios no estado de São Paulo, a grande maioria às margens das ferrovias⁵⁸. Uma nova geografia daí surgiu, alterando-se lugares e distâncias.

⁵⁵ Maria Cecília Naclério Homem, op. cit., p. 39.

⁵⁶ Sobre as transformações dos espaços urbanos da cidade, ver: Nestor Goulart Reis Filho, op. cit.; Richard M. Morse, op. cit.; Ernani Silva Bruno. *História e tradições da cidade de São Paulo*.

⁵⁷ Maria Célia Paoli, op. cit.

⁵⁸ Elias Chaves Neto, op. cit.

As próprias relações políticas na província de São Paulo se transformaram, dotando de poder estes cafeicultores responsáveis pela expansão da economia paulista.

Utilizando uma expressão de Raymond Williams, diríamos que as estradas de ferro trouxeram uma “nova mobilidade”, um novo ritmo para a cidade e seus habitantes⁵⁹. Antes da construção das estradas de ferro as viagens eram mais raras e os fazendeiros permaneciam mais tempo em suas fazendas. Principalmente as mulheres, que não estavam tão habituadas a viagens a cavalo ou carros-de-boi. Conta que Veridiana Prado, entre os anos de 1840 e 1860, residia em sua fazenda em Mogi-Mirim e só viajava “quando cada um dos seus seis filhos estava para nascer, sendo que uma vez se atrasou e deu à luz na casa de uma fazenda no caminho, voltando em seguida para casa, pois não havia mais necessidade de continuar”⁶⁰. Mas não só para os grandes proprietários tornou-se inviável o modo de vida sedentário, pois “a cafeicultura criava uma verdadeira itinerância dos trabalhadores que ficavam, na maioria, em constante deslocamento das fazendas menores e mais antigas para aquelas que reservavam para eles a esperança de autonomia econômica”.

O ritmo da cidade alterou-se com a expansão do café pelo Oeste paulista e das ferrovias, e grande parte dos fazendeiros mais ricos começou a construir suas casas na cidade, deixando de permanecer integralmente nas fazendas⁶¹. É o caso da família Pacheco e Chaves, cujos negócios com o café envolviam não só o plantio, mas principalmente a administração de sua comercialização e exportação, obrigando seus membros a permanecer por mais

⁵⁹ Raymond Williams. *O campo e a cidade*, p. 227.

⁶⁰ Richard Morse, op. cit., p. 192.

⁶¹ J. Love. *A locomotiva*, p. 123.

tempo na cidade. Aos poucos o deslocamento e a rapidez do movimento dos trilhos iam deixando para trás as barreiras quase intransponíveis entre a cidade e a fazenda, aproximando os dois mundos⁶².

Além disso, o complexo econômico e político que surgia a partir da produção do café ia muito além das funções estritas da agricultura. Sua comercialização exigia uma rede de serviços e de infra-estrutura. Dentre os cafeicultores, emergiam aqueles que se tornariam banqueiros, importadores, comerciantes, ocupantes de postos públicos etc.⁶³ Desse modo, a mescla entre o urbano e o rural não se dava apenas na nova geografia da cidade, mas os dois mundos juntavam-se num só, já que então não havia diferenciação clara entre capital cafeeiro e capital industrial.

A própria definição dos limites entre a cidade e o campo tornou-se confusa para os administradores públicos. O regulamento que cobrava o Imposto Predial, de 1856, definia a cidade ainda confundindo-a com o campo, pois a estendia às regiões de chácaras. Já em 1873 esse mesmo regulamento passou a definir a cidade como algo completamente distinto do campo⁶⁴.

Com a participação de engenheiros e arquitetos estrangeiros, várias obras de infra-estrutura, reforma urbana e remodelação de ruas foram redesenhando o espaço da cidade, “eliminando qualquer traço não-europeu ou ‘caipira’ que porventura perdurasse em suas ruas, em suas casas, em seus jardins, em seus costumes”⁶⁵. O objetivo era torná-la o mais semelhante possível às capitais européias. Cidades como Paris e Londres eram sinônimos

⁶² Marina Maluf. *Ruídos da memória*, p. 144.

⁶³ Roberto Catelli Jr., op. cit., p. 10.

⁶⁴ Ernani Silva Bruno, op. cit., p. 907.

⁶⁵ Ibidem, p. 911.

de beleza, sofisticação e civilização, referências primordiais para a elite paulista. Nesse sentido, a estética européia foi adotada como proposta de transformação da cidade pelo seu primeiro prefeito. Uma amiga de Alzira manda-lhe uma carta entusiasmada com as reformas da cidade:

*Breve irei para São Paulo fazer uma visita e ver como está embelezada*⁶⁶.

Antonio da Silva Prado, entre os anos de 1899 a 1911, preocupou-se em remodelar o centro paulistano por meio de arborização, construção de jardins “à inglesa” e edifícios nos mais variados estilos oriundos de países europeus⁶⁷.

A família Pacheco e Chaves, juntamente com as demais famílias da elite do café, foi responsável por várias transformações da cidade de São Paulo. A começar pela própria arquitetura de suas residências. A de Elias Chaves, atual Palácio Campos Elíseos⁶⁸, foi projetada pelo alemão Mateus Hausler, em 1896, e representa o moderno estilo europeu do século XIX⁶⁹. “O casarão de D. Veridiana Prado foi um dos primeiros edifícios no estilo europeu. Sua adequação ao gosto da época está refletida na proliferação de soluções

⁶⁶ Museu Paulista, doc. 11.432, 14 de março de 1910. Carta de uma amiga para Alzira Pacheco e Chaves.

⁶⁷ Prefeitura do Município de São Paulo. *O poder em São Paulo*.

⁶⁸ A residência de Elias Chaves foi construída, por volta de 1892, na atual av. Rio Branco. Segundo Maria Luiza Albiero Vaz (op. cit.), “o palacete de Elias Chaves acabou sendo vendido para o governo do estado de São Paulo entre 1911 e 1912, em virtude dos problemas financeiros enfrentados pela família após a sua morte, que tinha ocorrido em 1903. Hoje pertence à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)” (p. 115).

⁶⁹ Diana Dorothéia Danon & Benedito Lima Toledo, São Paulo: Belle époque, p. 74.

semelhantes”. A chácara do Carvalho, de Antonio Prado, foi projetada por um italiano⁷⁰.

Entre os anos de 1890 a 1920 a população da cidade, formada por imigrantes, ex-escravos, operários, comerciantes e proprietários de terra, cresceu de 65 mil para 580 mil habitantes⁷¹. Segundo Sevcenko, os números referentes ao crescimento de São Paulo “pareciam justificar o refrão ufanista de que ‘São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo’(...). Atraídas por essa fabulosa acumulação de recursos, de oportunidades na indústria e no comércio ou vislumbrando a possibilidade de enriquecimento, multidões de famílias e indivíduos acorreram a São Paulo, vindas de todas as partes do Brasil, dos países latinos e dos quatro cantos do mundo”⁷². Grande parte dessa população ainda tinha pouca intimidade com a vida urbana, com suas regras de comportamento e códigos morais, pois havia se transferido para a cidade em tempos recentes. A pressão populacional e as exigências da elite urbana que se formava aceleravam as mudanças ao mesmo tempo que geravam o caos urbano, já que a cidade contava com infra-estrutura incipiente⁷³. Os problemas com habitação, transporte e demais serviços públicos faziam parte do cotidiano do paulistano do início do século.

Diante desse quadro, não somente a configuração espacial precisava ser redefinida, como também os hábitos e costumes da população em relação à cidade. Essa preocupação já estava presente desde o início do século XIX. Em

⁷⁰ Thais Ferraz de Barros Pimentel Innocenti, *Dona Veridiana Valésiada Silva Prado: Uma imagem e seus espelhos*, p.132.

⁷¹ Maria Célia Paoli, *op. cit.*, p. 28.

⁷² Nicolau Sevcenko, *op. cit.*, p. 109.

⁷³ *Ibidem*, p. 8.

1886, quando foi criado o Código de Posturas do município, a administração pública procurava regulamentar certos procedimentos da população, tais como “alarido, vozeria e pirataria pela rua, andar com trajes indecentes, escrever nas paredes, pregar cartazes sem licença, tomar banho no rio sem roupa, urinar na rua”⁷⁴. Assim como este, havia mais 317 artigos que pretendiam normatizar a vida na cidade.

Estes aspectos demarcariam ritmos de mudança diferenciados. A elite cafeeira procurava conservar sua tradição e prestígio garantidos pela origem familiar, aumentar seu capital social e cultural adquirindo rapidamente novos hábitos e estilo de vida. Uma outra parcela da população aglomerava-se nas ruas e estações em busca de trabalho, tentava se adaptar às transformações, sofrendo as dificuldades de moradia e infra-estrutura urbana.

Os Pacheco e Chaves adquiriram parte de seu capital social mediante constantes viagens para as fazendas, para outros estados, para a Europa e Estados Unidos. Percorriam vários lugares por conta dos negócios, ou a passeio ou ainda por motivos de doença. Transitavam constantemente por Paris e demais cidades européias a fim de se ilustrar ou fazer tratamentos médicos. Procuravam se concatenar com o ritmo das transformações, mas mantinham a herança de seu passado rural, a qual procuravam apagar às pressas, pondo-se em dia com as novas práticas urbanas e “civilizadas”, como o zelo pela educação dos filhos, o vestir-se, a frequência a eventos sociais, a diversificação dos negócios etc.

⁷⁴ Raquel Rolnik. *Cada um no seu lugar*, p. 105.

Muitos estudos já abordaram as imagens que nesse período se consolidaram entre o rural e o urbano, e entre os chamados “civilizados” e “caipiras”. No começo do século XX, essas questões tomaram conta da imprensa paulista, cujas crônicas reiteravam a necessidade de que o povo se habituasse aos novos padrões urbanos. “Faz-se preciso agora civilizar-se também o povo, educá-lo de acordo com o meio, erguendo-se à altura deste adiantamento. É necessário habituá-lo a calçar e a vestir-se, para que não haja o flagrante contraste entre os elegantes que fazem o curso de Higienópolis e flanam das 3 às 5 na rua XV, com os pés-rapados que a cada passo se encontram nos pontos de maior trânsito”⁷⁵.

O traje foi um dos recursos utilizados pela elite, que se vestia de acordo com a mais atualizada moda européia em contraste com as simples vestimentas da maioria da população. “Era belo ver o contraste que faziam as pretensiosas toaletes das senhoras e as vestimentas dos homens da cidade com a simplicidade e a sem-cerimônia dos caipiras”⁷⁶.

Mas todo o apanágio estético não era suficiente para apagar certas imagens indesejáveis do cenário urbano. A cidade aglutinava os mais variados tipos de pessoas, que circulavam pela cidade e se cruzavam a todo momento. Era nesse cenário que os homens e mulheres da família Pacheco e Chaves se inscreviam: novas fronteiras precisavam ser estabelecidas, com limites que demarcassem formas de sociabilidade nesse espaço social que se erguia; determinavam-se regras não só a partir da configuração econômica e política

⁷⁵ *A Cigarra*, 6, 15/06/14, apud Regina Aida Crespo. *Crônicas e outros registros: flagrantes do pré-modernismo*.

⁷⁶ José Agudo. *O dr. Parald e o seu ajudante*, 1913, p. 31, apud Terezinha Aparecida Del Fiorentino, *Ficção e realidade: São Paulo 1900 a 1922*, p. 68.

propiciada pela produção e comercialização do café, mas também pelo rearranjo das relações familiares e da inserção dessas famílias no ambiente urbano.

Nesse novo espaço social os diversos grupos sociais existentes na cidade configuravam estilos de vida contrastantes. Essas diferenças iam se estabelecendo e se hierarquizando nesse espaço, mediante práticas e signos distintivos. Arquitetura, traje social, viagens e todo um sistema de relações pessoais constituíram-se como elementos geradores de diferenciação.

1.4 *Os moços: Zé Fernandes e Jacinto, Luiz e Jura*

No romance *A cidade e as serras*, Eça de Queiroz retrata as transformações sociais do final do século XIX a partir da trajetória de dois personagens: Zé Fernandes e Jacinto. Primos, de origem portuguesa e amigos de infância, eles assistem ao surgimento das grandes cidades e de uma vida social tipicamente urbana. Jacinto é o homem deslumbrado pela cidade, por Paris, pelo que ela oferece em termos de divertimentos, sociabilidade, sofisticação. Paris representa o progresso, o mundo do fonógrafo, do cinematógrafo, do telégrafo, do telescópio. É o mundo das Luzes, da ciência e da literatura. Zé Fernandes é o homem rural, simples, de modos rudes, desatento às grandes inovações do século XIX e que constantemente chama a

atenção de Jacinto para a beleza da natureza, a harmonia da vida campestre e as qualidades morais do homem rural.

Zé Fernandes hospeda-se por uma longa temporada na residência de Jacinto em Paris, a “micrópolis ‘202’” (referência ao número da casa), repleta de sofisticação e novidades do mundo moderno, um templo de culto à civilização, com diversos “aparelhos”, “máquinas” e livros de filosofia, compêndios científicos, enciclopédias e romances. Jacinto discorre cotidianamente para o amigo sobre todas as maravilhas da modernidade e lhe apresenta a rotina da vida urbana. Para Jacinto, “a natureza é a inimiga que rebaixa o homem do pedestal da cultura, impondo a ‘súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores’”⁷⁷.

Com o tempo, porém, Jacinto vai perdendo o ânimo com as coisas da cidade, decepcionando-se com as promessas de progresso humano e tecnológico da vida moderna. Por questões familiares, os dois amigos retornam a Portugal, na cidadezinha de Tormes. Esta volta deveria ser temporária, mas Jacinto acaba por se encantar com a vida rural, modificando completamente o seu ponto de vista. Instala-se na casa deixada por sua família e inicia uma vida típica de homem do campo: acorda de manhãzinha, vistoria a fazenda e ajuda no plantio. Jamais havia se deslumbrado antes com a natureza. Enquanto estava em Paris, considerava o meio rural o *locus* da ignorância e de homens rudes. Porém, desde que chegou à pequena cidade de Tormes suas idéias sobre o campo começam a se modificar. Passa a vê-lo como o lugar do trabalho, da atividade, da vitalidade. Suas comparações entre a vida rural e a urbana vão se alterando e o seu menosprezo desloca-se para a cidade: “Na natureza nunca eu

⁷⁷ Antonio Candido. *Tese e antítese*, p. 46.

descobriria um contorno feio ou repetido! Nunca duas folhas de hera, que, na verdura ou recorte, se assemelhassem! Na cidade, pelo contrário, cada casa repete servilmente a outra casa; todas as faces reproduzem a mesma indiferença ou a mesma inquietação; as idéias têm todas o mesmo valor, o mesmo cunho, a mesma forma, como as libras; e até o que há mais pessoal e íntimo, a ilusão, é em todos idêntica, e todas a respiram, e todos se perdem nela como no mesmo nevoeiro... A mesmice — eis o horror das cidades!”⁷⁸.

Apesar do tom caricatural com que Eça constrói estes personagens, as controvérsias que mantêm entre o rural e o urbano introduzem o cenário do final de século. Naquela paisagem que se modificava rapidamente com o crescimento das cidades, alteravam-se os modos de vida. O urbano consolidava-se cada vez mais como o meio social do homem moderno e este tinha que se refazer em uma nova sociabilidade. Certas imagens e oposições foram sendo constituídas por essa sociedade que se transfigurava. “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida — de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações — de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar do barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar do atraso, ignorância e limitação”⁷⁹.

Além dessas imagens de cidade apontadas por Williams, várias outras foram se construindo desde o surgimento dos grandes centros urbanos, a partir do século XVIII na Europa e do século XIX no Brasil. Nas cartas da família Pacheco e Chaves, várias alusões são feitas a cidades brasileiras como Rio de

⁷⁸ Eça de Queiroz. *A cidade e as serras*, p. 130.

⁷⁹ Raymond Williams, op. cit., p. 11.

Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Tecem-se comparações com as cidades européias, fala-se das reformas urbanas, das doenças, da agitação de umas e da monotonia de outras. A cidade aparece como virtude ou vício⁸⁰, como na carta recebida por Miguel de seu primo Carlos:

Antes de ontem aqui em Porto Alegre houve mais movimento na rua Principal (a da loja) de noite que qualquer dia de movimento da Rua 15 em São Paulo, isso por ser véspera de 15 de novembro e aqui fazem brutas festas nesta data. Ontem houve em honra a 15 de novembro: de manhã regatas de Guahyba e de tarde Corso (isso aqui é coisa rara) com batalha de flores, serpentinas, confetes, e finalmente de noite cinema ao ar livre na praça em frente à municipalidade e entradas de graça em todos os cinemas e teatros da cidade, enfim o povo aqui ontem divertiu-se a grande. (...) Aqui morrem umas vinte pessoas por semana de tuberculose! Quase tanto que em São Paulo que tem 600 mil habitantes⁸¹.

Além das contraposições entre as virtudes das cidades e seus problemas, a idéia de movimento era uma das chaves que definiam a qualidade de uma cidade. Esse aspecto retoma o que já observamos acerca da mudança de ritmo no espaço urbano de São Paulo, muito marcada pela expansão das ferrovias. Ritmo urbano que contrastava com a vida no campo. A cidade “arranca o homem da lógica da natureza, dos dias de duração variada de acordo com as tarefas a cumprir no decorrer das diversas estações do ano, e introduz o tempo útil do patrão, o tempo abstrato e produtivo, o único concebido como capaz de gerar abundância e riqueza”⁸².

⁸⁰ Carl E. Shorske. *A cidade segundo o pensamento europeu — de Voltaire a Spengler*.

⁸¹ Museu Paulista, doc. 10.263. Porto Alegre, 16 de novembro de 1920.

⁸² Maria Stella M. Bresciani. *Londres e Paris no século XIX*, p. 18.

Mas o personagem Jacinto não aparece aqui apenas como uma ilustração dos dilemas da sociedade que se urbanizava. Na verdade, ele surge como um personagem desta sociedade paulistana — fictício, mas ainda assim parte desta história. Poderia ser, talvez, um parente distante da família Pacheco e Chaves, pois o romance *As cidades e as serras* foi inspirado em Eduardo Prado, irmão de Anésia Pacheco e Chaves. Veridiana Prado, depois de separada do marido, por volta de 1874, fazia de sua casa, tanto em São Paulo como em Paris, um ponto de encontro de artistas e intelectuais⁸³. Ela trazia a cultura européia para a cidade ainda provinciana, e um dos frequentadores de sua casa era Eça de Queiroz, que se tornou grande amigo da família e especialmente de seu filho Eduardo.

O deslumbre de Jacinto, antes de sua ida a Portugal, com a cidade e a modernidade também estava presente em cada um dos Pacheco e Chaves, que reverenciavam o mito civilizatório europeu do progresso. Nesse período a palavra de ordem era “civilizar”. Na São Paulo dos anos de 1890, onde a urbanização ainda era bem mais incipiente que a do Rio de Janeiro, as oposições entre vida rural e citadina eram bem mais nítidas. O Rio, que havia sofrido uma série de reformas já na primeira metade do século, representava a cidade “civilizada e chique” do país. Somente na década de 1910 é que São Paulo começa a entrar em condições de competir com a “exuberância da capital federal”, mas assim mesmo em termos culturais, econômicos e políticos, ainda não em termos urbanísticos⁸⁴. As comparações entre a cidade do Rio de Janeiro e São Paulo aparecem em algumas cartas da família Pacheco e Chaves,

⁸³ Maria Luisa Albiero Vaz, op. cit., p. 25.

⁸⁴ Regina Aida Crespo, op. cit., pp. 38-39.

principalmente nos anos de 1920, como na carta abaixo, de Fernando para seu filho Antonio Olegário.

Há também uma outra vantagem, a de fugir do paulistismo, de vistas curtas, sem horizontes, que aqui domina e que não é se não um caipirismo agravado, caipirismo que se julga progresso, superioridade. No Rio não há disso. Eles lá têm outros defeitos mas têm essa qualidade: já são mais cidadãos do mundo, sendo, ao mesmo tempo, mais brasileiros que fluminenses⁸⁵.

Civilizar significava “ficar em pé de igualdade com a Europa”⁸⁶. O *locus* da civilização estava nas cidades européias, extrapolava as fronteiras nacionais: civilizado era aquele que havia passado por cidades como Paris ou Londres e internalizado uma série de hábitos e regras. Para isso, as famílias se valiam das viagens a esses grandes centros urbanos, das leituras de jornais e revistas européias e da manutenção dos filhos em escolas européias.

Nesse contexto, cada detalhe de comportamento ou de apresentação refletia a inserção de uma pessoa em determinado grupo social. As cartas comentam os menus de jantares, decoração e vestimentas e qualquer deslize dos convidados era logo rotulado:

Num dia destes Nezita batizou um filho da Clotilde e deram um jantar que tinha um menu interminável, sentamos à mesa às sete horas e só saímos às 10 horas, lá os moços Luiz e Juca, os quais estão muito caipiras, não parece que estiveram na Europa tantos anos...⁸⁷

⁸⁵ Museu Paulista, doc. 10.451. Fazenda Santa Maria, 15 de junho de 1922.

⁸⁶ Micael Herschmann e Carlo A. M. Pereira. *A invenção do Brasil moderno*.

⁸⁷ Museu Paulista, doc. 10.210. São Paulo, 18 de janeiro de 1885.

Esta passagem consta de uma carta de Anésia a seu filho Fernando num período em que a família constantemente viajava para a Europa. No final do século XIX a referência cultural básica ainda era a sociedade francesa. Observa-se pelo comentário de Anésia sobre os moços Luiz e Juca que as famílias de elite buscavam em suas viagens “civilizar-se”, feito que esses “moços” parecem não ter realizado a ponto de se livrarem do rótulo de “caipiras”.

Luiz e Juca representam aquilo a que essas famílias enriquecidas com o café tinham urgência de renunciar: os hábitos rudes, a vida interiorana, a falta de traquejo social. Propunham-se a formar uma nova imagem de “cidadãos do mundo”, mas a emergência do urbano se dava num cenário marcadamente rural, com personagens que transitavam a todo momento entre os dois universos, oscilando entre o cosmopolitismo e o provincianismo. Este último aspecto muitas vezes se revestia de um atributo a que se referiu Fernando Pacheco e Chaves em cartas com um termo utilizado na época: o “paulistismo”, que se contrapunha a uma idéia de cidadania universal⁸⁸, já que significava o apego ao regional.

⁸⁸ As cartas citadas de Anésia e Fernando foram escritas em períodos diferenciados e com uma longa distância entre uma e outra. Entretanto, a necessidade de “civilizar-se” já estava presente desde o início do século XIX, com referência aos países europeus, até as primeiras décadas do século XX, incorporando-se o modelo americano. Nos anos de 1910 e 1920 essas questões tornaram-se alvo do movimento modernista, que fazia uma crítica à sociedade paulista tradicional. Os poemas de Mário de Andrade abordam ironicamente o “paulistismo” (“Oh! Este orgulho máximo de ser paulistamente!”), assim como os francesismos (São Paulo! (...) Galicismo a berrar nos desertos da América). A respeito das imagens de São Paulo na obra de Mário de Andrade, ver: Willi Bole. *A cidade sem nenhum caráter*.

As viagens, estudos no exterior, os trajes e jantares oferecidos pelas famílias de elite, além de aumentar de fato seu poder econômico e político, serviam também para formar um grande capital simbólico. Determinadas roupas, viagens e práticas configuravam-nas como modernas e cosmopolitas. Nas diversas viagens que fizeram à Europa ou aos Estados Unidos, os Pacheco e Chaves comentaram seus estudos, visitas aos museus, cursos de canto, idas ao teatro:

Já vi quase tudo quanto há de notável em Viena, visitamos o museu austríaco, o de história natural, a academia de Belas Artes, o palácio Lichenstein, a galeria Albertina, o palácio de Stronburn, residência de verão do imperador é de um luxo e riqueza extraordinários. (...) Hoje vou a uma opereta alemã. Desculpe esta ir tão mal escrita, não posso continuar porque vou me pentear para ir ao teatro, que aqui como na Alemanha não se vai de chapéu, a cabeleira me faz muita falta, não sei mais me pentear só⁸⁹.

A prática dessas atividades culturais parecia ter o objetivo de eliminar qualquer vestígio provinciano de uma herança rural. Conforme assinala Sevcenko: “Esse sintoma de excesso de procura (pela arte), entretanto, era por demais significativo e indicava a emergência de um novo público urbano, abonado de dinheiro novo e que buscava apressadamente sinais de distinção que os destacassem tanto do vulgo como daqueles que, tendo os recursos, tinham escasso interesse e pouca informação”⁹⁰.

⁸⁹ Museu Paulista, doc. 10.272. Viena, 3 de dezembro de 1892. Marietta para sua mãe Anésia.

⁹⁰ Nicolau Sevcenko, op. cit., p. 96.

A família Pacheco e Chaves se valeu fartamente do recurso às viagens a fim de acumular sinais de distinção condizentes com as categorias de percepção da sociedade da época — sinais estes selecionados e construídos coletivamente. Estes recursos vão se diferenciando a partir do século XX, momento em que novas referências vão se impondo. A educação assume grande importância, principalmente se voltada às “novas profissões”, como engenharia e medicina. É o que se verifica neste trecho de uma carta de Fernando a seu filho Antonio Olegário:

O mundo prefere hoje aos fortes e competentes, e esse tirocínio, a que quero que você se sujeite, é, até certo ponto, um preparo geral para a vida, porque fará de você um homem culto e só um homem culto pode ser forte e competente. Sei que me virá logo com mil exemplos de sujeitos sem nenhuma cultura e que foram ou são o que quiseram. Em geral, referem-se esses exemplos a pessoas que amontoaram dinheiro e pouco quiseram além do gozo. Mas para isso mesmo leva enorme vantagem ao inculto o homem de cultura. Já lá se foi o tempo do vendeiro da esquina! Sobre este assunto poderia escrever uma carta tão longa como a sua, mas inútil, porque só repetiria coisas já ditas muitas vezes e que você bem conhece. Só quero frisar um ponto: quero que você encare a Politécnica como preparo geral da vida. De lá você sairá engenheiro. Que saísse outra coisa. Pouco importa. (...) Ainda mais. Deixo falar Oliveira Vianna de quem estou lendo um pequeno livro e que é o autor de Populações Meridionais do Brasil. É um escritor que tenho admirado pela presteza e inteligência dos conceitos. (...) Pois bem, li dele a seguinte frase, que transcrevo e que vem a calhar com o nosso caso: “Esta cantilena das esquinas contra os doutores não passa, afinal, de um refrão inoportuno. O doutorado é ainda, entre nós um título de polimento, de civilização, de cultura — estas coisas, principalmente num país de analfabetos, não são predicaos que se desdenhem”⁹¹.

⁹¹ Museu Paulista, doc. 10.451. Fazenda Santa Maria, 15 de junho de 1922.

A educação, no início do século XX, teve um significado especial para a elite cafeeira, procurava-se através dela não somente uma profissionalização, mas também fazer frente ao processo de decadência. Como coloca Maria Helena Bueno Trigo, uma série de mudanças sociais, econômicas e políticas desencadeou um processo que feriu a estrutura agrária e precipitou a decadência econômica de grande parte desses proprietários rurais. Foi o momento em que a valorização do capital simbólico lhes permitiu fazer frente às perdas materiais e manter o prestígio. Além de acentuar os sinais de distinção que os diferenciavam de outros segmentos em ascensão econômica, como os imigrantes italianos enriquecidos que, na época, amealhavam fortunas com a implantação das primeiras indústrias, o grupo de fazendeiros fechava suas fronteiras alimentando as alianças entre as próprias famílias do grupo e com isso marcando uma identidade”⁹².

A leitura das cartas dos Pacheco e Chaves nos direciona a uma abordagem acerca dos conflitos entre o rural e o urbano, já que são várias as passagens em que se comparam esses universos, com manifestações de entusiasmo em face das transformações da cidade.

Nicolau Sevcenko abre uma outra chave para compreender a São Paulo do começo do século ao afirmar que, mais do que a transição de um modo de vida rural a urbano, o que estava em jogo era o conflito entre princípios individualistas postos pelos liberais desde o século XIX e os novos circuitos coletivos, de massa: “Nesse sentido é o legado cultural do racionalismo

⁹² Maria Helena Bueno Trigo. “Educação e reprodução social no grupo cafeicultor”, p. 198.

individualista, mais do que o das culturas rurais ou tradicionais, a barreira sobretudo tenaz contra esse ajustamento. Qualquer alternativa a ele, que era afinal de contas o padrão cultural dominante, desde que comportasse os designios da entrega, do instintivo e do coletivo, era bem-vinda, fosse arcaica ou moderna: mas obteria um óbvio reforço e dupla chance do sucesso, se conjugasse os dois”⁹³. Para o autor, seria exemplo disso a grande efervescência na cidade de São Paulo dos anos de 1910 e 1920 com relação aos esportes, clubes esportivos, “raids”, carnaval, cinema, bailes e danças, atividades que poderiam ser basicamente definidas pelo ritmo, intensidade, energia.

Essas manifestações de massa davam sentido aos habitantes da cidade, conjugando o coletivo e a utilização de um novo aparato tecnológico. Ainda segundo Sevcenko, “o cinema, assim como os bondes e os estádios, alinha multidões de estranhos enfileirados ombro a ombro num arranjo fortuito e normativo como a linha de montagem. Os bondes, contudo, lhes dão mobilidade, os estádios estímulos, os cinemas fantasias e as linhas de montagem subsistência”⁹⁴.

Também os Pacheco e Chaves participaram da efervescência da metrópole, promovendo vários eventos coletivos. No início do século as crianças da família comentavam com entusiasmo os episódios do Carnaval de São Paulo, descrevendo as brincadeiras dos cursos de Higienópolis, com seus carros luxuosos e bandas de música.

A lista de vencedores de uma corrida de automóveis realizada em 1903, no Hipódromo da Mooca, é significativa acerca dos frequentadores de alguns

⁹³ Nicolau Sevcenko, op. cit., p. 94.

⁹⁴ Ibidem.

destes novos circuitos, trazendo nomes como Martinho Prado, Paulo Prado, Plínio Prado, Silvio Penteado e Antonio Prado Jr.⁹⁵

As demonstrações de vôos e os “raids” de Edu Chaves eram também espetáculos públicos para os quais acorriam os paulistanos. Alzira, sua cunhada, faz vários comentários sobre ele e suas experiências aeronáuticas em suas cartas:

*Espero que Edu seja muito feliz em seus vôos e que também ganhe um prêmio. Eu nunca vi um aeroplano! Só tenho visto dirigíveis, que acho muito bonitos*⁹⁶.

*Tio Edu já se levantou e já deu um vôo de 10 minutos. Ele vai continuar, isto é, recomençar o “raid” daqui a uns 10 dias. Vai no Briol, um dos aparelhos do governo, que o Washington Luiz pôs à disposição dele. A maçada é que os jornais estão anunciando a partida de um argentino, que deve partir de lá hoje. Esperemos que adie a viagem e que seja tio Edu o primeiro que faça esse “raid” Rio—Buenos Aires*⁹⁷.

Segundo Sevcenko, os jornais da época noticiaram intensamente o episódio do “raid” Rio—Buenos Aires. Edu Chaves, no momento em que Alzira escrevia, estava se recuperando de um acidente durante uma primeira tentativa de completar o “raid”, mas os argentinos também sofreram um grave acidente. Para que Edu pudesse retornar ao “raid”, Washington Luís cedeu-lhe um avião da Força Pública, já que o dele havia se espatifado. “A 29 de

⁹⁵ Vicente de Paula Araújo. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*, p. 97.

⁹⁶ Museu Paulista, doc.10.490. Paris, s/d. Alzira para Anésia

⁹⁷ Museu Paulista, doc.10.739. São Paulo, 15 de novembro de 1920. Alziara para Antonio Olegário.

dezembro de 1920, Edu Chaves pousa suavemente em Buenos Aires, num Curtis Oriole pintado com a bandeira paulista”⁹⁸. A população, segundo os jornais da época, vibrou intensamente. Suas acrobacias aéreas e recordes sul-americanos de velocidade e distância marcaram a memória de muitos paulistanos entre os anos de 1910 e 1920. Voar tornou-se a nova febre da elite paulista, e não só para os homens:

*Hoje está fazendo um dia esplêndido, vamos ao Guapira e Leonor disse que vai voar*⁹⁹.

Há várias outras cartas da família em que o integrante do Partido Republicano Paulista, Washington Luís, é mencionado. Bastante próximo de Fernando Pacheco e Chaves, era conhecido como o “prefeito-esportista”, e sempre estava presente em eventos do Clube Paulistano e do Aeroclube de São Paulo, entre outros eventos esportivos promovidos pela elite.

As idas ao Clube Atlético Paulistano foram constantemente referidas nas cartas. O clube era de propriedade da família Prado, e no início do século foi dirigido por Antonio Prado Júnior, Numa de Oliveira e Luís Fonseca, entre outros¹⁰⁰. Ponto de encontro de diversas famílias da elite paulista, passou a ser também sinônimo de prestígio social. Percebe-se que, além das práticas esportivas, os encontros no clube permitiam a manutenção de uma rede de relações. Nas cartas comentam-se os encontros no clube com os membros da

⁹⁸ Nicolau Sevcenko, op. cit., p. 81.

⁹⁹ Museu Paulista, doc. 10.261. São Paulo, 21 de agosto de 1920. Carlos Para Fernando Miguel.

¹⁰⁰ Laura Oliveira Rodrigo Octávio, op. cit., p. 55.

família Prado, fundadores e membros da presidência do clube e com demais personagens influentes na vida social da cidade. Washington Luís era um dos grandes freqüentadores do clube. Em carta de 1923, Martinho Prado pede desculpas a Fernando Miguel por não poder ajudá-lo. Este provavelmente pedia ao tio que intercedesse junto ao prefeito da cidade para algum favor. Aí o clube aparece como um dos locais em que se estabeleciam relações sociais e políticas:

Infelizmente não lhe posso ser útil. Estou de relações muito frias com o mestre Washington, que não vejo há longos meses. Depois de incidentes diversos, da politicagem de Araras, verifiquei que o homem, em política, é digno representante do PRP. Como no Clube e em toda parte não poupo o canalha que nos infelicita, batendo língua sem reservas, não estou em condições de fazer pedidos. Ele — o canalha — sabe, por amigos dedicados, o que se pensa e diz-se a seu respeito. Portanto, um pedido meu seria no mínimo ineficaz e muito desagradável para mim¹⁰¹.

Apesar das críticas à política nacional e à formação da sociedade brasileira, a correspondência dos anos de 1920 da família Pacheco e Chaves revela uma preocupação em refletir sobre a especificidade da realidade do país, principalmente as cartas de Fernando Miguel para seu pai, como a transcrita abaixo:

O dólar está um pouquinho melhor e não se sabe ao certo o que haverá sobre a emissão que parece ficar para depois do Rei Alberto! Sei também da briga dos deputados paulistas, que no entanto não tiveram a coragem de brigar de uma vez e o Carlos de Campos

¹⁰¹ Museu Paulista. doc. 11.313. São Paulo, 23 de maio de 1923.

que declara ao Epitácio que não quer praticar atos de hostilidade ao seu governo pedindo demissão da liderança! Acho que a própria instituição da nossa liderança já é uma vergonha que explica tudo o mais, mas não sei quanto é que vale a pena a gente brigar! Afinal eu acho que no Brasil em matéria de interesse pelas coisas públicas o que a gente tem de melhor a fazer é desistir, porque é sabido que tendo cada povo o governo que merece, nós não poderíamos ter outro, pelo muito simples motivo que somos um povo apático, amorfo e analfabeto! O diabo é que raros são os que não sofrem das estupidezes da maioria, como nesta crise que está causando tantos prejuízos a papai sem que papai em nada tivesse contribuído, por pouco que fosse para ela! Não, agora estou pensando: se todos os que se acham agora prejudicados pela crise tivessem sempre votado, os homens que têm o nosso poder não seriam os mesmos e provavelmente teriam um pouco mais de competência! É, a culpa é mesmo da gente! Tanto isso é verdade que, com toda certeza, milhões de culpados que há nesta crise continuarão a não votar. Papai tem razão porque uma andorinha não faz verão. Todo o mundo podia dizer isso, mas isso não os desculpa, porque felizmente papai não é como todo mundo! O meu amigo Le Guézec, mecânico francês, o mais inteligente de todos os membros da missão francesa de aviação, incluindo o chefe, tem mil vezes razão quando diz que o que nos falta é a classe média! Nós não temos eleitores, como é que podemos ter governo: só se aparecesse um Pombal, mas em nossos tempos isso não pode nem se quer entrar no domínio dos “day dreams” dos mais malucos dos otimistas. Além disso é evidente que a classe média é ou pelo menos deve ser o viveiro das classes dirigentes e onde ela existe de fato é evidente que o nível das classes superiores sobe e muito. (...) Pensando no remédio tive uma idéia: tio Antonio é mesmo um grande homem, a única salvação da nossa raça está no cruzamento. A prova disso está no mal terrível que ele já nos causou com o negro, no atraso da Bahia e no progresso de São Paulo. Precisamos de cruzamento porque os bons elementos que ainda temos são muito raros e porque a seleção mesmo que assim não fosse seria na melhor hipótese tão rápida quanto a da Inglaterra: em 2200 ou 2300 estaria mais ou menos completa. Nesse caso era melhor a gente desistir desde já! Enfim é o cruzamento físico, moral e intelectual: imigrantes, viajantes e missões¹⁰².

¹⁰² Museu Paulista, doc. 10.850. Vila Militar, 16 de setembro de 1920.

Nesta carta Fernando Miguel aponta os dilemas da sociedade paulista no período, principalmente em face da crise econômica pela qual passavam muitos cafeicultores, inclusive seu pai. Procura refletir sobre algumas soluções para esses dilemas, como a formação de uma classe média e a purificação da raça, questões que estavam sendo debatidas no cenário nacional por meio da imprensa e da intelectualidade. Os Pacheco e Chaves não estavam à margem deste debate; eram leitores de Oliveira Vianna e de Euclides da Cunha entre outros, além de freqüentar os círculos políticos, em que essas questões estavam presentes. Numa outra carta de Fernando Miguel aos pais, de 1925, quando ele estava na França como oficial do exército brasileiro, escreve aos pais relatando uma decepção com o “Velho Continente”, mais especificamente com Paris. Na verdade, a carta aponta uma mudança nos referenciais dessa elite em relação à Europa e uma valorização do Brasil, no sentido patriótico. O próprio Fernando Miguel diz estar ficando mais patriota:

A rotina aqui está em tudo: quem inventou esse negócio de grandes avenidas na idade moderna parece-me que foi o Hassmann, pois bem, não querem continuar o que ele certamente teria continuado. Assim é o celeberrimo Café de la Paix, tão decantado pelos nossos tios e demais compatriotas! Pode ser que há 50 anos atrás quando foi feito tenha sido bonito, mas deixar qualquer coisa sem alteração durante esse tempo é querer mesmo ter porcaria! Também não vi nenhum hotel como os nossos 4 melhores. Sempre o mesmo atraso, a mesma porcaria com partes de luxo! E os preços! Quatro ou cinco vezes mais caros do que o Copacabana! Outro detalhe. Os chás do Claridge muito piores do que os de Copacabana. Há mais mulheres e naturalmente maior número de elegantes e nenhuma caipira, mas há cafajestes americanos e ingleses e quase todas as mulheres são muito mais feias do que na nossa terra ou pelo

menos do que no Rio! Além disso, se o croissant daqui é um pouco melhor do que os nossos, o chocolate da Colombo continua sendo o melhor do mundo! Palavra que ando ficando mais patriota e jacobino depois que ando por esta terra infame! A única coisa que gostei foi de ver que o Ministério da Guerra, se os corredores são imundos e os oficiais estão todos à paisana no serviço, pelo menos ninguém vadia. Melhor do que isso só mesmo o professor de cultura física que eu arranjei! (...) Em todo caso a base é como papai já disse: antigamente a diferença era tão grande que forçava a admiração de tudo a toda a hora; hoje não, muita coisa e das essenciais para a vida são muito melhores, mais baratas e mais cômodas na nossa terra do que aqui e é isso que dá uma má impressão ao recém-chegado, que vê imediatamente os defeitos e não conhece ainda as vantagens¹⁰³.

Com relação a esse interesse pelo Brasil e à crítica à Europa, mais uma vez poderíamos citar Sevcenko, quando coloca que essa busca pelo nacional “não era tida como menos moderna, indicando, muito ao contrário, uma nova atitude de desprezo pelo europeísmo embevecido”¹⁰⁴. O autor se refere a uma série de manifestações de caráter patriótico ocorridas desde meados dos anos de 1910, como o movimento de “redescoberta” do Brasil “popular”, “folclórico” e “colonial”, que tinha como figura principal Afonso Arinos, casado com uma das mulheres da família Prado.

Uma obra póstuma de Arinos foi encenada em 1919 por um grupo de jovens amadores das famílias de elite, com o título *O contratador de diamantes* (referência aos bandeirantes). Segundo Sevcenko, a peça ganhou destaque por ter sido uma “iniciativa integralmente nacional, sem um único detalhe

¹⁰³ Museu Paulista, doc.10. 883. Paris, 3 de maio de 1925.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 237.

estrangeiro, com destaque para a pronúncia, genuinamente paulista, em vez de línguas européias ou do português de acento lusitano”¹⁰⁵.

Alzira, em carta ao seu filho Fernando Miguel, comenta a encenação de tal peça, enfatizando a representação dos atores, na maioria sobrinhos ou com algum outro parentesco próximo:

*Realizou-se ontem a estréia da peça do tio Arinos. Foi um grande sucesso! Baby, Maria e tia Deoclecia foram e gostaram muito! Dizem que a peça é muito boa e foi muito bem representada! Aguiar foi admirável e Sylvia Uchôa também foi muito bem, o René e outros enfim representaram muito bem*¹⁰⁶.

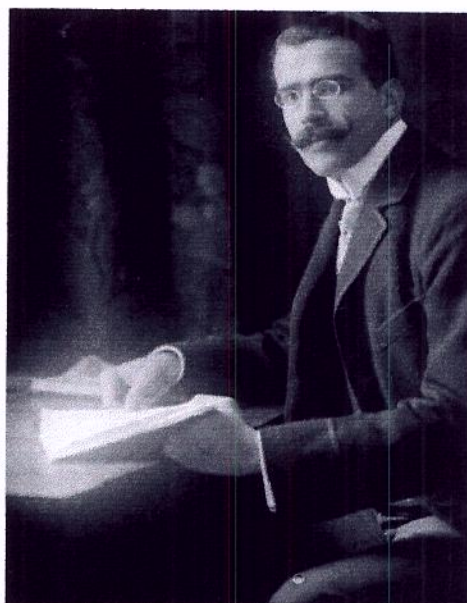
Se as cartas da família não nos autorizam a afirmar que os Pacheco e Chaves tenham participado intensamente desse movimento de resgate de uma “cultura nacional”, podemos dizer que seu interesse em relação ao tema aparece com maior ênfase nos anos de 1920, diminuindo as referências em relação à sociedade européia. O que fica claro é que a família cultuava um patriotismo, um sentimento de orgulho por sua origem paulista e uma preocupação de marcar a presença da família na formação da cidade.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 241.

¹⁰⁶ Museu Paulista, doc. 10.584. São Paulo, maio de 1919.



Alzira Pacheco e Chaves, 1908



Fernando Pacheco e Chaves, s.d.



Em pé, da esquerda para a direita, Mario, Antonio Olegario, Elias Antonio e Fernando Miguel. Sentados, da esquerda para a direita, Alzira, Fernando e Maria Pacheco e Chaves.



Sentados da esquerda para a direita, Alzira e Fernando Pacheco e Chaves, s.d.



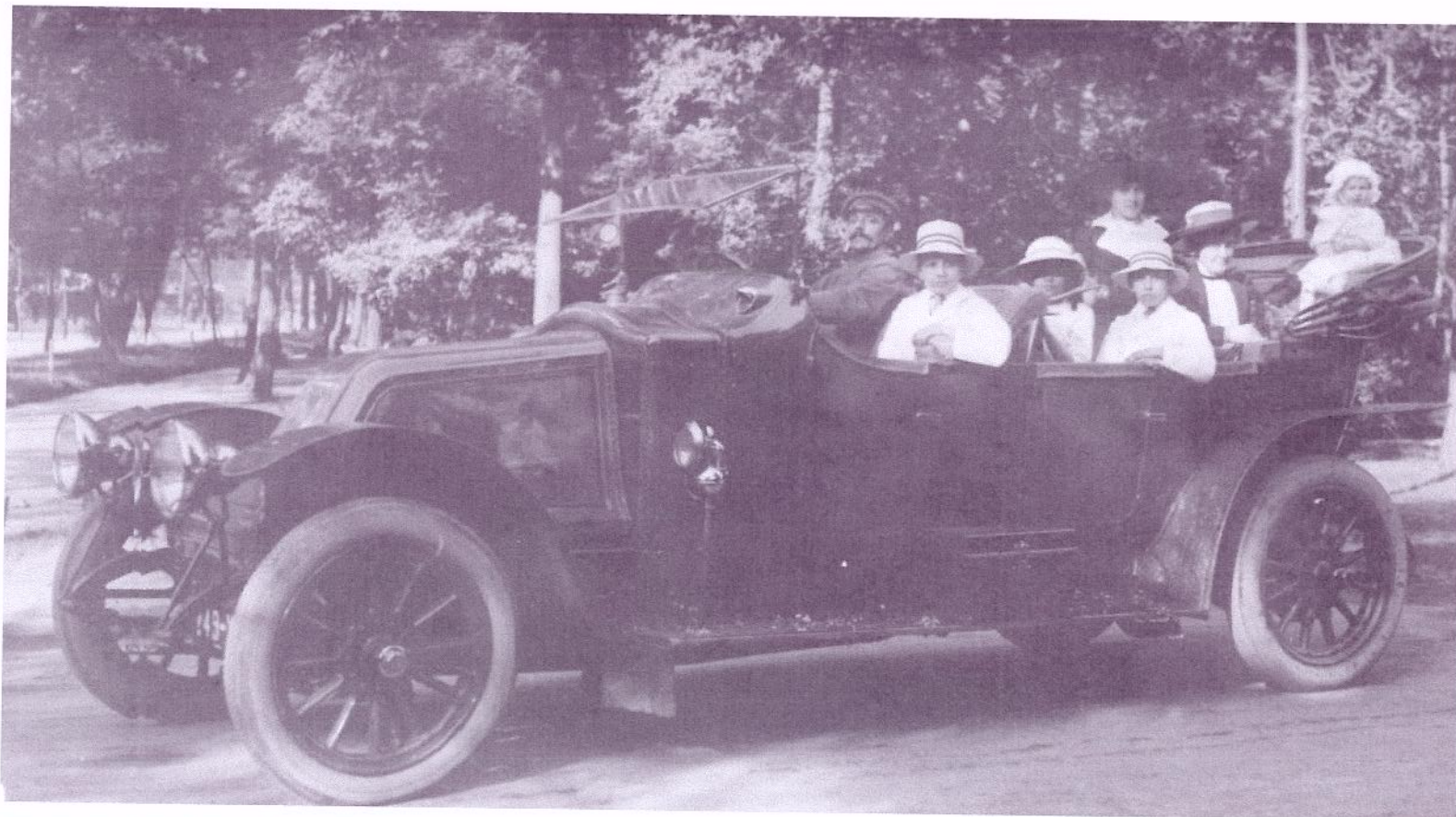
Elias Antonio Pacheco Chaves, no centro em pé, com filhos, genros e noras, s.d.



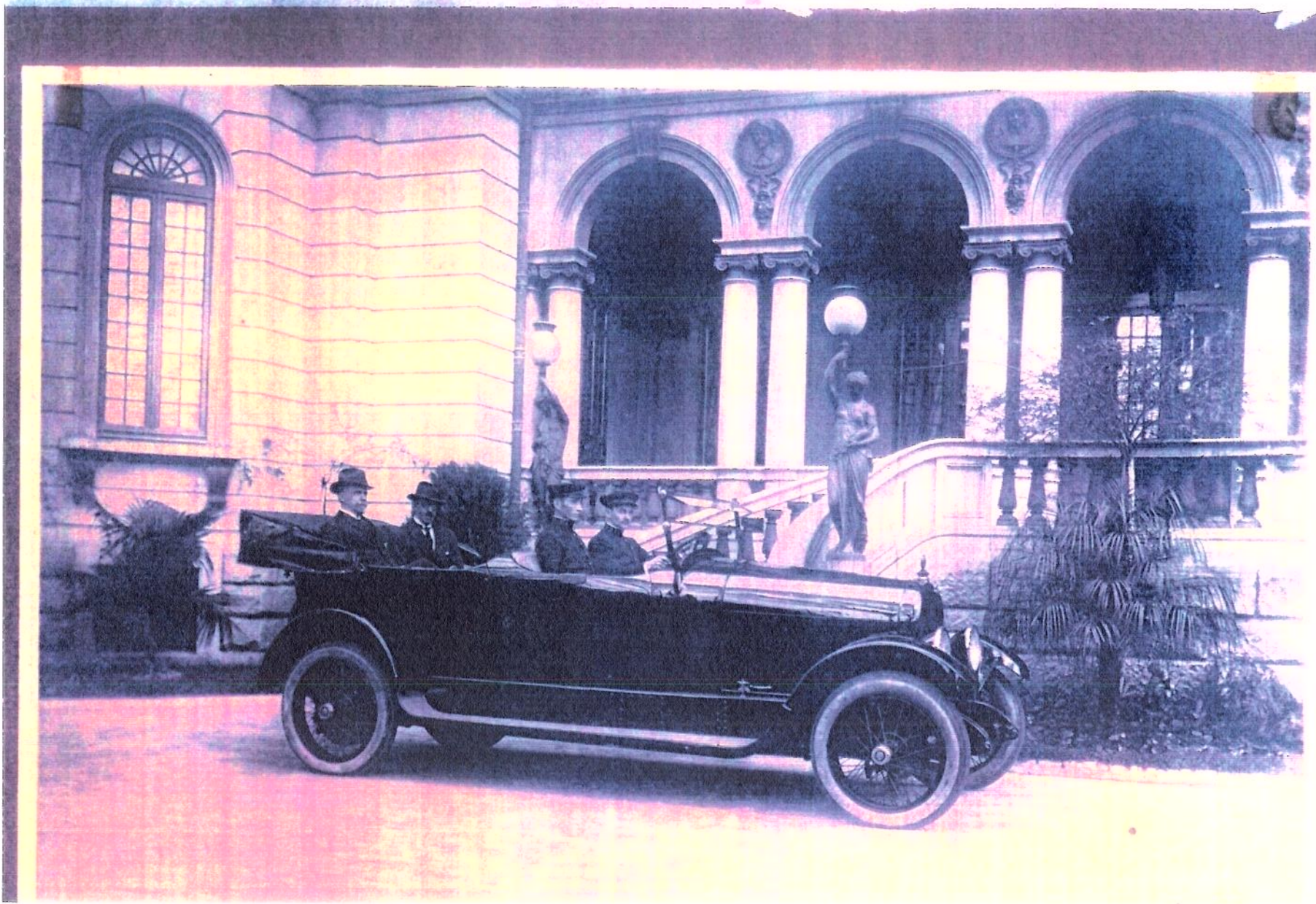
Em pé, Antonio Olegário ao lado de Maria e Mario
Pacheco e Chaves, s.d.



Maria Pacheco Chaves, s.d.



As crianças da família Pacheco e Chaves com duas Frauleins, s.d.



Washington Luís e Fernando Pacheco e Chaves,
em frente ao Palácio Elias Chaves, nos Campos Elíseos.



Primeiro homem em pé, da esquerda para a direita, Fernando Pacheco e Chaves. Primeiro rapaz sentado, da esquerda para a direita Antonio Olegário. Primeira mulher, da esquerda para a direita Alzira Pacheco e Chaves, s.d



Maria Pacheco e Chaves, primeira moça sentada, s.d



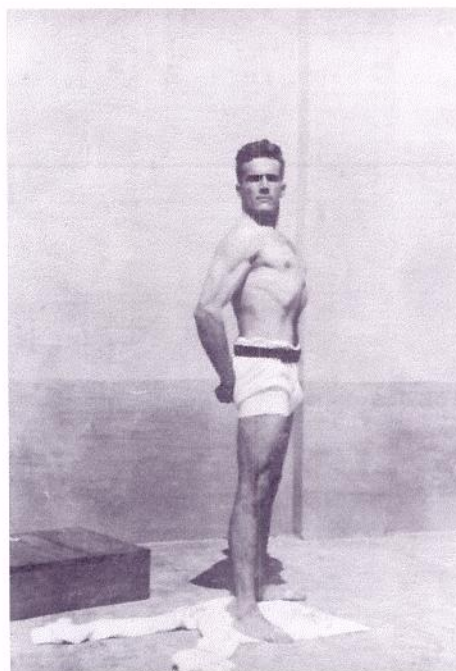
Família Pacheco e Chaves reunida em uma das fazendas, s.d.



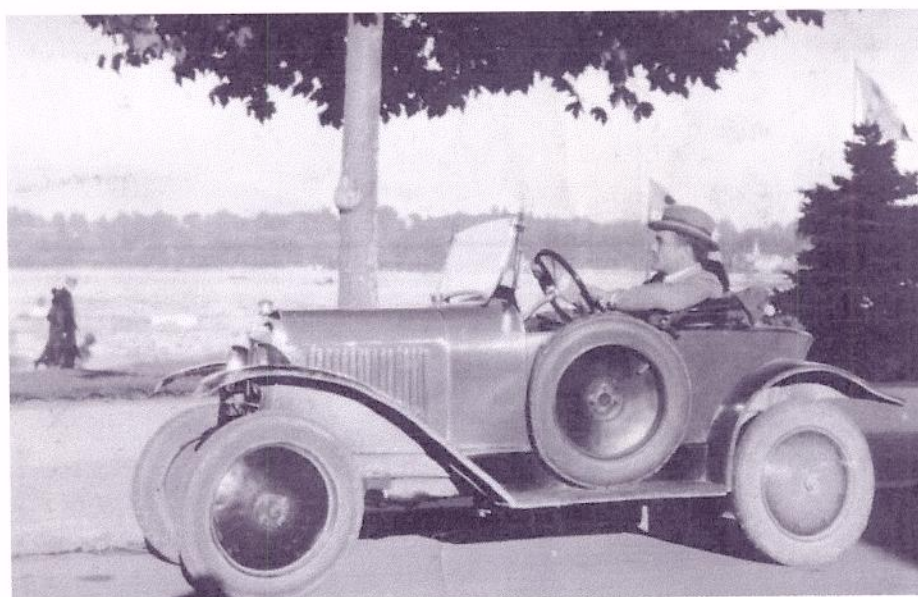
Família Pacheco e Chaves reunida em uma das fazendas, s.d.



Fernando Miguel, dia de seu batizado, s.d.



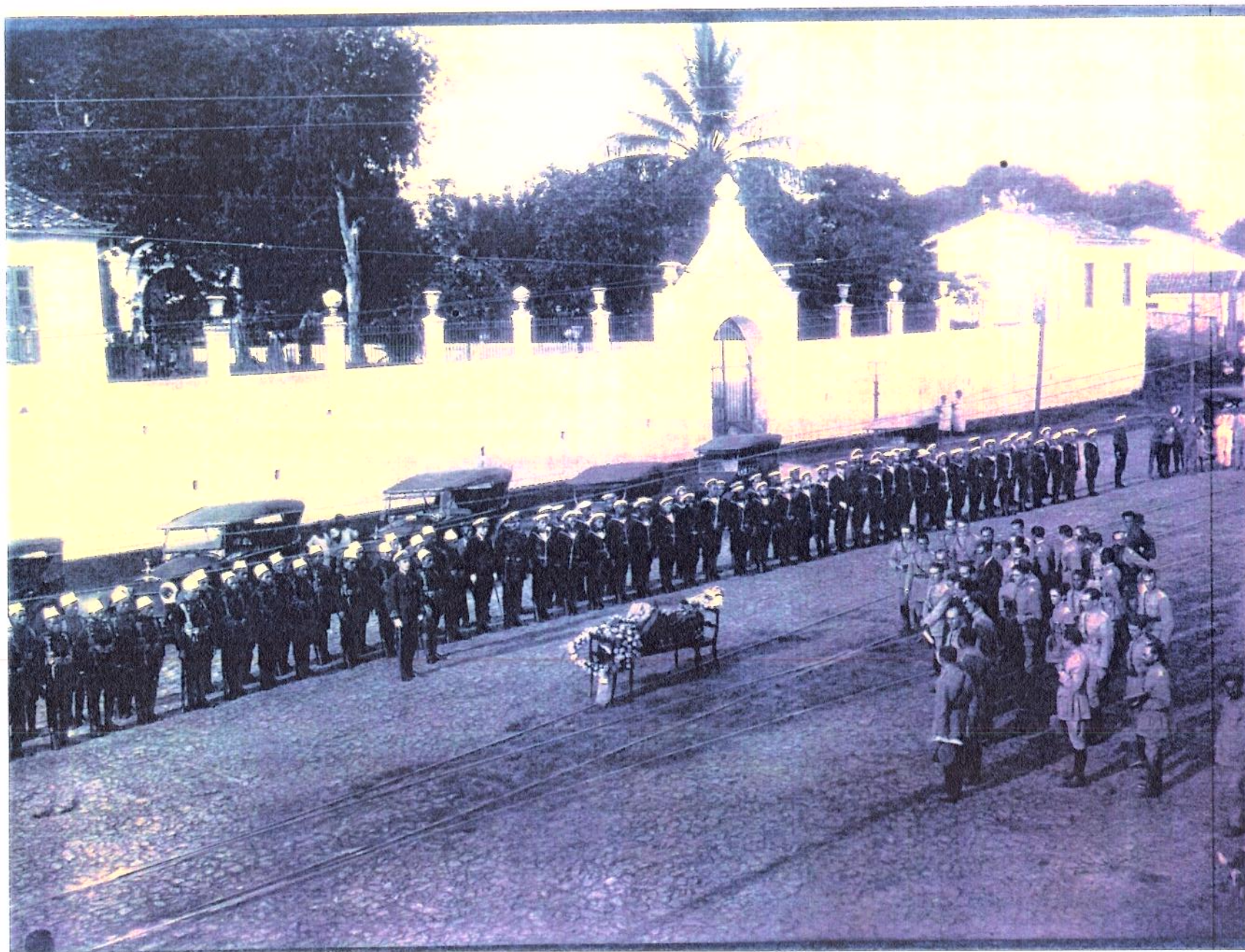
Fernando Miguel, adepto da cultura física, s.d.



Fernando Miguel, em Paris, 1925.



Fernando Miguel, s.d.



Enterro de Fernando Miguel, Bahia, 1926.



Antonio Olegário praticando atletismo, s.d.



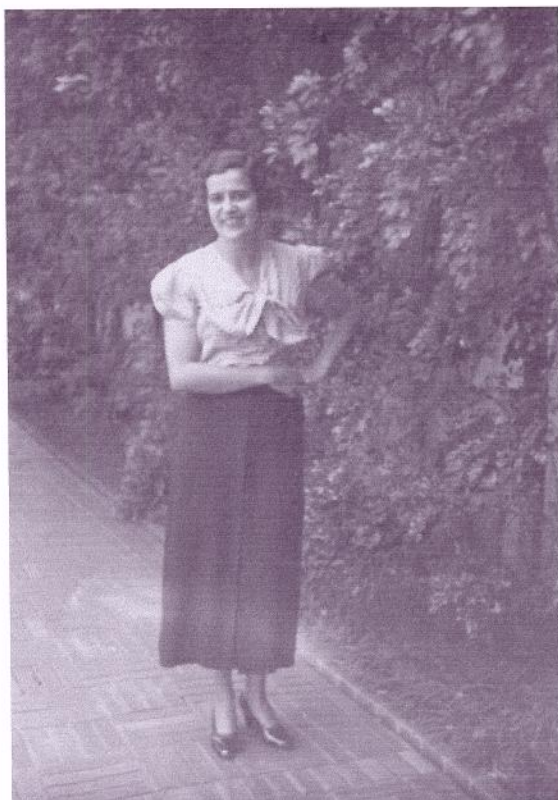
Primeiro à esquerda, Antonio Olegario na praia, s.d.



Maria Pacheco e Chaves, s.d.



Fernando Pacheco e Chaves, s.d.



Maria Pacheco e Chaves, s.d.



Agregado criado pela família Pacheco e Chaves, s.d.

CAPÍTULO II

A CELEBRAÇÃO DA FAMÍLIA: AS PRÁTICAS FEMININAS ATRAVÉS DA CORRESPONDÊNCIA DOS PACHECO E CHAVES



Capítulo II

A celebração da família: as práticas femininas através da correspondência dos Pacheco e Chaves

2.1 Introdução

O acervo Fernando Pacheco e Chaves é composto de muitas cartas escritas pelas mulheres da família. Estas não representam o maior volume do acervo¹, mas as mulheres têm presença marcante pelo fato de serem constantemente citadas nos escritos, seja entre elas mesmas ou por seus maridos, filhos e demais parentes. As cartas femininas são trocadas entre mães e filhas, noras e sogras, amigas e cunhadas.

Em face do grande volume de cartas e do período extenso que abrangem, foram selecionadas para a análise das práticas femininas aquelas correspondentes à geração de Fernando e Alzira Pacheco e Chaves, juntamente com as de seus filhos. Conferiu-se prioridade, ainda, àquelas escritas entre os anos de 1900 e 1930, para que se pudesse abordar um contexto histórico mais delimitado, bem como enfatizaram-se os escritos de Alzira Pacheco e Chaves.

¹ Ao contrário do que afirmou Maria Cecília Naclério Homem em *O palacete paulistano*, em que utiliza parte da mesma documentação que pesquisamos, a correspondência feminina não compreende a maior parte da coleção Fernando Pacheco e Chaves do Museu Paulista.

Suas cartas, além de majoritariamente inseridas no período desejado, permitem perceber vários aspectos das práticas das mulheres no período. Nelas, Alzira descreve suas viagens pela Europa e pelas fazendas da família, relata passeios pela cidade de São Paulo, visitas a parentes e cuidados com os filhos, com os quais trocou volumosa correspondência, principalmente nos anos de 1920.

Por meio desses escritos pode-se resgatar não só o cotidiano familiar, como também a vivência pública dessa elite, seus vínculos com os acontecimentos econômicos, políticos e culturais do período. No trecho reproduzido a seguir, Alzira descreve a seu filho Fernando Miguel uma visita a casa de amigos, impressionada com um novo “aparelho”:

Jantamos ontem em casa de Alice Balston, onde ouvimos um discurso em Buenos Aires, pelo telefone sem fio! Infelizmente as palavras chegaram, aos nossos ouvidos, incompreensíveis. O aparelho pertence ao Dr. Wanderly que havia instalado com o fim de nos fazer ouvir um concerto. O concerto constou apenas de algumas músicas tocadas aqui em São Paulo mesmo. Apesar de não ter o aparelho funcionando tão bem quanto esperávamos, achei interessantíssimo².

Pelas cartas de Alzira pode-se perceber também as conseqüências da crise do café e as dificuldades pelas quais a família passou. Além das cartas, há no acervo alguns escritos de Alzira, elaborados entre os anos de 1920 e 1930. Trata-se de escritos em tom memorialístico ou registros diários feitos no período em que a família já estava em processo de decadência financeira. Nesses escritos Alzira se mostra bastante religiosa, apegando-se à doutrina católica, até como forma de alento para passar pela longa crise que se abateu

² Museu Paulista, doc. 10.666. São Paulo, 29 de fevereiro de 1924.

sobre a família³. Há períodos em que escrevia cotidianamente e outros em que ficava por semanas sem dar continuidade aos seus registros, os quais denominava “Páginas soltas”.

Alzira Leite de Barros, ao se casar com Fernando Pacheco e Chaves, levou consigo um dos maiores dotes da época. Filha de membros da elite cafeeira paulista, estudou em Itu e, segundo entrevista com familiares, foi ela mesma quem escolheu Fernando para ser seu marido. Logo ao se casar fez com que o marido cursasse o Bacharelado de Direito na Faculdade São Francisco, já que o curso que este havia feito em Harvard não tinha validade no Brasil. Dedicou-se também com bastante empenho aos estudos dos seus filhos e durante as crises financeiras da família dava aulas de canto⁴.

As cartas escritas por Alzira e pelas mulheres da família em geral tratam de temas circunscritos ao cotidiano doméstico, como o cuidado com os filhos, a arrumação da casa, visitas a amigos e parentes, moda e viagens para as fazendas e a países europeus, bem como de atividades em espaços públicos de lazer, de caridade e encontros sociais.

Neste capítulo abordaremos as atividades femininas, procurando contextualizar a significação das mesmas para a sociedade brasileira da época.

³ O apego das mulheres à religião católica em função da decadência financeira e das dificuldades enfrentadas pelas famílias envolvidas com a produção do café foi registrado em *A moratória*, peça teatral de Jorge de Andrade que retrata o período de crise do café nos anos de 1930 e o processo de decadência por que passaram várias famílias paulistas. O autor aborda o período através da família do fazendeiro Joaquim, que perde seus bens e sua fazenda, a qual havia herdado de seus antepassados. Helena, sua mulher, procura ajudar a família a enfrentar a crise, apegando-se à religião católica. Além desta semelhança, a família de *A moratória* também é salva pelo trabalho das mulheres da família, principalmente da filha Lucília, que costura para fora. No caso dos Pacheco e Chaves, Alzira dava aulas de canto, e Maria, de religião.

⁴ Informações obtidas em entrevista que nos concedeu Alzira Pacheco e Chaves Solari.

Além disso, trataremos da sua prática de escrever cartas, de arquivar documentos e produzir memórias, já que as mulheres dedicaram especial atenção às reminiscências familiares e às trocas epistolares. Estas últimas, além de veículo de informações, acabavam por garantir os elos familiares e as redes de relações mais amplas.

2.2 *Armazém de memórias*

Maria Pacheco e Chaves conta em seu livro que Fernando, seu pai, guardava todos os papéis, documentos e correspondência, pedindo a sua esposa e filhos que fizessem o mesmo. Ele considerava importante este arquivo e dizia que, “se num país todos jogam fora os papéis, sua história não poderia ser escrita”⁵. A obsessão de Fernando por guardar os vários registros da experiência vivida por sua família vai de encontro ao fato de que alguns membros do seu próprio núcleo familiar, procuraram manter as reminiscências familiares com escritos sobre a história dos Pacheco e Chaves. Assim, demarcaram uma origem, nomearam os antepassados e construíram uma memória.

⁵ Maria Pacheco e Chaves, *Os grandes esquecidos de um Brasil verdadeiro*. Esta informação também é dada por Maria Luísa Albiero Vaz, *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo*.

Fernando e Alzira tentaram escrever suas memórias na forma de registros dos acontecimentos familiares, desde a infância de seus filhos⁶. Elias Chaves, o “Baby”, teve suas memórias publicadas, dedicando o primeiro capítulo à história da família, enquanto os demais relatam sua trajetória a partir dos anos de 1930, centrando-se mais numa análise sociológica do período em que viveu do que em sua vida pessoal. Por fim, há as memórias de Maria Pacheco e Chaves, também publicadas, em que narra alguns aspectos da trajetória familiar. Sua narrativa glorifica os antepassados, resgatando desde aqueles mais remotos, vinculados à expansão cafeeira em São Paulo. Entretanto, não se trata de uma narrativa linear, pois misturam-se dados biográficos, históricos e discursos ideológicos vinculados à Liga Independente pela Liberdade, de cunho católico, na qual atuava politicamente no momento em que escrevia suas memórias, por volta de 1965.

Até o final da vida, Maria guardou documentos e fotografias da família e construiu genealogias. Em meados dos anos de 1960, doou todo o seu acervo para o Museu Paulista. Preocupava-se em manter a memória familiar, assim como sua mãe Alzira, que freqüentemente relembrava os antepassados aos seus filhos. Nesse sentido, elas cumpriram o papel de transmissoras da história dos Pacheco e Chaves. Como coloca Perrot, “às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita freqüentemente de mãe para filha, ao folhear álbuns de fotografias, aos quais, juntas, acrescentam um nome, uma data, destinados a fixar identidades já em via de se apagarem”⁷.

⁶ Esses escritos fazem parte da coleção Fernando Pacheco e Chaves, do Museu Paulista. Os de Alzira (“Páginas soltas”) já foram citados.

⁷ Michelle Perrot. *Práticas da memória feminina*, p. 15. Maria dedicou-se até o final de sua vida a transmitir a memória de sua família. Como não teve filhos, contava suas histórias para

As memórias dos membros da família não possuem uma sistematização factual ou cronológica. Na expressão usada por Ecléa Bosi, são “imagens-lembranças”, fragmentos de experiências vividas pela família. Dois aspectos são sempre recorrentes nas memórias de Elias e Maria: a menção enfática ao irmão Fernando Miguel, morto em 1926, e a relação entre a história da família e os acontecimentos políticos e sociais do período. Nesses escritos, não há somente a tentativa de fazer uma história da família, mas também a de destacar a presença da família na formação da cidade de São Paulo.

Percebe-se muitas vezes que a representação que os Pacheco e Chaves fazem da sua trajetória familiar é a de terem contribuído para a fundação de uma nova “civilização”, como percursores do desenvolvimento de São Paulo a partir da expansão da economia cafeeira. Esta trajetória é narrada por meio das imagens de desbravadores, lavradores e principiantes de uma civilização paulista, em que genealogia e história da cidade se confundem. Desta forma, pode-se sugerir em suas narrativas uma similitude ao efeito de enleamento, entre biologia e biografia, que Sussekind aponta na obra dos cronistas das terras brasileiras recém-descobertas. Apesar da evidente distância temática e de contexto histórico, ambas as narrativas têm um ponto comum, uma “obsessão pela origem”, a qual, segundo Sussekind, poderia gerar “possíveis romances familiares. Alguns imensos, em vários tomos. Árvores, genealogias insaciáveis, com raízes firmes e em contínua, vertiginosa, multiplicação de ramos exemplares. Alguns menores, passíveis de cortes abruptos, fins de linha ou

a sobrinha Alzira Pacheco e Chaves Solari, que ficou com vários documentos e fotografias da família e hoje, em suas reminiscências, se dispõe a contar histórias da família.

linhas duplas. Como as de um Hanno no livro familiar dos Buddenbrook, no romance de Thomas Mann”⁸.

Nas memórias em questão não se descrevem apenas as lembranças e a trajetória pessoal de seus narradores. Aparece um sujeito coletivo, que é a família Pacheco e Chaves. Mesmo quando Alzira registra seus pensamentos e ações diárias, há uma ênfase nos acontecimentos familiares. Em nenhum momento, tanto nas memórias como nesses registros diários de Alzira, há uma escrita pessoal ou sentimental. Não se trata de uma escrita imbuída da idéia de privacidade, em que se dê vazão aos pensamentos íntimos. Trata-se, desta forma, de registrar ou de pôr em memória a experiência da família, legando-a à posteridade como um documento histórico.

Alzira parecia desempenhar papel fundamental nesse elo entre história e genealogia. Remetia-se constantemente aos feitos dos antepassados para educar seus filhos, valorizando aspectos da personalidade e atos daqueles, como nos seguintes trechos de cartas de Alzira para seu filho Fernando Miguel:

O seu avô Martinho Prado, quando vendeu o colar de D. Veridiana para comprar o Campo Alto, fez tanta economia que quando vinha a São Paulo, só vinha quando sua avó esperava um filho — não podia ir às festas porque não tinha roupas para isso. E note-se que foi um homem que sempre gostou muito de festas. O Barão de Iguape dava bailes, ele ia ajudar o irmão a arranjar a casa e retirava-se antes de chegarem os convidados. E assim fez durante muitos anos,

⁸ Flora Sussekind. *O Brasil não é longe daqui*, p. 11. Maria Helena Bueno Trigo, ao analisar depoimentos de homens e mulheres descendentes de famílias cafeicultoras paulistas, afirma que a valorização da “origem” funcionou como legitimação do “status” no momento em que o grupo estava em decadência econômica. Na sua visão, preservar o “nome” e a “origem” foi um recurso “contra uma ordem burguesa que se firmava”. Maria Helena Bueno Trigo. *Ser e parecer*, p. 102.

*meu filho, porque as fortunas sólidas não se fazem em dois dias. E neste momento lembrei-me do que dizia seu tio Eduardo: "O tempo só respeita aquilo que foi feito com o seu concurso"*⁹.

*Lavradores foram nossos pais, e gostaria que nossos filhos fossem também*¹⁰.

Estes escritos são de um período em que a família já passava por séria crise financeira. Esse processo de decadência contribuiu para que Alzira reforçasse seu tradicionalismo, até por nostalgia de uma fase de opulência. Em seu diário faz uma espécie de "contabilidade da decadência". Fala de seus erros passados, do quanto foi imprudente com os gastos financeiros, de sua entrega à disciplina católica e dos bons momentos que a família vivera no passado. Segundo Corbain, os diários íntimos "registram simultaneamente o trabalho, o dinheiro, o lazer e a ação amorosa, desempenham o papel de contabilidades da decadência. O diário íntimo tenta exorcizar esta angústia de morte, que ele aviva com o próprio ato de escrever"¹¹.

*... mas eu não perco a esperança de escrevendo consolar-me dessa terrível realidade: envelhecer*¹².

⁹ Museu Paulista, doc.10.667. São Paulo, 17 de março de 1924.

¹⁰ Museu Paulista, doc.10.651. Santa Maria, 24 de maio de 1923.

¹¹ Expressão usada por Alain Corbain, em *Bastidores*, p. 457. Embora consideremos que os registros de Alzira não tinham propriamente o caráter de diário íntimo, como os analisados por Corbain para a França do século XVIII e início do XIX, as colocações deste autor são aqui pertinentes ao apontarem que esses registros diários estabelecem uma disciplina de interiorização e uma prática de olhar para e escrever sobre si mesmo, cada vez mais disseminada na sociedade moderna, visando a um exame permanente das próprias ações, culpas, fracassos e resoluções.

¹² Museu Paulista, doc 10.568. S/A, s/d.

Nesta última frase, extraída de uma carta ao marido, Alzira referia-se não propriamente aos registros em diário, mas ao desejo de escrever “contos literários”. De qualquer forma, havia uma aspiração de exorcizar a proximidade do envelhecimento ou da morte, que nos remete à colocação de Corbain. Em seu diário, Alzira descrevia sua luta para refazer seus hábitos, no momento em que a família deveria habituar-se a viver controlando seus gastos. O diário representava uma disciplina de interiorização por intermédio de atos confessionais cotidianos, pautando-se por dogmas católicos e pela urgência de refazer hábitos no momento da crise financeira:

*Resoluções: não perder minhas manhãs, começar o meu trabalho por aquilo que mais me agrada: caridade, paciência, trabalho e oração*¹³.

*Estou contente, meu Deus, contente porque, conseguindo dominar a minha aversão por fazer contas, pus em ordem o meu livro-caixa. Ah! meu Deus, eu vos imploro a graça de estado, a fim de que possa zelar de minha casa, economizar, ter tudo em ordem, e trabalhar muito para ajudar meu Fernando, que por si só, neste momento, não pode dar vencimento de tudo*¹⁴.

Os Pacheco e Chaves atribuíam à sua trajetória um valor histórico. Havia um sentimento de superioridade por pertencerem às grandes famílias cafeicultoras de São Paulo, presente em muitos membros da elite paulista do

¹³ Museu Paulista, doc. 10.754, 31 de maio de 1922.

¹⁴ Museu Paulista, doc. 10.754, 3 de agosto de 1921.

café. Este sentimento, além de relevar a importância dos Pacheco e Chaves, vinculava-se também ao chamado “paulistismo”. Estas famílias paulistas viam-se como arautos de uma nova civilização. Segundo Pacheco Borges, “o regionalismo pretendia sobretudo mostrar o papel precursor da ‘civilização paulista’; ‘São Paulo’ sabia o que era bom para o Brasil e era o grande responsável pela sua realização”. Para consolidar essa imagem de precursores, os paulistas nos anos 1920 e 1930, ainda conforme a mesma autora, “resgataram a figura dos bandeirantes como símbolo que, entre outros aspectos, garantia a idéia de uma lealdade do estado à nação, forjando o mito do patriotismo paulista”¹⁵.

O livro de Maria Pacheco e Chaves está repleto de frases louvando à sua família e aos paulistas. Ela o escreveu nos anos de 1960, distante, portanto, do ideário no qual estava imersa sua família nas primeiras décadas do século XX, mas as imagens que ela apresenta dos paulistas foram elaboradas na convivência com seus familiares e com membros da elite paulista¹⁶. É por meio dessas imagens que procura construir uma memória da família e de seu irmão

¹⁵ Vavy Pacheco Borges. *Memória paulista*, pp. 41-42. Com relação à utilização do “mito do bandeirante” pelos paulistas, Trigo afirma: “Tudo se passou como se a ameaça de declínio no campo econômico provocasse uma ampliação de valores próprios da aristocracia, como uma valorização do passado e das origens por um recuo no tempo”. Maria Helena Bueno Trigo, op. cit., p. 102.

¹⁶ A relação presente-passado na elaboração de uma memória é referida por Borges (ibidem) da seguinte forma: “Quando a memória de uma sociedade se preocupa com fatos passados, é porque esses dizem respeito ao presente, têm algum sentido para o presente dessa sociedade. (...) O sentido desses fatos, em geral, está ligado à identidade da sociedade, por tratar, geralmente, dos eventos históricos que fundam essa sociedade. (...) Quando um grupo social qualquer celebra um acontecimento específico de qualquer natureza, o grupo celebra a si mesmo, isto é, apresenta de forma simbólica aquilo que considera como essencial à própria existência” (p. 44).

Fernando Miguel, dando a idéia de uma seqüência direta entre os bandeirantes, os cafeicultores paulistas e o soldado Fernando Miguel, que lutou por seu país:

Mas já, anteriormente, os seus antepassados, dentro desse espírito, que sempre presidiu os destinos de São Paulo, desde os seus primórdios, pela ação intrépida dos bandeirantes a dilataram as fronteiras do Brasil, no início do século XIX — o século da civilização do café.

O que notabilizou os promotores da “civilização do café” dos quais Fernando Miguel descendia, e de cuja civilização foi dito ser D. Veridiana Prado “a mais lídima expressão”, foi o espírito de realidade, iniciativa, empreendimento e realização, cimentados por uma indefectível união, que presidiu a todas as suas decisões¹⁷.

As memórias de Maria Pacheco e Chaves se embasaram nos subsídios históricos fornecidos pelo contexto em que estava vivendo, assim como as de seus pais e irmãos. Cada qual fez uma seleção de fatos e os ordenou de acordo com suas concepções no momento da escrita. O lugar onde o relato foi elaborado é, deste modo, imprescindível na compreensão de cada uma das memórias produzidas. Nas palavras de Halbwachs, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se bem alterada”. Desta forma, a reconstrução do passado levada a cabo por Maria Pacheco e Chaves é bastante diversa daquela empreendida por Elias Chaves. Preocupada em defender a propriedade privada em face da “ameaça comunista” dos anos de

¹⁷ Maria Pacheco e Chaves, op. cit., pp. 20 e 19, respectivamente.

1960 e em garantir a “marca” da família na história do país, ela privilegia a lembrança dos feitos militares do irmão, dos vôos de Edu Chaves com todo o civismo da época, do avô Martinho Prado como o grande desbravador paulista, bem como os atos de outras personalidades que atestassem os feitos e os méritos da oligarquia paulista e principalmente da sua família. O próprio título de seu livro, *Os esquecidos de um Brasil verdadeiro*, é bastante sugestivo da sua intenção de garantir um lugar para a sua família ou para as famílias paulistas na memória nacional. Desejo este herdado de sua mãe Alzira, conforme a própria Maria:

Este livro nasceu do desejo de uma mãe. Uma mãe que sabia o valor de seu filho e desejou que ele fosse um exemplo para a mocidade, no que possuía de mais elevado e nobre: o amor ao dever. (...) Resolvemos, pois, quando do IV Centenário da cidade de São Paulo, que o viu nascer, revelar a todos o valor de sua vida publicando a sua fé de ofício. Dessa forma ver-se-ia, em parte, realizado o desejo da minha mãe de “que um dia pudéssemos escrever a vida de Miguel”, conforme o disse meu pai, que me transmitiu esse anseio do seu coração materno¹⁸.

Já seu irmão Elias Pacheco e Chaves, que se tornou militante político de esquerda, releva em suas memórias os movimentos operários, a Revolução de 1930, o getulismo. Ao contrário da irmã, ele rompera ideologicamente com o grupo social no qual fora criado, conforme ele mesmo relata:

... com a queda do governo e das instituições baseadas na Constituição de 1891, em cujo espírito me formara, ruína a base das

¹⁸ Ibidem, p. 15.

*minhas convicções. Na realidade me senti aliviado, aliviado de lutar contra a corrente*¹⁹.

Essas reminiscências dos Pacheco e Chaves, principalmente as de Alzira e Maria, acabaram por produzir um “enquadramento” da memória familiar, na expressão de Pollack. Segundo este autor, o “trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”.

Por um lado, esse “enquadramento” se fez no sentido de construir uma memória familiar associada à origem paulista, ao mesmo tempo que se servia de uma memória histórica fundada no “mito do bandeirante”, principalmente os escritos de Maria Pacheco e Chaves. Por outro, nas memórias e nos registros diários de Alzira procurou-se garantir a unidade do grupo, o prestígio do nome, a qualidade de “grande família” — atributos que se constituem em capital simbólico e que sobrevivem por algum tempo, mesmo que haja diminuição do patrimônio econômico.

Em uma análise de memórias e correspondência de uma família da aristocracia rural francesa do início do século, Saint Martin afirma que estes documentos representam um empreendimento de celebração da família. Este

¹⁹ Elias Chaves, op. cit., p. 41.

procedimento, segundo a autora, é fundamental para a reprodução do capital social dos membros familiares²⁰.

Esse trabalho simbólico e prático de gerar um “espírito de família” ou de instituir a idéia de família, como coloca Bourdieu, é de responsabilidade de todos os membros familiares. Mas são particularmente as mulheres que se encarregam de perpetuar a “família como corpo ao preço de uma criação continuada do sentimento familiar”²¹. Com tal trabalho não só se garante a reprodução do grupo familiar e social, como também se institui uma realidade ou “um modo de existência: a vida em família”²².

2.3 *As trocas epistolares*

Assim como as memórias, a correspondência dos Pacheco e Chaves revela uma grande celebração da família, seja na ênfase à origem familiar, seja na preocupação em manter as reminiscências. Também como nas memórias, as cartas da família não se pautavam pelo tom íntimo, ou seja, não representavam um ideal de “privacidade”²³ ou de refúgio interior; eram escritas para serem lidas por todos. É desta forma que Alzira comenta a leitura de uma das cartas que recebeu de seu filho Antonio Olegário:

²⁰ Monique Saint Martin. *Une grande famille*.

²¹ Pierre Bourdieu. *Razões práticas*, p. 130.

²² Ibidem, p. 134.

²³ Peter Gay, p. 320.

A sua carta estava impagável e foi muito apreciada por todos. Chegou a hora do almoço, fez a volta da mesa, de mão em mão, e, ora tio Raul, ora Carlos, liam algum trecho em voz alta. Eu só pude ler depois do almoço, depois que todos tinham lido²⁴.

As cartas podiam ser qualificadas pelos próprios familiares como “íntimas”, conforme se observa na preocupação explicitada numa carta de Alzira ao marido.

Esta vai tão pouco interessante como as outras, mas leva uma cópia de um trecho da carta de Jean a Alice que vale a pena ser lido. Copiei-o ontem para enviar-te. Peço-te que depois o mandes a Miguel. D. Nesinha gostaria que fosse publicado, mas hesita, por não saber se Será conveniente, publicar uma carta íntima sem o consentimento de quem as mandou. E manda dizer-te que decidas a questão²⁵.

Entretanto, “íntimo” significava restrito à família, estendendo-se a primos, tias e tios. As cartas celebravam esses laços familiares, garantiam a continuidade da “grande família” por meio de uma rede de trocas epistolares. Era muito freqüente que cartas fossem lidas por outras pessoas além do destinatário, como se observa nesta passagem em que Alzira adverte Elias Antonio sobre o fato de que várias pessoas reclamaram da sua caligrafia:

²⁴ Museu Paulista, doc.10.734. São Paulo, 7 de agosto de 1920.

²⁵ Museu Paulista. doc. 10.524. Santa Cruz, 9 de agosto de 1915. O trecho da carta de Jean e Alice citado por Alzira não pôde ser aqui reproduzido porque não figura no acervo.

Em casa de tia Eponina estão indignados com a tua letra, pois ninguém conseguiu ler a carta que escreveste a Luizon. Imagino o que dirão os teus examinadores? Hão de pensar que não sabes de escrever porque além da letra cometes erros! É preciso: é necessário venceres a tua preguiça e tomar a única resolução de mudar de letra. Adota a americana que é tão fácil de ler. A nossa letra deve ser tão legível quão claras devem ser nossas idéias. Casa-se hoje o Eduardo²⁶. O casamento vai ser com grande pompa. É na Igreja do Coração de Jesus. Houve ontem ensaio de cortejo, no qual tomam parte onze demoiselles e garçons d'honneur. Tote vai carregar a cauda da noiva. Nós não vamos à festa, nem fomos para ela convidados, pelo motivo que já sabes. Tia Marietta esteve ontem aqui e falando nisso chorou dizendo que nunca pensou que não pudéssemos assistir ao casamento do Eduardo (...). Os negócios aqui vão de mal a pior — não sabemos no que vai dar.

Alzira prossegue dando informações sobre o casamento de seu sobrinho Eduardo, filho de Marietta, irmã de Fernando. Sua família não poderia assistir ao casamento pois havia ocorrido uma desavença entre Fernando e Ernesto Ramos, marido de Marietta. No relato do episódio o que cabe ressaltar é que a idéia de “grande família” vai se tecendo por meio dessas várias informações, comentários, bisbilhotices e demais pormenores familiares. E as mulheres cumpriam papel especial nesse circuito de informações. As cartas trocadas entre os homens da família geralmente tratavam de negócios, viagens ou favores políticos, enquanto as esposas trocavam variadas impressões sobre a família, assim como eram responsáveis por enviar missivas de cortesia que garantiam o elo afetivo e familiar. As cartas representavam também trocas simbólicas, instituindo e reforçando as relações familiares. Nesse sentido, garantiriam o elo familiar, o amor conjugal, a obediência dos filhos — e às

²⁶ Museu Paulista, doc. 10.731. São Paulo, 14 de dezembro de 1920.

mulheres cabia grande parte da responsabilidade de manter esse circuito de trocas.

Reitera-se aqui a idéia de Saint Martin, já mencionada, de que a celebração da família garante a reprodução do grupo social por intermédio da manutenção dos vínculos afetivos ou de interesses. Esta celebração garante também o prestígio do nome, a consciência de não ser como os outros e de pertencer a uma “grande família”²⁷. No trecho reproduzido abaixo, observa-se que Alzira, escrevendo a Anésia, demarca os laços familiares e, citando palavras de Maria, sublinha a importância do nome de família, um dos atributos do capital simbólico²⁸:

*Olegário ficou contentíssimo com a estada do padrinho aqui. Pediu a Fernando para comprar um lápis de ouro para dar a Eliassinho e a senhora não imagina com que prazer lhe deu! Ele anda com muitas saudades da senhora, de vez em quando diz “eu só gostaria que vovó viesse para Europa, assim eu faria como Elias com D. Nicota, andava sempre com ela”. E Maria declarou que quer se casar com tio Antonio para não mudar de nome. Baby continua muito atarefado com os estudos e Miguel a gozar as férias. Mario está cada vez mais parecido com Jorge!*²⁹

²⁷ Monique de Saint Martin, op. cit.

²⁸ Maria Luisa Albiero Vaz comenta também o trecho em que Maria pede para não mudar de nome, o que segundo esta autora revelaria um apego à tradição e ao conservadorismo. Segundo ela, “era difícil conciliar seu estilo dinâmico de vida com a representação que faziam de si mesmos, baseada no conservadorismo. Tinham necessidades de aparentar estabilidade, através do apego aos rituais em geral e à rotina doméstica, monótona e repetitiva” (p. 42). Neste trecho a autora não explica o que seria um “estilo dinâmico de vida” em contraposição a uma vida doméstica “monótona e repetitiva”. Maria Luisa Albiero Vaz, *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo*.

²⁹ Museu Paulista, doc. 10.479. Val-Mont, 2 de agosto de 1911.

A carta que contém este trecho foi escrita em 1911, quando a família ainda vivia seu apogeu econômico e as crianças estudavam na Europa. São citados os filhos de Alzira, sua sogra, cunhados e tio. Essa ciranda de informações e referências familiares está presente em inúmeras cartas, celebrando não só os Pacheco e Chaves, mas também os lugares construídos e habitados pela família, como numa carta de Alzira para seu filho Elias:

*Hoje foi embora o menino belga que quer trocar cartões com vocês. Você, Miguel e Olegário mandem cartões bonitos — a Chácara da vovó Veridiana, a estação da Luz, a chácara de Tio Antonio*³⁰.

A leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves pode também nos levar a perceber como se dava a construção da rede de relações do grupo social em que se inseriam, pois por meio das missivas tratava-se de constituir as conexões entre as famílias, cafeicultores, políticos etc.

As cartas adquirem maiores significados quando lidas em conjunto. Na maioria das vezes, como coloca Pouban, “uma carta isolada não faz sentido, no limite ela não existe, cada mensagem é um fragmento de uma relação mais longa no tempo, mais ampla no campo social”³¹. As trocas epistolares formavam um circuito de comunicação com uma pluralidade de significações. No final do século XIX o mundo social se alargava: a cidade ampliava não só suas fronteiras, mas também as práticas sociais e culturais. As viagens eram então necessárias e constantes, e as cartas um dos meios de obter notícias. O

³⁰ Museu Paulista. doc. 10.730. Davos-Platz, 20 de fevereiro de 1906.

³¹ Danièle Pouban, op. cit, p. 392.

ritual de escrever cartas era quase que diário, mantendo um ritmo intenso de intercâmbio de notícias e novidades.

*Entreguei ontem a minha oitava carta e estou escrevendo a nona! O meu pensamento estando aí, só me sinto à vontade quando estou escrevendo. Papai, Maria e Olegário ainda dormem, e eu vim para o jardim, com a minha malinha de escrever, sentei-me no degrau da porta da capela e aqui estou a escrever-te. Deste mesmo lugar vimos muitas vezes o bombardeio da cidade. (...) Ontem deram nos jornais da tarde um telegrama oficial dizendo que as tropas legais ocuparam Porto Tibiriçá. A notícia é lacônica porém antes assim que nenhuma*³².

A correspondência, como coloca Corbin, “preparava as visitas, acompanhava as trocas de presentes e os serviços baseados na complementação geográfica ou funcional. Através das correspondências desenha-se uma hierarquia familiar, resultante da ordem de nascimento, baseada no êxito pessoal”³³. As cartas seguiam uma série de normas e uma linguagem apropriada que traduziam a relação entre aqueles que se correspondiam, respeitando principalmente as hierarquias familiares e o respeito dos filhos aos pais. Fernando Miguel, ao escrever para seus pais, faz uma ironia acerca da forma como termina sua carta, demonstrando que a escrita não era livre. Além das regras estilísticas, uma carta não poderia despojar-se dos códigos relativos às próprias relações familiares:

³² Museu Paulista, doc. 10.678. São Paulo, 3 de setembro de 1924. Alzira para Elias Antonio.

³³ Alain Corbin. *A relação íntima ou os prazeres da troca*, p. 517.

*Quanto aos outros faço votos de costume para que gozem a mesma saúde que eu, como se dizia na moda antiga, isto naturalmente sem esquecer mamãe, que peço não se formalizar por esta falta de obediência à hierarquia patriarcal, que a encrencada construção de uma frase encrencada me fez cometer*³⁴.

Alzira cobrava freqüentemente que seus filhos lhe escrevessem, contando tudo que lhes acontecia enquanto estavam estudando fora. Quem mais correspondia a esta cobrança era Fernando Miguel, que escrevia longas cartas, descrevendo sua rotina, problemas com as namoradas, descobertas nos estudos e percepções sobre a sociedade brasileira e européia, como no trecho a seguir reproduzido, de uma carta escrita a seus pais no período em que ainda estava estudando em Lausanne, em que comenta seu envolvimento com uma moça brasileira:

Se eu não tivesse falhado por simples vagabundagem e por causa de Sylvia, mais de 150 horas de curso no primeiro trimestre deste ano teriam ficado, mesmo se tivesse tido as más notas que tive por causa dessas falhas e das minhas escapadas ao hotel Royal, coisa que teria sido por assim dizer impossível se Sylvia não estivesse aqui. Felizmente tive uma recompensa “écletante” que me servirá de lição a vida toda e não há hipótese que caia de novo desta maneira para fazer um papel de idiota como fiz. Esta recompensa é, segundo notícias que me vêm de Paris, que a minha “namorada”, que assina cartas “your fond love”, que põe em música umas porcarias de rimas laboriosíssimas minhas, está namorando um idiota qualquer gênero “Plínio e Augusto”. É assim que são as meninas de hoje: acham graça de ver um sujeito caído diante delas e então encorajam a corte que se lhes faz. Desde que se vêem longe de um, recomeçam o manejo com outro. E eu que fui idiota o bastante para pensar que as moças brasileiras não eram assim, que isso era privilégio das européias.

³⁴ Museu Paulista, doc. 10.836. Marechal Hermes, 17 de março de 1920.

*Garanto que se não fossem os prejuízos e a vergonha fariam bem pior. Para mim foi muito bom, porque vi pelo meu estado depois disso que não estava absolutamente apaixonado. Imaginava estar, iludia-me a mim mesmo*³⁵.

Fernando Miguel não chegou a se casar, mas parecia sempre estar envolvido com mulheres que não lhe davam atenção. As suas decepções com as mulheres eram sempre relatadas aos seus pais, quase sempre acrescidas de desculpas por ter se desligado dos estudos em razão de problemas amorosos. Embora a última carta citada tenha sido escrita em 1914, Alzira escreve a Fernando Miguel em 1923 como que em resposta àquela missiva, já que ele mais uma vez se queixava de uma mulher. Alzira o aconselha da seguinte forma:

*É preciso por fim a essa brincadeira de dizer a menina que se declare. "Amar e ser amado, que ventura. Não amar sendo amado, um triste horror. Mas ainda há uma noite mais escura. Amar alguém que não nos tem amor". E portanto, se estás nesse último caso, é pensar em outra ou, por enquanto, em outra coisa. É preciso muita energia para vencer essas neurastenias de amor desengano. Mas se ele não te corresponde e é assim coquete para contigo, é muito mal feito da parte dela*³⁶.

Na verdade, trata-se de mais um de uma série de conselhos que Alzira procurava dar a Fernando Miguel, para que ele casasse. Tentava convencê-lo de que os grandes homens também foram casados e que é na família que o homem adquire qualidades morais e físicas:

³⁵ Museu Paulista, doc. 10.805. Lausanne, 23 de julho de 1914.

³⁶ Museu Paulista, doc. 10.694. São Paulo, 15 de junho de 1923.

És também, de todos, o que mais tenho vontade de ver casado. Sim, meu filho, é preciso pensares nisso e tratares de arranjar uma boa companheira para a vida. Todos os grandes homens foram casados, sem excetuar César e Napoleão! Já vês que o casamento não impede as grandes empresas, mas sim coopera para isso. Até Sócrates foi casado e dizem que marido muito paciente! Já está portanto provado que é na família que o homem desenvolve melhor as suas faculdades intelectuais, morais e até físicas. A vida de um solteirão estraga a saúde e perverte o carácter. Enquanto são moços essas coisas passam por loucuras de rapazes, mas pouco a pouco essas loucuras vão se acentuando, tomam conta do homem, e então começam a destruição de tudo que havia de bom, de sensato, de generoso, de amável naquele carácter³⁷.

Essas cartas trocadas entre Alzira e Fernando Miguel sobre relações amorosas, casamento, família etc., além de nos remeter ao significado das epístolas familiares, propiciam meios para pensar sobre as próprias relações familiares ou mesmo sobre a idéia de família. É interessante notar que três dos cinco filhos de Fernando Pacheco e Chaves não se casaram: Fernando Miguel, Olegário e Maria. Não cremos que tal fato tenha estrita correspondência com as mudanças de valores em termos de casamento que se verificavam à época, mas sim que, como o capital econômico e social ainda era fundamental para que as alianças se efetivassem, o fato de a família entrar em decadência financeira pode ter contribuído para que seus filhos permanecessem solteiros. No entanto, percebem-se na correspondência familiar algumas reflexões sobre relação homem-mulher, sobre as hierarquias familiares e sobre a idéia de ser pai ou

³⁷ Museu Paulista, doc. 10.640. São Paulo, 25 de janeiro de 1923.

mãe. No trecho a seguir, Fernando Miguel, em carta aos pais, aborda justamente a questão da paternidade/maternidade:

Só tenho confiança nos amores confirmados por no mínimo dez ou quinze anos de muitos filhos e de muita constância, se não será exceção. Aliás isso é necessário que seja assim, senão a vida seria impossível, pois a gente é organizada em vista da conservação da espécie e não do indivíduo e por isso o amor dos pais para os filhos e dos pais entre si por causa dos filhos tem necessidade de ser muito mais constante do que o de um homem para uma mulher e vice-versa, porquanto fazer um filho não custa, criá-los é que são elas. Desculpem-me a liberdade de linguagem mas a coisa não é outra e se no princípio o amor do pai é mais raciocinado do que espontâneo é porque o pai não tem que dar de mamar ao seu filho e é somente por um raciocínio, às vezes complicado, que ele sabe que o filho é mesmo seu! Acho mesmo que no princípio e em contradição com o que eu já disse o amor pela mulher deve inspirar os primeiros devotamentos do amor paterno, mas isso nem sempre pois eu tenho muita vontade de ter um filho e nenhuma de ter uma mulher: estou estudando um jeito de arranjar um filho de mãe incógnita! O ideal é ser como eu que posso contar com um pai e uma mãe a prova de fogo e por isso não me aborreço, sou um homem perfeitamente feliz³⁸.

Fernando Miguel também escrevia aos pais com o objetivo de aconselhá-los sobre problemas financeiros, de saúde ou outros por que estivessem passando. Sua correspondência permaneceu intensa mesmo após ter voltado para o Brasil, já que seguiu carreira militar e ficava isolado de seus pais. No trecho abaixo, por exemplo, ele pede a sua mãe que lhe escreva mais cartas, o que seria para ela, segundo seu julgamento, um ato menos melancólico do que envolver-se com especulações religiosas. A carta mostra duas visões de

³⁸ Museu Paulista, doc. 10846, Marechal Hermes, 28 de maio de 1920.

mundo distintas: a do filho, essencialmente materialista e racionalista, e a da mãe, voltada para a doutrina católica.

Na minha última carta disse que queria fazer um pedido a papai e outro a mamãe. Aí vai. A papai peço que vá ao oculista e a mamãe que se distraia mais que puder a fim de não cair na neurastenia de que me falou em sua carta. Pelo menos peço que faça leituras menos pessimistas a respeito da vida terrestre que conhecemos e menos otimistas a respeito da hipotética vida celeste. Se forem essas as ocupações que causam o silêncio de mamãe eu só terei o prazer de receber o menor número de cartas possível, porém, se assim não for prefiro que mamãe empregue para me escrever pelo menos uma parte do tempo que leva rezando em minha intenção. Aposto que, por pequena que fosse esta parte, eu ganharia assim bem uns dez minutos por dia e como as raríssimas cartas que recebo não podem levar muito mais tempo para escrever, eu chegarei a receber quase que uma carta diária o que me fazia muito mais feliz do que quanto anjo e santo que vive a aborrecer no céu. Doutro lado me parece que o escrever cartas deve dar menos melancolia (nexus=preto) do que o incessante pensar em insolúveis problemas da morte do corpo, vida da alma e etc. É pena que estas coisas não sejam suscetíveis de demonstrações matemáticas. Com efeito, até há pouco tempo atrás muita gente enlouqueceu ou quase enlouqueceu querendo achar a quadratura do círculo. Porém descobriu-se um teorema que demonstra rigorosamente a impossibilidade de resolver este problema e nunca mais ninguém se ocupou³⁹.

Mesmo irritando-se com as especulações religiosas da mãe, Fernando Miguel sempre lhe pedia que escrevesse. Até os anos de 1920 os pedidos são constantes:

³⁹ Museu Paulista, doc. 10.814. Realengo, 4 de outubro de 1916.

Espero que em breve eu receba a sempre esperada carta de mamãe, com uma porção de conselhos de que eu gosto muito. (...) Quem é que como eu, periodicamente se confessa assim com seus progenitores?

As cartas de Alzira para os filhos demonstram que havia um diálogo intenso, tratando dos mais variados assuntos. Os pais, principalmente Alzira, escreviam longas cartas contando seus problemas financeiros, encontros familiares e novidades, e davam vários conselhos aos filhos. Estes, por sua vez, faziam extensos relatos sobre seus estudos, suas angústias com o futuro profissional, queixas amorosas e percepções a respeito do lugar em que estavam e das pessoas com quem conviviam. Esse diálogo revela também um ato confessional dos filhos para com os pais, o qual podia significar tanto a garantia dos elos afetivos como a possibilidade de controle. O próprio Miguel afirma, na carta citada acima, que periodicamente se “confessa” com os pais. Poder-se-ia aqui aproveitar a idéia de Peter Gay (com evidentes ressalvas ao distanciamento e contextos históricos) acerca da sociedade vitoriana inglesa. Segundo o autor, “ao exigirem uma total sinceridade dos filhos, os pais muitas vezes estavam mascarando uma rígida imposição da autoridade do adulto, uma invasão arrogante, e às vezes lasciva, da vida dos jovens”⁴⁰.

Mas a correspondência poderia ser utilizada das mais diversas formas, na maioria das vezes com o objetivo de garantir todas essas relações familiares, nem sempre perfeitamente dentro das regras, e às vezes com o intuito mesmo de contorná-las.

⁴⁰ Peter Gay, op. cit, p. 319.

*Casou-se ontem a Maria Penteado. Eu me esqueci de mandar felicitá-los. Escrevi a D. Olívia uma carta com data atrasada, a fim de ver se consigo pôr nas costas do correio, a culpa que é bem minha*⁴¹.

Mesmo que driblando regras, a correspondência pessoal construía e solidificava uma rede de relações, composta principalmente por parentes. As mulheres tinham um papel especial nessa construção, realizada não só por meio das cartas, como nas memórias e demais práticas femininas.

2.4 Memória trajada

Michelle Perrot faz uma análise sugestiva da moda feminina relacionando-a com a memória produzida pelas mulheres. Segundo ela, “uma mulher inscreve as circunstâncias de sua vida nos vestidos que ela usa, seus amores na cor de uma echarpe ou na forma de um chapéu. (...) A monotonia dos anos se diferencia pela toailete que fixa também a representação dos acontecimentos que fazem bater o coração. (...) A memória das mulheres é trajada”⁴².

Nas cartas das mulheres da família Pacheco e Chaves ganhavam destaque a moda, as maneiras de se vestir, os trajes elegantes, assim como os

⁴¹ Museu Paulista. doc.10.586. São Paulo, 30 de maio de 1919. Alzira para Fernando Miguel.

⁴² Michelle Perrot, op. cit., p. 14.

de mau gosto. Seguindo a reflexão de Perrot, diríamos que os estilos do vestuário feminino serviam de referência para cada etapa de vida dessas mulheres. Em muitas de suas cartas, Alzira Pacheco e Chaves faz observações sobre o modo de se vestir das pessoas à sua volta. Vestidos, decotes e bordados fornecem subsídios para a elaboração de sua memória:

*... voltei então para o quarto de Jane, que nesse momento vestia o vestido de baile. Era a primeira vez que via um vestido de baile de hoje, e fui obrigada a dizer a Jane que prefiro muito os decotes do meu tempo. O vestido é muito rico, muito bordado, mas não se compara àqueles vestidos antigos, que, menos preocupados de impressionar, davam às moças mais graça, mais encanto, sem falar nos decotes que achei simplesmente horríveis!*⁴³

A visão de um vestido faz Alzira relembrar o tempo em que freqüentava os bailes promovidos pela elite paulistana, e assim a forma de um decote vem proporcionar mais uma anotação para a sua “contabilidade da decadência” (para usar novamente a expressão de Corbain). Seu afastamento da vida social pode ser estendido a toda a família, como o corrobora o fato de afirmar que ainda não havia visto um “vestido de baile de hoje”, sendo que tinha uma filha jovem.

De qualquer forma, a moda era um dos elementos que compunham a linguagem feminina, fornecendo-lhe subsídios para tecer uma reflexão e estabelecer um diálogo⁴⁴. Quando os Pacheco e Chaves ainda viviam em fase

⁴³ Museu Paulista, doc. 10.531. Hospital Santa Catarina, 15 de outubro de 1922.

⁴⁴ A esse respeito ver Bonnie Smith. *Ladies of the leisure class*. A autora faz uma análise de um grupo de mulheres provincianas do norte da França no século XIX. Entre os vários aspectos que analisa em relação a uma “cultura feminina”, aborda o significado da moda,

de opulência, no final do século XIX e início do XX, as mulheres da família freqüentavam vários eventos sociais, como jantares, bailes e festas. Em várias cartas há comentários sobre essas ocasiões e é principalmente através do vestuário que a narrativa é conduzida. As “*toilettes*”, como se referiam, apresentavam o cenário e o perfil dos personagens:

Estimarei que Miguel esteja melhor e Fernando e vocês estejam mais sossegados, talvez os outros estando separados escapem. Como te prometi vou te falar um pouco sobre o casamento de Martinho ao qual assisti ontem. O casamento foi em casa, arranjaram um altar, que estava muito bonito, na sala Luiz XV, às 9 horas da noite o padre Chico depois de ter feito uma alocução deu a benção aos noivos que estavam ambos muito contentes e nada comovidos. Havia pouca gente, poucas pessoas além de parentes dos noivos, a casa estava muito bonita e bem arranjada, não havendo porém tantas flores, como no dia do baile, mas achei melhor, assim. Havia toilettes bonitas: a noiva, vestido crepe da China, rendas e poucas flores, véu de tule, muito bem arranjado no alto da cabeça, nada caído sobre o rosto, bem penteada e muito bonitinha e alegre (apenas no fim da festa, via-a chorando um pouco). Madame Raul de Carvalho, primeiro prêmio de mau gosto (rasgue esta carta imediatamente, não quero histórias), toilette de cetim vermelho, escarlata, tendo só a saia coberta de rendas pretas, cinto de musselina de soie escarlata, com duas pontas caídas atrás até a barra do vestido! Um pavor!”⁴⁵

Marietta narra com detalhes tudo o que pode observar com relação às “*toilettes*” dos convidados de uma festa de casamento (a descrição prossegue

que, além de servir como metáfora para a obtenção de *status*, representava um sistema de comunicação. Segundo ela, “*fashion formed a communication system among women, and even among men and women, a system that became the quintessential expression because it surrounded the female form itself*”.

⁴⁵ Marietta, irmã de Fernando Pacheco e Chaves, para Alzira. São Paulo, 1º de setembro de 1905.

por mais cinco páginas). A conjugação entre moda e mulher parece-nos hoje um tanto óbvia, já que há toda uma cultura feminina elaborada a partir deste referencial. Entretanto, no começo do século a moda tinha significados especiais para uma sociedade que tinha por objetivo “civilizar-se”. A mesma análise de Perrot para a sociedade francesa poderia ser transposta para São Paulo do começo do século, isto é, a moda educava, era referência de civilidade, um novo código ao qual as mulheres deveriam se sujeitar, compondo assim um léxico feminino⁴⁶.

Segundo Freire Costa, em sua análise sobre a sociedade do Rio de Janeiro no século XIX, “as elites da época distinguiam-se da plebe, não apenas pelo dinheiro, situação social ou cor da pele, mas pela docilidade com que se sujeitavam a receitas sobre o uso das roupas”⁴⁷. Ainda segundo este autor, a moda a partir do século XIX sofrerá transformações para incorporar as prescrições higiênicas da época. A crítica higiênica da moda procurou estabelecer certos padrões morais de comportamento, no momento em que as famílias deixavam de viver isoladas umas das outras. Esta nova sociabilidade exigia novas regras, que em muitos casos foram fornecidas pelos “manuais de civilidade”⁴⁸.

Vários manuais contribuíram para a construção dessa cultura “feminina”. Entre as mulheres da família Pacheco e Chaves tal cultura pôde ser cultivada por meio de manuais estrangeiros, especificamente os franceses, já que freqüentavam os ambientes europeus em que proliferava este tipo de literatura, mas mesmo na pequena metrópole paulistana esses manuais e jornais

⁴⁶ Michelle Perrot, *op. cit.*

⁴⁷ Jurandir Freire Costa, *op.cit.*, p. 130.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 136.

passaram a ser publicados. A educação feminina deixava de ser transmitida exclusivamente através de “mães e tias”, sendo veiculada também por intermédio dos meios de comunicação de massa⁴⁹. Segundo Morin, “através das rubricas práticas da imprensa feminina (e também da imprensa masculino-feminina) não é só o domínio das artes domésticas, é todo o universo do novo bem-estar-conforto que se desenvolve sob controle feminino”⁵⁰.

Livros de culinária e de etiqueta, manuais de como cuidar das crianças, revistas de moda começaram a surgir no século XIX e desenvolveram o que seria a expressão de uma cultura feminina, cada vez mais cultivada e que tinha como base a reprodução, família, poder, fragilidade e união com a natureza⁵¹. A partir do início do século XX a imprensa feminina começou a se desenvolver em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, destinada ao público feminino e preocupada em elaborar uma subjetividade para a mulher “moderna”. A *Revista Feminina*, uma das mais expressivas no início do século, circulou por todo o país entre 1914 e 1936. Seus temas principais eram casamento, maternidade, educação e cuidados da casa, mediante um discurso que designava a casa como o lugar da mulher por excelência, associando-a sempre à subjetividade⁵².

Nesse período, a imprensa feminina publicava basicamente artigos sobre moda, cuidados com a casa, com os filhos e literatura. “Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetos, tivemos no Rio, São Paulo e outras

⁴⁹ Miriam L. Moreira Leite. “A mulher das camadas médias no mercado de trabalho”, p. 194.

⁵⁰ Edgar Morin, *Cultura de massas no século XX*.

⁵¹ Bonnie Smith, *op. cit.*, pp. 83, 84, 87.

⁵² Margareth Rago. *Os prazeres da noite*.

idades, *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *O Beija-flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *A Primavera*, *Jornal das Moças*, *Eco das Damas* e assim por diante”⁵³.

*As blusas que mamãe me mandou não me têm servido muito, todas as acham muito bonitas. Peço-te perdão por te mandar pedir qualquer coisa em quase todas as cartas, mas não posso fazer de outro modo porque são coisas que preciso. Agora, por exemplo, tenho de te pedir que mandes o mais depressa possível um vestido para passeio, os três melhores que tenho são: o preto e amarelo, o vermelho escuro e o preto e branco são bons demais para todos os dias, o vestido de viagem e o vermelho e preto que achavas muito feio são os que mais ocupo aqui e estes já estão muito velhos, o único que tenho para sair é o de Lebauvier que já está ficando muito batido, não posso ocupar o tailleur por ser quente demais e como eu tenho só saldo à tarde não me serve de nada. O vestido bege que é a melhor cor que vai às morenas. Se não fosse tudo tão caro e ruim mandaria fazer vestidinho por Santinha mas não vale a pena*⁵⁴.

Essa cultura feminina que tem como código as regras do bem vestir diz respeito não só às mulheres, mas também aos seus maridos. Como coloca Bourdieu, “a escolha de uma vestimenta por um homem depende não somente do capital cultural herdado e do capital escolar que ele dispõe, mas também do

⁵³ Dulcília S. Buitoni. *A imprensa feminina*, p. 40. A imprensa, de modo geral, utilizava essas imagens como forma também de vender muitos dos produtos que eram anunciados. Entretanto, como coloca Besse, ao mesmo tempo que essa imagem feminina era utilizada pela imprensa, as mulheres usavam a imprensa para veicular suas frustrações, articular suas necessidades e se comunicar umas com as outras. Tal dimensão da imprensa não será aqui abordada, já que as mulheres da família Pacheco e Chaves não mencionam, na correspondência, nenhum tipo de crítica à posição da mulher no período, bem como não comentam leituras a esse respeito. Em relação à questão das imagens da mulher na imprensa do início do século, ver: Susan K. Besse. *Restructuring patriarchy*.

⁵⁴ Marietta para sua mãe Anésia. Museu Paulista, doc. 10.278. São Paulo, 26 de agosto de 1893.

capital escolar e cultural possuído por sua esposa e a diferença que os separa”⁵⁵.

Grande parte deste trabalho simbólico de diferenciação entre a elite e os demais grupos sociais coube às práticas femininas. Por meio de um conjunto de referências a que só estas mulheres tinham acesso criou-se todo um universo simbólico, cujos elementos tornaram-se instrumentos de reconhecimento.

Essas atividades “femininas” contribuíam para a produção de um estilo de vida: boas maneiras, bom gosto ao se vestir, noções estéticas e culturais, decorar uma casa confortável, ensinar o hábito da cultura física e a higiene aos jovens. A partir de convenções e regras de comportamento as mulheres deveriam realizar o trabalho simbólico para a elaboração de determinadas categorias de reconhecimento social.

As mulheres da família Pacheco e Chaves, assim como outras do mesmo grupo social, se destacavam pelas roupas e pela elegância com que compareciam aos locais de encontro da elite paulista. Em carta à esposa, Fernando comenta a presença das mulheres da família no hipódromo da Mooca:

*E por falar em Antártica lembrei-me dos domingos em São Paulo, que se passam agora nas corridas. Não sei se já te mandei contar que está o hipódromo da Mooca todo ele reformado. (...) Caio, que também quer transformar as corridas de reles em elegantes. E para esse fim (pelo menos, eu suponho) lá estiveram no dia em que lá estive Antonieta, (?) e (?) — todas três com três enormes chapéus, vestidos de Paris e rostos coloridos*⁵⁶.

⁵⁵ Pierre Bourdieu. *La Distincion*.

⁵⁶ Museu Paulista, doc 10.367. São Paulo, 23 de novembro de 1908.

As mulheres ali estavam, pois, para transformar as corridas *de reles em elegantes*. Comentário semelhante a este de Fernando foi publicado na revista *Arara* em 1906, a respeito do Jockey Clube Paulistano, em que também se comenta a presença das senhoras da sociedade como um sinal de enobrecimento do hipismo em São Paulo: “Bem dissemos nós que parecia que o gosto por este nobre esporte está revivendo em São Paulo: a última reunião hípica realizada no domingo pelo velho Jockey Club assim o prova, pois as vastas arquibancadas achavam-se cheias de distintas senhoras e senhoritas⁵⁷”.

As mulheres eram responsáveis pela ampliação e manutenção do capital social da família, tanto dentro como fora do espaço doméstico. Capital social entendido como um conjunto de recursos atuais ou potenciais ligados a uma rede de relações e conhecimentos e de pertencimento a um grupo social⁵⁸.

A reprodução de laços ampliados — este o papel das mulheres na manutenção e ampliação do capital simbólico. Elas realizavam esse trabalho material e simbólico de permanência das relações por meio de visitas, manutenção dos laços familiares, apresentação em público de acordo com certos códigos. Os vários trabalhos simbólicos que visavam criar solidariedades, devotamentos e disposições amorosas eram realizados por todos os membros de um determinado grupo social, mas sobretudo pelas mulheres. Aproveitando a análise de Bourdieu para a sociedade francesa, diríamos que eram “encarregadas de manter as relações através de visitas, mas também através de correspondência e comunicações telefônicas”⁵⁹.

⁵⁷ Revista *Arara*, 25 de março de 1906, apud Judith Mader Elazari, *Lazer e vida urbana*, p.106.

⁵⁸ Pierre Bourdieu. *Actes de la recherche*, p. 1.

⁵⁹ Pierre Bourdieu. *Razões práticas*, p. 81.

Tratava-se então de estabelecer distinções entre a elite e a plebe. Aquela era formada por cafeicultores, pela nova classe de imigrantes e pelos industriais em ascensão, e cabia mostrar que eles tinham tradição, elegância e formação cultural. A circulação na cidade exigia a criação de fronteiras simbólicas entre os diversos grupos sociais. As mulheres não mais viviam nas grandes propriedades de terra, em que o convívio social era mais restrito. Frequentavam agora os vários espaços proporcionados pela urbanização: salões, cinemas e teatros⁶⁰.

2.5 *As mulheres no espaço doméstico*

Muitas das cartas das mulheres Pacheco e Chaves foram escritas durante estadias em uma das fazendas da família ou de parentes: Santa Cruz, Santa Maria, Campo Alto, entre outras. Os homens não ficavam no campo por muito tempo. Em geral, passavam o período necessário para vistoriar a produção e administração, retornando logo para os negócios na cidade ou no exterior. Eram, então, as esposas e crianças que de tempos em tempos lá permaneciam. Olympia, irmã de Alzira, escreve de sua fazenda em Piraju, relatando como se ocupavam naqueles dias:

⁶⁰ Margareth Rago. *Imagens da prostituição na Belle Epoque paulistana*.

As crianças continuam fortes e estudando bem. Hoje fomos tomar banho em casa de Fabrício, que tem um excelente banheiro de natação, é um verdadeiro prazer para as crianças. Antonio já sabe nadar um pouco e boiar bem. Vamos mandar fazer aqui um banheiro igual, pois é muito útil, e faz parte da boa educação saber nadar. (...) Interesse-me muito agora pela horta e pelo jardim, o que muito me distrai. Como vês, não falta assunto para conversar contigo, apesar da monotonia da vida da fazenda⁶¹.

Na fazenda, as mulheres da família dedicavam-se a atividades como “banhos de natação, “boa educação”, horta e jardim, as quais caracterizavam os atributos “femininos” na época e atestavam as qualidades da boa dona de casa como administradora do lar e dedicada a seus filhos. Dar a “boa educação” aos filhos era uma preocupação sempre presente nas cartas e há um grande volume delas cujo tema central é o desempenho escolar dos filhos de Alzira e Fernando Pacheco e Chaves.

A correspondência dos Pacheco e Chaves sugere que as mulheres da família estavam isoladas do universo do trabalho, do processo produtivo que ocorria nas fazendas, tendo uma vivência diferenciada daquelas que mais diretamente tomavam parte no processo da produção cafeeira. Para estas últimas, a fazenda representava um amplo esforço de organização da produção, de modo que participavam de uma rede de serviços a fim de garantir a rotina diária do trabalho exercido fora ou mesmo no interior do espaço doméstico.

Em sua análise das memórias de duas mulheres da elite cafeeira, que participaram das frentes de expansão das fazendas de café pelo sertão paulista, Marina Maluf demonstra que existiam práticas diferenciadas entre elas.

⁶¹ Museu Paulista, doc. 11.253. Piraju, 22 de maio de 1904.

Enquanto famílias como Prado e Pacheco e Chaves se distanciavam cada vez mais do processo produtivo, outras embrenhavam-se pelo interior em busca de novas terras para o cultivo do café. A família toda participava desta investida e as mulheres desempenhavam papel primordial.

Para essas mulheres vinculadas diretamente à propriedade cafeeira, a casa era ao mesmo tempo o lugar da produção para o consumo e para o mercado. Como coloca Marina Maluf, “vida doméstica e vida produtiva não estavam tão ‘perfeitamente’ separadas como sugere a literatura formal: a casa se estendia através do terreiro de café e este invadia o ‘domínio privado’ de que fazia parte”⁶². Nesse contexto, cabia às mulheres gerenciar os serviços no âmbito doméstico, o que significava suprir uma rede de serviços como costura, serraria e oficinas, já que as fazendas do sertão funcionavam de forma autárquica. Em vários momentos substituíam os maridos nas tarefas produtivas, em caso de viagens ou de seu falecimento. Diante das várias atribuições elas só podiam se dedicar aos afazeres domésticos relacionados à subsistência da família⁶³.

Ainda segundo a autora, a empresa cafeeira constituiu-se numa síntese entre a casa e a lavoura, em que a família era o centro articulador. Nesse ambiente dificilmente poder-se-ia estabelecer fronteiras rígidas entre o privado e o público, entre o espaço da família e o do mercado e, como colocaram muitos autores de uma certa tradição, entre a família e o Estado⁶⁴. “Com isso

⁶² Marina Maluf. *Ruídos da memória*, p. 212. Ver também Tania Quintaneiro. *Retratos de mulher*.

⁶³ Tania Quintaneiro, *ibidem*, p. 53.

⁶⁴ Marina Maluf, *op. cit.*, pp. 213-214. A invasão do Estado pela família foi a temática central do pensamento social brasileiro a partir da segunda metade do século XIX até pelo menos os anos de 1930. As dificuldades de estabelecer fronteiras entre o público e o privado, de impedir a preponderância do parentesco nas relações, de fundar uma sociedade

fica descartada, para essa realidade, a pré-noção de esferas rígidas de atividades femininas e masculinas. Em seu lugar introduz-se a interação dos múltiplos papéis desenhados e improvisados a cada dia”⁶⁵.

No caso das mulheres do século XIX, que participaram da produção agrícola realizada por escravos, era pouco comum que se dedicassem às atividades “femininas” como costura, bordado, desenho, pintura e leitura. A essa mulher cabia gerenciar as atividades da mão-de-obra servil vinculada ao setor de serviços. Conforme indica a análise de Quintaneiro, sobre os relatos de vários viajantes a respeito das mulheres, “elas se encarregavam do controle dos criados domésticos e da fiscalização daqueles homens e mulheres que, nas ruas, comercializavam a produção de utensílios de porta em porta ou nos logradouros públicos”⁶⁶.

A vivência dessas mulheres diante da produção agrícola — o que em muitos estudos foi interpretado como isolamento da mulher brasileira —, até o século XIX, deveu-se a sua posição no espaço doméstico como gerenciadora, supervisora do trabalho escravo, suprimindo funções médicas, religiosas e educativas. “O isolamento da mulher era, portanto, uma consequência da modalidade de contato da família com o mundo, na realidade brasileira da

baseada em direitos civis e políticos etc. foram temas de análises de diversos autores, como Silvio Romero, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, entre outros. Sérgio Buarque de Holanda, em sua reflexão sobre a sociedade brasileira, aponta como dilemas a ausência de critérios impessoais na formulação do Estado, a manutenção da afetividade nas relações sociais e o personalismo. Essas questões seriam fruto das relações instituídas pela família patriarcal no período colonial. Segundo ele, “a família colonial fornecia a idéia mais normal de poder, da respeitabilidade, da obediência e da coesão entre os homens. O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família”. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, p. 50.

⁶⁵ Ibidem. p. 102.

⁶⁶ Tania Quintaneiro, op. cit., p. 54.

época”⁶⁷ — o que não significa necessariamente que essa mulher fosse ociosa ou permanecesse à parte do mundo do trabalho, ainda que não estivesse no mesmo nível hierárquico que os seus maridos.

Nas cartas escritas pelas Pacheco e Chaves percebe-se uma outra inserção das mesmas na esfera doméstica e social. Elas não tinham nenhum vínculo direto com a produção quando permaneciam nas fazendas; ocupavam-se com as atividades “femininas”: boas maneiras, bom gosto ao se vestir, noções estéticas e culturais, decoração da casa, ensino do hábito da cultura física e da higiene aos jovens. Numa carta recebida por Alzira de sua sobrinha Alice aparecem as práticas que se consolidaram como experiências femininas para essas mulheres da elite paulista: estudar música, observar as práticas religiosas, escrever cartas, dedicar-se à culinária, ler romances, fazer e receber visitas e costurar.

Há quinze dias que aqui estamos e estou muito satisfeita. Depois de se ter passado algum tempo na cidade gosta-se da tranquilidade benfazeja da fazenda, e como temos o dia todo ocupado o tempo passa muito depressa. Nos dias de semana nós estudamos durante o dia e de tarde fazemos sempre um passeio a pé. No piano estou agora estudando a sonatina de Beethoven a qual acho muito bem bonita. Nos domingos de manhã nós vamos à capela arranjá-la e como aqui não há missa, fazer uma oração; depois do almoço escrevemos cartas, fazemos alguns doces e o resto do tempo lemos histórias⁶⁸.

⁶⁷ Jurandir Freire Costa. *Ordem médica e norma familiar*, p. 103.

⁶⁸ Museu Paulista, doc. 11.277. Piraju, 15 de agosto de 1907.

Essas práticas são reiteradas em carta de Maria Pacheco e Chaves ao seu irmão Fernando Miguel:

Apesar de ficarmos sós não achamos aqui nem triste nem aborrecido. Durante o dia costuramos, lemos, fazemos uma ou outra coisa, e à tarde damos uma volta a pé pelo café ou pela alfafa que está muito bonita. Acho que esta zona está muito mais divertida do que Araras. Temos sempre visitas, fazemos visitas, passeamos a pé e o tempo todo passa depressa e divertido. (...) Aqui não se está isolado, ao contrário (...) A única coisa que faz muita falta é a condução que logo vamos ter pois Eduardo vai trazer o Ford dele para cá⁶⁹.

O espaço doméstico dessas famílias da elite se transformou, de modo que as mulheres isolaram-se do mundo do trabalho e passaram a se dedicar mais à subsistência e ao conforto familiar. A implantação do trabalho livre, a instalação de muitos fazendeiros no espaço urbano e a diversificação das atividades econômicas transformaram não só o cenário político e econômico da sociedade brasileira, como também as práticas familiares. A casa modificou-se. A urbanização e a instalação das famílias de elite na cidade promoveram uma reconceituação da moradia. O lar passou a ser domínio da vida privada do núcleo familiar e de sua vida social. Pelas cartas da família Pacheco e Chaves percebe-se essa transformação do espaço doméstico em relação ao isolamento da esfera do trabalho, já que a produção cafeeira era realizada nas fazendas e pelos colonos

Um novo aspecto que começava a se delinear no final do século XIX era a proximidade entre as residências de parentes ou mesmo a coabitação. Na

⁶⁹ Museu Paulista, doc. 11.166. Fazenda Santa Maria, 29 de agosto de 1922.

família Pacheco e Chaves, até meados do século XIX, genros, noras, sogras, tios e tias conviviam muito proximamente, quando não na mesma residência, caso do sobrado da rua Dona Veridiana, onde coabitaram várias famílias, inclusive a de Elias Pacheco e Chaves⁷⁰. No início dos anos de 1920, tendeu-se a um distanciamento das residências e à convivência exclusiva do núcleo familiar, caso de Fernando Pacheco e Chaves, Alzira e filhos. Uma outra mudança dizia respeito às dimensões das casas. As primeiras gerações viviam em suntuosos palacetes. “A casa de Elias Pacheco e Chaves tinha vinte e cinco cômodos mencionados no inventário, e a de Veridiana Prado, dezenove, todos eles minuciosamente descritos e totalmente ocupados com peças de mobiliário e decoração valiosas e de estilo reconhecido”⁷¹. Nos anos de 1920, a casa de Alzira e Fernando não parecia ter a mesma suntuosidade.

⁷⁰ Maria Cecília Naclério Homem. *Higienópolis, grandeza e decadência de um bairro paulistano*.

⁷¹ Maria Luísa Albiero Vaz, op. cit. p. 100. Segundo esta autora, Fernando Pacheco e Chaves foi residir no palacete Elias Chaves a partir de 1911, após a morte de seu pai. O palacete era decorado “com mesas e cadeiras de carvalho e cortinas vermelhas, e a galeria com móveis estofados de veludo azul. (...) Havia oito dormitórios, mobiliados em excesso, profusão de espelhos e cristais, objetos de luxo, estatuetas, candelabros, estofados de cetim e de veludo, quadros, tapetes e cortinas completavam a decoração”. A família de Fernando Pacheco e Chaves permaneceu no palacete até 1911, quando este foi vendido para o governo do estado de São Paulo. Após esse período, mudou-se constantemente em razão das diversas crises econômicas que atingiram os negócios com o café. Percebemos pelas cartas que a preocupação com a casa, decoração e conforto sempre acompanhou esta trajetória. A partir dos anos de 1910 o palacete perdeu a suntuosidade, não só em função das dificuldades econômicas, mas também por uma mudança nos padrões de habitação. Até o século XVIII, o espaço doméstico paulista era austero, simples, desprovido de objetos e móveis que tornassem o ambiente confortável. Como mostra Antonio Alcântara Machado (*Vida e morte do bandeirante*) em sua análise dos inventários paulistas entre 1500 e 1700, nos “casarões sorumbáticos” havia carência de objetos pessoais e louças nas “salas imensas, em cuja vastidão se encolhem e somem móveis destinados a guarnecê-las”(p.69).

As transformações reveladas pela correspondência dos Pacheco e Chaves não diferem das que têm apresentado os estudos sobre as famílias de elite no período. Entretanto, estes comumente lançam mão de referências da história social européia para explicar tais mudanças, a partir dos conceitos de privacidade, domesticidade e intimidade, os quais supõem uma definição de fronteiras entre o público e o privado. Dentre os autores mais presentes estão Ariès, Flandrin e Shorter, os quais, cada qual com suas particularidades, tratam de ressaltar a ascensão do individualismo nas relações familiares e a formação da família burguesa, enfatizando mudanças em termos dos sentimentos e valores.

Nessa linha, o trabalho de Shorter sobre a passagem da família tradicional para a família moderna, a partir do século XVIII, ressalta a ascensão do individualismo e do isolamento da família em relação à comunidade. O núcleo familiar passaria a se definir pela idéia de domesticidade, que seria uma união sentimental entre pais e filhos. Esse espaço doméstico, íntimo e acolhedor, seria o refúgio do homem burguês, pressionado pelo mundo do trabalho e do mercado — a esfera pública —, enquanto as mulheres, isoladas da produção, teriam o papel de administrar o lar e promover seu conforto.

É nesse sentido que Rago, em análise sobre a sociedade paulista entre os anos de 1890 a 1930, afirma que “o espaço doméstico foi diferenciado da esfera pública do trabalho e santificado como o ‘oásis’, lugar do calor e da intimidade”⁷². Na correspondência dos Pacheco e Chaves observa-se com clareza a questão da diferenciação entre o espaço doméstico e a esfera do trabalho, mas tão-somente no aspecto da produção, pois muitas vezes não se

⁷² Margareth Rago. *Os prazeres da noite*, p. 48.

consegue distinguir a partir das cartas da família o que seja interesse “empresarial” e interesse familiar. Os negócios da família estavam presentes na vida familiar, nas conversas com os filhos e interferiam constantemente na trajetória de cada membro da família. A própria dificuldade em separar o que vêm a ser carta familiar e carta de “negócios” já demonstra o quanto essas esferas estavam interligadas. Em uma carta redigida por Fernando Miguel ao seu pai, percebe-se como os interesses permeavam as relações familiares. Fernando Miguel relata um episódio em que procurava seu tio Caio a fim de lhe pedir um favor:

Conforme escrevi hoje, depois de meus pesados serviços fui à cidade e, em cumprimento ao telegrama de papai, recebido ontem, fui com o propósito de procurar encontrar tio Caio. Fui muito desinteressado, tanto que, mesmo que papai não me tivesse mandado dizer para ir, te-lo-ia feito, caso tivesse notícia da passagem do vapor por aqui. Infelizmente, porém, ao passar pela loja do tio Antonio lá encontrei uma carta do Carlos em que ele me dizia que papai tinha falado com tio Caio para ele falar com o Azevedo Marques a propósito da cavação que ando querendo. Digo que isso foi infelizmente porque, como eu sou muito interesseiro fiquei imediatamente com mais vontade de encontrá-lo. No entanto, como já era meio-dia ela já não estava mais a bordo e como ele foi almoçar com o Morgam, não o encontrei em nenhum dos lugares em que os passageiros de bordo costumam almoçar. Assim sendo pus o coração a larga e de novo tornei-me o desinteressado sobrinho, filho do grande amigo, que queria apenas fazer uma delicadeza⁷³.

⁷³ Museu Paulista, doc. 10 845, Marechal Hermes, 26 de maio de 1920.

Alzira também participava das decisões de Fernando a respeito dos negócios, como demonstra carta de Alzira para seu marido, em que opina sobre o andamento de algumas transações financeiras:

Tenho pensado muito no que me disseste quando aqui estavas. É justo que Raul tenha vantagens, pois que foi ele quem arranhou o dinheiro, mas não é motivo para desistires de tudo! Parece-me que aquele arranjo de separar a sociedade é de toda justiça. A não ser que Raul queira ser pago já, e neste caso não sei como será. Também acho necessário que a dívida nossa, para com ele, fique garantida na hipoteca da fazenda. Também não acho razoável que ele perdoe os juros, pois que ele também tem de os pagar. E, assim considerando, é preciso fazer tudo com toda a justiça⁷⁴.

Uma outra questão vinculada à diferenciação entre público e privado é a formação de um sentimento de intimidade, conforme aponta Rago ao utilizar-se dos referenciais da história social da família na Europa, em que a família seria esse “oásis da intimidade”. Verifica-se pela correspondência dos Pacheco e Chaves que a esfera doméstica foi se caracterizando cada vez mais pela unidade entre pais e filhos, mas não se nota um isolamento desta unidade ou mesmo a idéia de refúgio em relação ao mundo do trabalho e do mercado, já que os interesses em torno dos negócios estavam dentro da casa e afetavam profundamente a vida familiar⁷⁵.

⁷⁴ Museu Paulista, doc. 10523, Fazenda Santa Cruz, 30 de julho de 1914.

⁷⁵ Jeffrey D. Needell, em *Belle époque Tropical*, analisa a elite carioca do começo do século XX, e também trabalha com essa mesma idéia de isolamento da família no mundo privado. Segundo ele, “o pai não discutia, apenas falava ou ensinava. Nunca saía de seu escritório ou do quarto sem paletó e gravata. Mantinha seus negócios e seu mundo longe de casa. Não externava suas preocupações no ambiente doméstico, a não ser talvez para a

Consideramos que as análises de Shorter não são totalmente deslocadas para a abordagem das transformações da esfera doméstica na sociedade paulista do começo do século, mas seria necessário levar em conta as especificidades dessa sociedade quanto à definição de fronteiras entre o público e o privado, a qual se deu de maneira diferenciada em relação aos países europeus. Por outro lado, seria necessário ponderar a especificidade da sociedade que se constituiu no Brasil do século XX, em que o intercâmbio dessas fronteiras passou a ser permeado pelo advento da sociedade de massas e dos meios de comunicação. Conforme aponta Sevcenko, na São Paulo dos anos 1920 a questão não estava mais dada pelas barreiras que uma cultura tradicional impunha ao moderno, mas sim por um legado racionalista individualista em oposição à essa sociedade de massas⁷⁶.

Evidentemente, as mulheres estavam presentes na esfera doméstica, preocupadas com a casa, com o conforto e a decoração, como mostra a carta escrita por Marietta para a sua mãe Anésia Chaves:

Minha querida mamãe. (...) Não te escrevi estes dias porque não estive aqui, fomos passar dois dias em Santa Cruz. Mamãe não imagina como está bonita a fazenda, senti não poder ficar mais tempo lá. Tomei banho no tanque de natação com a (?) que foi comigo, fomos ao cafezal e etc. (...) Chegou ontem a mobília, já a estão desencaixotando porque não há lugar na casa para os enormes caixões que vieram. Mandeï tirar as caixas que estão na sala de estudo e mudar para o quarto de Mademoiselle, creio que dois quartos chegarão para guardar tudo quanto é meu (...) Recebi hoje a tua carta, na qual me disses que me mandas vestido para o casamento de

esposa” (p. 168). Essa idéia de isolamento entre a casa, os negócios e a vida pública, é o que não se percebe na correspondência dos Pacheco e Chaves.

⁷⁶ Ver Nicolau Sevcenko, *Orfeu Extático na Metrópole*.

Nazareth, fico-te muito agradecida. (...) Vovó pede a mamãe para mandar pelo correio o seguinte livro: "La Cuisine de Tous les Jours par le Chef Puilée Gilbert". Peço que para mim mande os seguintes: "La femme chez elle et dans le Monde" e "La Femme Horz de Chez elle", ambos por Madame Marie Saverny (...). Peço também mandar "Le Bréviaire de la Femme Élégante" que deve ser interessante assim como "Pour être aimée"⁷⁷.

Como coloca Maria Cecília Naclério Homem, "tanto para a casa quanto para a mulher, iniciou-se uma nova era: a de consumo, do utilitário, da higiene e da publicidade e também dos estudos"⁷⁸. Na cidade de São Paulo, os palacetes deram origem à casa burguesa, com espaço definido para cada uma das atividades desenvolvidas no interior do espaço doméstico e com a criadagem vivendo em espaços separados em relação aos patrões⁷⁹. Tinham livre acesso a todos os ambientes e dormiam nas proximidades dos quartos da família apenas as governantas: *Frauleins* ou *mademoiselles*. Estas fizeram parte da trajetória dos Pacheco e Chaves até pelo menos os anos de 1920. Foram várias as criadas européias que trabalharam na residência da família. Alzira comenta com seu filho Miguel a chegada de uma delas:

Tomamos uma criada da Lituânia! Eu pensava que esse país só existisse nos filmes cinematográficos⁸⁰.

⁷⁷ Museu Paulista, doc. 10.277. São Paulo, 15 de agosto de 1893.

⁷⁸ Ibidem, p. 57.

⁷⁹ Ibidem, p. 247.

⁸⁰ Museu Paulista, doc. 10.680. São Paulo, 9 de setembro de 1924.

As *Frauleins* ou *mademoiselles* se encarregavam da educação dos filhos e outros empregados faziam os serviços domésticos, cabendo à dona da casa gerenciar toda a criadagem.

*A cozinheira chegou. Foi o grande acontecimento do dia! Tem bom jeito. Quanto a cozinha ainda nada posso dizer, pois apenas fez às pressas o jantar de ontem. D. Alda respirou! Coitada, estava na dieta do leite... Eu e Fraulein entendemos tanto de cozinha como de grego!*⁸¹

A preferência pelos estrangeiros na educação dos filhos revelava não só o desejo de aproximação com o ideal de civilização europeu, como também a desconfiança e o preconceito em relação à mão-de-obra presente entre a população brasileira, especificamente os negros recém-libertos do trabalho escravo.

Em carta de Ana Blandina, a “Chuchuta”⁸², para Alzira percebe-se a forma como a população negra era vista por essa elite. Embora datada de 1934, portanto num período posterior ao que tratamos aqui, sua transcrição é significativa a fim de exemplificar a imagem que a elite fazia da sociedade brasileira.

Todos gabam muito a beleza do Rio de Janeiro, não sei por que sempre conservo uma lembrança desagradável dos dias que aí

⁸¹ Museu Paulista. doc.10.563, s/l e s/d.

⁸² Filha de Veridiana Prado e tia de Fernando Pacheco e Chaves. Segundo seus familiares, ela havia fugido de casa para se casar.

*passamos, dos hotéis mal servidos, dos negros topetudos, tudo isto está mudando segundo me dizem*⁸³.

Chuchuta vivia em Paris desde o início do século XX e lá se casou com um conde, tornando-se a condessa Pereira Pinto, permanecendo naquela cidade até o fim de sua vida. Em contraposição à forma como a população negra era vista, as governantas estrangeiras tinham aqui várias oportunidades, eram bem recebidas pelas famílias de elite e com elas mantinham convivência mesmo após terem deixado de trabalhar em suas casas. Entre os Pacheco e Chaves, as *Frauleins* estiveram presentes por longos anos.

*Maria esteve ontem aqui, mas, não podendo Eponina vir buscá-la, pedi a Fraulein Hamann que a levasse até a rua D. Veridiana*⁸⁴.

*Já sabes que Fraulein Hamann vem para cá. A irmã dela foi me perguntar se ela podia ficar lá em casa enquanto não arranja lugar. Papai está com vontade de tomá-la como datilógrafa!*⁸⁵ (al/mi)

As governantas estrangeiras, juntamente com as mães das famílias de elite, tinham a missão de “civilizar” as novas gerações, com o que inserir-se-iam num discurso que vinculava a mulher ao espaço doméstico, enfatizando ora o instinto natural feminino, ora a sua responsabilidade pelo futuro da nação⁸⁶.

⁸³ Museu Paulista, doc.11.302. Paris, 15 de dezembro de 1934.

⁸⁴ Museu Paulista, doc.10.531. Hospital Santa Catarina, 15 de outubro de 1922.

⁸⁵ Museu Paulista, doc.10.568. Guarujá, 14 de outubro de 1919.

⁸⁶ Ver a esse respeito: Margareth Rago. *Do cabaré ao lar*, p. 75.

As criadas estrangeiras compartilhavam desse ideário que apontava a importância de transmitir os valores da civilidade para a sociedade brasileira. Era com um certo distanciamento e estranhamento que elas viam o Brasil, conforme demonstram os comentários de Ina Von Binzer, *Fraulein* de algumas famílias da elite no final do século XIX, inclusive dos Prado. Sua observação sobre a chegada de uma família de norte-americanos é sugestiva: “Imagine como estou contente: existe aqui na vizinhança uma fazenda de colonizadores norte-americanos, gente civilizada, portanto!”⁸⁷. O contraponto da “gente civilizada” americana eram os brasileiros, para os quais elas tinham o dever de transmitir a “*civilité*”.

2.6 A educação dos filhos

A casa não representava exclusivamente o “oásis” da intimidade familiar na sociedade paulista do final do século XIX e início do XX. O espaço doméstico manteve seus vínculos com o espaço público e a mulher da elite ocupou um lugar de destaque nessa relação, por meio da transmissão de valores e normas que garantissem um “trabalho de instituição”⁸⁸ da família e do grupo social.

⁸⁷ Ina Von Binzer, op. cit., p. 103.

⁸⁸ O termo é utilizado por Bourdieu ao analisar o significado de família enquanto categoria social. Segundo este autor, “a família é produto de um verdadeiro *trabalho de instituição*, ritual e técnico ao mesmo tempo, que visa instituir de maneira duradoura, em cada um dos

Com a urbanização e a transferência das famílias para a cidade criou-se uma nova micropolítica familiar. O distanciamento das mulheres de elite do trabalho reforçou seu vínculo com a reprodução do grupo, fosse no sentido biológico ou social. À medida que deixaram de fazer parte do mundo da produção, enfatizou-se sua conexão com o mundo da reprodução⁸⁹.

As mães tinham a responsabilidade de educar os filhos num sentido bastante amplo, incluindo as normas médicas divulgadas por higienistas e sanitaristas da época. Estes cada vez mais se responsabilizavam pela orientação dos indivíduos em questões como o corpo e o sexo, a vida íntima do casal, a saúde e a higiene. A prática dos esportes seguia estas prescrições, objetivando criar homens “sadios” e “higiênicos”⁹⁰. A maternidade assumia a missão social de criar cidadãos sadios e “civilizá-los”. Conforme o discurso de algumas mulheres do período, a mãe deveria “formar o homem em todos os sentidos, fazendo da criancinha débil e inexperiente o cidadão prestante e varonil, do selvagem escravizado às suas baixas paixões egoísticas, o ser superior e altruísta, o super-homem”⁹¹.

As mulheres da elite vinculavam-se ao espaço público por meio dessa “missão social” de educar e higienizar o país, a fim de se constituir de fato uma nação. As cartas dos Pacheco e Chaves sugerem que as mulheres da família

membros da unidade instituída, sentimentos adequados a assegurar a integração que é condição de existência e persistência dessa unidade”. Pierre Bourdieu. *Razões práticas*, p. 129.

⁸⁹ Bonnie Smith, op. cit.

⁹⁰ Micael M. Herschmann. “A arte do operatório: medicina, naturalismo e positivismo, 1889-1937”, p. 50.

⁹¹ Considerações de Inezilha Brás sobre a missão da mulher como mãe e educadora. Membro da elite da época, escrevia sobre a condição da mulher e se colocava como antifeminista. Apud Eunice Caldas. *Inezilha Brás: narração educativa, 1914*.

tinham uma vivência bastante voltada para o universo doméstico e, mais especificamente, para os filhos. Entretanto, este universo pode ser entendido nessa relação com o debate público mais amplo, e não exclusivamente a partir da idéia de privacidade e intimidade.

As regras da casa determinavam o ritmo das atividades cotidianas, principalmente para os jovens: controle da preguiça, horários para estudo, exercícios físicos e lazer. Na correspondência das mulheres da família Pacheco e Chaves incentivavam-se as crianças e jovens a praticar esportes e cultura física, em nome da boa educação e de uma conduta “higiênica”. São vários os comentários a esse respeito, como na carta de Alzira para sua sogra Anésia:

*As crianças vão bem, apesar de já terem perdido as belas cores ganhas na Lucilla. Estão fazendo ginástica e tomando lições de dança de que gostam muito*⁹².

Essas prescrições podiam ser encontradas nos manuais femininos, os quais imputavam às mulheres a tarefa de criar homens sadios e, portanto, uma nação saudável. Tal como um artigo publicado na *Revista Feminina* em 1916, intitulado “Educação das crianças”: “A maior parte dos homens são aquilo que suas mães o fizeram ser. O pai que permanece fora da casa quase todo o dia não tem sobre os filhos a metade da influência que sobre eles exerce a mãe. Eis a razão que uma mãe carrega com uma grande responsabilidade, seja ela a pessoa mais pobre do lugar. Tal o jardineiro, assim é o seu jardim; tal a mulher, assim é toda a sua família. Antes que uma raça nova pareça no mundo, é

⁹² Museu Paulista. doc.10.490. Paris, s/d.

preciso haver verdadeiras mães. (...) O amor maternal não deve ser excessivo, cego; pois pouco lucrará uma criança cuja mãe hesita em repreendê-la, por ternura”⁹³.

Nas cartas aos filhos, Alzira frequentemente lhes dava conselhos sobre como se conduzirem nos estudos, e eles respondiam com comentários acerca de como controlar instintos, a preguiça e problemas emocionais. Principalmente Fernando Miguel e Elias Antonio:

*É uma impressão bem ruim, mas a gente é homem exatamente para dominar os instintos do animal covarde e vencer a natureza*⁹⁴.

*Eu tenho um livro admirável sobre a educação da vontade, que li 4 vezes no ano passado, a que sei quase de cor e que explica estas coisas todas muito bem. Assim quando se quiser que um vadio trabalhe não adianta nada dizer-lhe que o faça, pois geralmente ele está mais do que convencido desta necessidade: é preciso que o coloque em circunstâncias que o obriguem a isso ou então despertar dentro de sua alma paixões mais fortes do que a sua preguiça*⁹⁵.

A educação escolar era uma das principais preocupações de Alzira e Fernando para com os filhos. Daí terem feito muitos esforços para que estudassem nos melhores centros de ensino da Europa. Alzira, em suas memórias, conta alguns aspectos do período em que a família se transferiu para Lausanne:

⁹³ *Revista Feminina*, fevereiro de 1916.

⁹⁴ Museu Paulista. doc.10.854. Marechal Hermes, 16 de novembro de 1920.

⁹⁵ Museu Paulista. doc.10.836. Marechal hermes, 17 de março de 1920.

Pouco tempo antes de Miguel completar 13 anos partimos todos para a Europa, onde meu marido desejava fazer a educação dos filhos. (...) Em viagem para Lausanne, onde íamos fixar nossa residência, viram as crianças pela primeira vez a neve. Fomos todos, o meu marido, os cinco filhos, Fraulein e eu no mesmo compartimento (...). Viam pela primeira vez a neve. A neve que desde tanto tempo conheciam pelos contos alemães (...). Depois do natal, Miguel e Baby foram morar na pensão de M. Simond, um professor muito conceituado em Lausanne. A pensão era freqüentada só por estudantes e estes quase todos ingleses⁹⁶.

Enquanto escrevia sobre essa passagem da família por Lausanne, Alzira abriu uma parênteses em sua narrativa para contar que acabara de receber um telegrama de seu filho Fernando Miguel. Ele estava em campanha militar, em 1925, e relatava à mãe um episódio em que salvara um companheiro do exército de afogar-se num rio.

Estava de manhã no jardim quando veio Maria trazendo-me um telegrama, que abri e li (...). Miguel estava servindo sob o comando do General Azevedo Costa, em perseguição aos revoltosos à margem do rio Paraná (...). Mais tarde falando a Miguel sobre o fato disse-lhe: "Eis aí, meu filho, um fato do qual não se falará nos anais da República"⁹⁷.

De fato, Fernando Miguel Pacheco e Chaves não se tornou um nome ilustre nos *Anais da República*, mas tal menção de Alzira é significativa porque feita justamente quando procurava registrar em seu diário os esforços dela e do marido a fim de garantir uma educação de excelência para seus filhos. Em suas

⁹⁶ Museu Paulista, doc.10.753. "Páginas soltas", 1925-1939.

⁹⁷ Ibidem.

memórias, Alzira enfatiza a boa educação dos filhos, que freqüentaram conceituados centros de ensino⁹⁸. Na correspondência, a imagem que aparece em relação à educação não é tanto voltada para uma profissionalização⁹⁹, mas para a formação geral de um cidadão que pudesse servir a seu país, sempre num tom bastante patriótico, como no conselho dado por Alzira para Fernando Miguel:

*E não pense no que vai ser, mas sim no melhor modo de servir o nosso pobre país. Um belo exemplo disso temos nós com os generais franceses...*¹⁰⁰

A idéia de enviar os filhos ao exterior para estudar não representava meramente a intenção de inseri-los num modelo de cultura europeu. Pelo que transparece nas cartas, tratava-se de compreender a própria sociedade brasileira e de servir ao país. Segundo a visão da família, não só a boa formação, mas também a distância do Brasil durante as viagens permitia que se visse o próprio país com maior clareza. É deste modo, por exemplo, que Fernando se refere à sua estadia na Áustria para tratamento médico, em carta para Alzira:

⁹⁸ Esta observação de Alzira pode ser associada à colocação de sua filha Maria, mencionada anteriormente, sobre o desejo de escrever um livro baseado na vida de Fernando Miguel. O trabalho de memória já vinha se tecendo nos escritos de Alzira e veio a ganhar ênfase com a morte de seu filho Fernando Miguel, em 1926.

⁹⁹ Nos anos de 1920 o discurso educacional já está voltado para a profissionalização, em oposição ao bacharelismo característico do final do Império e início da República, mas nas cartas a questão educacional ainda aparece nesse sentido de formação geral. Sobre este assunto, ver: Jorge Nagle, op. cit e Micael M. Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira, op. cit.

¹⁰⁰ Museu Paulista. doc. 10.592. São Paulo, 12 de março de 1920.

*Decididamente creio que esse é um dos países abençoados do mundo, é bom de vez em quando sair dele para se compreender bem essa verdade. Há certas coisas que se vêem melhor de longe que de perto*¹⁰¹.

Foi também nesse sentido que se manifestou Fernando Miguel quando estava estudando em Lausanne, com 17 anos de idade, em carta aos pais:

*Eu quero antes de ir definitivamente ao Brasil conhecer bem a Europa e acabar de formar-me aqui e também de longe medita-se melhor sobre o estado do nosso país, visto que não se é influenciado, por nada. (...) Assim mesmo estou tão firmemente decidido que farei com prazer este sacrifício, se não houver outro remédio, para ter a honra que infelizmente poucos ambicionam de servir o meu caro Brasil*¹⁰².

Essa idéia de tomar distância de uma sociedade para melhor compreendê-la é abordada por Certeau ao se referir ao discurso científico ou às análises sociológicas. Segundo ele, “outras regiões fornecem aquilo que a nossa cultura excluiu de seu discurso. (...) Como em *Tristes Trópicos*, nossos viajantes vão longe e descobrem aquilo cuja presença entre nós se tornou incognoscível”¹⁰³. As cenas do passado ou de outras sociedades são necessárias para que possamos compreender a nossa própria realidade. Buscamos “outras cenas” para que, distantes da “racionalidade ocidental”, encontremos um espaço de visibilidade para nossa própria cultura. Embora os viajantes da família Pacheco e Chaves não tivessem pretensões de elaborar um

¹⁰¹ Museu Paulista, doc. 10.377. Davos-Platz, 19 de janeiro de 1906.

¹⁰² Museu Paulista, doc. 10.799. Lausanne, 5 de fevereiro de 1914.

¹⁰³ Michel de Certeau. *A injeção do cotidiano*, p. 117.

discurso científico propriamente, poderíamos aplicar aqui o raciocínio de Certeau às avessas, ou seja, diríamos que os Pacheco e Chaves buscaram “outras cenas” a fim de entender sua própria realidade à luz dessa “racionalidade ocidental”, que à época tinha como paradigma a sociedade européia.

A família Pacheco e Chaves demonstra em suas cartas uma preocupação constante em entender a realidade brasileira, em função do ideal de se formar uma nação e um espírito nacional no país. Alzira refere-se com frequência a esse ideal — cujos referenciais para a educação dos filhos eram a sociedade européia e os Estados Unidos —, sempre pensando na formação do cidadão, ou, nas suas próprias palavras, “de um povo digno da terra de Santa Cruz”. No trecho abaixo, de carta de Alzira para seu filho Olegário, faz-se referência à sociedade americana e mais uma vez os antepassados são rememorados:

*Estou muito contente de ver a boa impressão que lhe causaram os Estados Unidos, que merece bem o entusiasmo da tua carta. Também podes imaginar o prazer que me causou o teres notado o espírito religioso que aí existe: espero em Deus que isso se comunique um pouco aos meus incrédulos. Estou bem contente que possas ver, com teus olhos, a diferença que há entre um povo que tem fé e um que não tem. Tio Eduardo costumava dizer que não tinha confiança num país onde não se planta trigo, nem um povo que não tem fé. Tinha ele muita razão mas, graças a Deus, no Brasil já se começa a plantar trigo, e a fé já vai enchendo o coração do povo, que há um dia ser digno da terra de Santa Cruz*¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Museu Paulista, doc. 10.734. São Paulo, 7 de agosto de 1920.

Numa análise mais minuciosa, poder-se-ia contextualizar as posições dos Pacheco e Chaves em relação a essa visão nacionalista e suas noções de cidadania e nação. Para isso seria necessário diferenciar as posturas tomadas pelos membros familiares, principalmente a partir de 1930. Entretanto, por ora cabe apenas ressaltar que o discurso nacionalista sempre esteve presente na correspondência da família e que em determinados momentos foi mais acentuado — como no período em que Fernando Miguel combateu os revoltosos na Revolução de 1924, em São Paulo —, principalmente por Alzira. Essa posição pode ser notada em suas cartas para Fernando Miguel:

Eu nunca pude compreender a guerra, inda menos a guerra civil, esta luta entre irmãos, sem necessidade nenhuma, deixando tantas famílias de luto, é um fato a que não me posso resignar. E, aqui entre nós, acho que os nossos civis dão bem pouco valor a tudo que devem ao exército. Parece que arriscar sua vida para sufocar revoluções não tem valor... mas das suas próprias vidas têm eles tanto cuidado que ao primeiro tiro de canhão fogem para longe! Palavra que fiquei indignada ao ver passar na avenida os primeiros soldados que entravam na cidade — nenhum aplauso, nem um viva acolhia aqueles que por nós arriscaram a sua pele. Não me pude conter e gritei bem alto: Viva o Brasil, viva o exército!, e papai aplaudia com entusiasmo. Logo adiante começaram a imitar o nosso exemplo e uns rapazes e moças que estavam na calçada começaram a dar palmas aos soldados¹⁰⁵.

Os planos de manter os filhos estudando na Europa foram interrompidos com a eclosão da I Guerra Mundial. Alzira relata em suas memórias este episódio, o qual ela intitulou “A chegada ao Brasil”.

¹⁰⁵ Museu Paulista, doc. 10.673. São Paulo, 23 de agosto de 1924.

Miguel e Baby estudavam em Lausanne, quando declarou-se a guerra. Ele imediatamente decidiu que ia se oferecer como voluntário, e, acompanhado do irmão, tomou a barca para Evian, onde foi à Comuna oferecer-se como voluntário. Naturalmente não o aceitaram por falta de idade, pois tendo apenas dezesseis anos não o podiam aceitar sem o consentimento dos pais. A declaração de guerra veio inquietar nossos corações e Fernando resolveu mandar um telegrama aos meninos dizendo que viessem com um nosso primo que partia daí a dois dias¹⁰⁶.

Nesse mesmo período, os filhos mais novos, Olegário e Mario, estudavam num colégio interno (não nominado) em São Paulo. Em carta de Alzira para Fernando aparece a imagem da família em relação à educação no país:

Que pena tenho que Mario e Olegário estejam num colégio em que não aproveitam nada, que país, nem se pode aqui educar os filhos. Eu tendo casa tiro-os de lá, aproveitam mais como externos em São Bento. Eu decidindo sem perguntar a tua opinião, é a mania dos que obedecem falarem como se fossem eles que mandam. Mas sem caçoadas, é pena pagar 250\$000 por mês para aprenderem tão pouco. Ao menos externos em São Bento só pagam 30\$000 cada um¹⁰⁷.

Além dessa observação sobre o ensino no país, que era de fato bastante deficitário¹⁰⁸, Alzira faz uma brincadeira com o marido, ironizando o fato de

¹⁰⁶ Ibidem.

¹⁰⁷ Museu Paulista. doc.10.516. Fazenda Santa Cruz, 24 de junho de 1914. O grifo na palavra “obedecem” é da própria Alzira.

¹⁰⁸ A esse respeito, ver: Jorge Nagle. *A educação na Primeira República*. Nagle ressalta também a importância que a educação assumiu na Primeira República, principalmente em

estar tomando decisões sobre o futuro de seus filhos, o que deveria competir em última instância ao pai de família. A correspondência examinada mostra que Alzira desempenhou papel fundamental na educação dos filhos, participando das escolhas e decisões. Na época da estadia na Europa, ela muitas vezes ficou sozinha com os filhos enquanto Fernando fazia suas viagens de negócios. No trecho abaixo mais uma vez se manifestam os cuidados de Alzira com a educação dos filhos:

Olegário está muito bem disposto. Segunda feira estive em Champs-Soleil, encontrei-o [e] quando me viu fez tal barulho que a diretora disse "Vous criez comme un petit sauvage". Estou muito tentada a tomar uma vila, não porque fique mais barato, desconfio até que ficará mais caro, mas porque os meninos terão mais liberdade. Eles aqui estão muito presos. É muito preciso ter-se um jardim onde eles possam brincar, correr e respirar ar puro¹⁰⁹.

Observe-se, a propósito, este comentário de Ina Von Binzer sobre a educação dada pelos brasileiros aos seus filhos: "Outro dia, Caius Gracchus, o menos dotado, embora o mais forte dos dois jogou o irmão pela janela baixa do andar térreo. (...) Os pais absolutamente não se incomodam com o comportamento das crianças e talvez isto esteja dentro dos 'métodos' republicanos adotados pelo Sr. Costa"¹¹⁰.

São Paulo, com ênfase ao combate ao analfabetismo, estímulo ao patriotismo e ao exercício do voto.

¹⁰⁹ Museu Paulista, doc.10.508. Lausanne, 7 de março de 1911.

¹¹⁰ Ina Von Binzer, op.cit, p. 86.

Desse ponto de vista, Alzira sempre teve uma visão bastante “liberal”, considerando, por exemplo, que seus filhos deveriam ter liberdade para escolher suas carreiras profissionais.

Miguel sai este ano do colégio tendo ainda dois anos de estudos clássicos num outro colégio para obter o diploma de bacharel. Ele continua firme nas suas idéias de entrar para uma escola militar. Nós não impediremos que ele realize este seu sonho, pois achamos que não se deve contrariar a carreira dos filhos. Quanto a Baby também está certo em entrar para a escola naval, mas esperamos que ainda mude de idéias¹¹¹.

Durante o período de crise financeira da família, Alzira procurou transmitir aos filhos a necessidade de economizar e mudar de hábitos de vida. Em várias cartas pede a eles que gastem menos e lhes dá conselhos de como utilizar melhor o dinheiro, como no trecho abaixo, de uma carta a Fernando Miguel:

Papai está bem animado com a fazenda, mas o que precisamos agora é de fazer muitas economias, pois com grandes despesas não há negócio que vá por diante. Infelizmente aqui em casa ninguém sabe economizar — não sabem ou não querem, o que vem a ser o mesmo. Acham que andando maltrapilhos estão economizando... que engano, vai mais dinheiro em pequenas despesas, de todos os dias, do que na de um costume que se faz uma vez por ano. Mario ganhou 2.000\$000 no serviço que fez para o Ruy. Comprou o aparelho por 900\$000 e fez um costume por 250\$000, digamos 300\$000, porque comprou também umas camisas. Fez tudo 1.200\$000, e o resto foi-se em pequenas despesas. E é este o mal que tem sempre impedido a papai de prosperar, de alcançar seu fim. Tem ganho tanto, mas sem pôr alguma

¹¹¹ Museu Paulista, doc.10.487. Lausanne, 16 de maio de 1913.

coisa em reserva ninguém vai para diante. É absolutamente necessário que mudemos todos de vida, a fim de podermos cooperar para o bem de todos, que será pagar a fazenda e depois irem-se arranjando cada um por si. Meus filhos falam de dezenas de mil réis como se fossem de vinténs! Eu não estou me queixando, mas apenas constato um fato. Eu detesto a usura, mas economizar quando temos necessidade de fazê-lo é uma virtude¹¹².

Alzira se preocupava também com a sua própria formação. Mulher bem-educada, estudou canto, tomava lições de português, falava várias línguas e lia muitos romances. É o que mostram estes seus comentários para o marido:

Acabei de tomar a minha lição de português. Na última lição dei ao Gervásio um dos meus contos, do qual recebi hoje muitos elogios. Diz ele que eu tenho envergadura, e que deixarei no mínimo uma obra. Só encontrou nele erros de português. Achou bem feito, gostou muito da idéia e dos diálogos. Bem podes imaginar o meu contentamento. Daqui vejo teu sorriso irônico lendo estas linhas...

Estou agora menos abatida e vou preparar as minhas lições de português: isto é, fazer uma biografia de Camões. Comecei uma em que dizia o sublime poeta etc., rasguei-a lembrando-me de não sei que republicano a quem assim chamaram.

A educação das mulheres fazia parte desse ideário em que a mulher assumia uma responsabilidade social diante da educação dos filhos. A construção de novos referenciais foi a busca de homens e mulheres, conjuntamente com a formação de discursos médicos e jurídicos sobre a sexualidade, a infância e os papéis femininos. Transcreve-se a seguir trecho de

¹¹² Museu Paulista, doc.10.211. São Paulo, 17 de março de 1924. Alzira para Anesia.

uma carta de Fernando Pacheco e Chaves a Alzira, que estava em tratamento médico na Europa. Ele estava no Guarujá, cuidando dos negócios e dos filhos, e descreve uma conferência a que foi assistir, sobre a educação dos filhos e sobre a mulher:

*Em uma das conferências sobre a educação dos filhos e sobre a mulher, [o conferencista] em várias ocasiões referiu-se aos seus próprios filhos e a sua mulher. E o fez naturalmente, sem frases, com emoção. Ainda agora, no Rio, falando da mulher, usou a seguinte expressão: "minha doce companheira". A muita gente poderá parecer ridículo, mas dito por quem é, parece-me um indicio de muita meiguice e muita delicadeza de sentimento (...)*¹¹³.

A educação das crianças passava por um momento de reelaboração, em que novos métodos deveriam ser incorporados pelos pais, principalmente as mulheres, a partir dos discursos científicos da época. Se por um lado tal orientação reforçava a idéia do espaço doméstico como o *locus* próprio à mulher, por outro lhe conferia maior espaço dentro da casa. A idéia de companheirismo abriu para a mulher novas oportunidades de participação nas decisões e escolhas da família, como também fora dela¹¹⁴. A educação foi o

¹¹³ Museu Paulista, doc. 10.397. Guarujá, 23 de novembro de 1908.

¹¹⁴ Ver a esse respeito: Susan K. Besse, op. cit. Edward Shorter também analisa a questão do companheirismo entre marido e mulher na família moderna, no sentido de que essa relação deixa de ser formulada em termos de superior e subordinado, havendo uma partilha de tarefas e afeto. Segundo este autor o termo que melhor definiria esta nova situação seria "domesticidade", já que a família moderna baseia-se numa unidade sentimental, composta por marido, mulher e filhos. Nas suas palavras, "o conceito de companheirismo não diz necessariamente nada sobre a relação entre o casal e os filhos. E 'companheirismo' implica também, incorretamente, a existência de uma forma qualquer de intenso apego romântico que continue a unir o casal. Ambas as idéias se acham incompletas e é por essa razão que prefiro a expressão 'domesticidade' para demarcar a família moderna da tradicional. Edward Shorter, op. cit., p. 245.

meio pelo qual muitas mulheres tiveram acesso ao mercado de trabalho, aos espaços culturais ou demais atividades no âmbito do espaço público.

A própria trajetória de Maria Pacheco e Chaves vincula-se a esse contexto. Ela iniciou sua atuação “profissional” como professora de religião, o que anos depois desembocou numa atuação política. Cabe salientar, portanto, que a “missão civilizadora” atribuída à mulher não teve exclusivamente um papel de encerrá-las no universo doméstico¹¹⁵.

2.7 Mulheres nas ruas da cidade

As cartas escritas pelas mulheres da família Pacheco e Chaves sugerem que tinham uma vivência bastante vinculada à casa: cuidado com os filhos, organização do espaço doméstico. Mas revelam, paralelamente a estas atividades, algumas práticas femininas no espaço público, rompendo com uma distinção rígida de fronteiras entre o universo feminino, encerrado na esfera privada, e o mundo masculino, voltado para o espaço público.

Na passagem do século, as mulheres passaram a ocupar os diversos espaços coletivos que estavam surgindo na cidade. Cada vez mais foram extrapolando as fronteiras da casa e tendo uma presença marcante nas ruas da cidade. Como coloca Sevcenko, “as mulheres definitivamente ganhavam o

¹¹⁵ Sobre essa questão, ver Susan K. Besse, *ibidem*.

espaço público. Elas estavam por toda a parte, a qualquer hora. Tecelãs, costureiras e aprendizes, cedo pela madrugada, em busca das fábricas e oficinas de modas. Balconistas, atendentes e serviçais do comércio logo depois. No início da manhã, colegiais, aias e professoras se dirigiam às escolas e conservatórios. Daí até o meio-dia, o agito indiscriminado das compras trazia mulheres de todas as classes, etnias e idades para o centro. As operárias saíam às ruas para o curto repouso das doze horas, enquanto as senhoras e moças das casas conspícuas se recolhiam para o almoço moroso e a sesta”¹¹⁶.

Nas cartas das Pacheco e Chaves percebe-se que elas freqüentavam vários circuitos culturais da cidade. Como membros da elite, não saíam às ruas para desenvolver qualquer atividade profissional, mas iam ao teatro, aos concertos, exposições e cinematógrafos. Alzira sempre relatava para Fernando ou para seus filhos seus passeios pela cidade, os quais sempre fazia acompanhada de algum membro de sua família:

*Maria está no colégio, veio ontem tomar lição e ficou para tomar chá aqui em casa. Mario vai estudando, assim, e, para distrair-me um pouco, tenho ido algumas vezes, com ele, ao cinematógrafo. Fomos ontem ao salão vermelho. Deram uma fita alemã, que deve ser tirada de um romance de Balzac, porque apareceram em cena o Baron de Nucingem, Delfine de ?, Lucien de Rubempré e outros meus conhecidos de antigos tempos*¹¹⁷.

¹¹⁶ Nicolau Sevcenko. *Orfeu extático na metrópole*, pp.50-51.

¹¹⁷ Museu Paulista, doc. 10.529. São Paulo, 23 de julho de 1920. Alzira para Fernando Miguel

Aqui continuamos, sem mudar uma linha, na mesma vida de todos os dias. Papai, graças a Deus, tem passado um pouco melhor. E eu tenho ido todas as noites ao cinematógrafo¹¹⁸.

Fui ontem, com tia Marietta, ao chá do Trianon. É a primeira vez que lá estive e fui devido às insistências de tia Marietta, mas gostei muito, a orquestra é boa e lá estivemos umas duas horas ouvindo música e vendo as mocinhas dançarem. Também dançavam as que já não são mocinhas, tia Stella e D. Bebeta estavam como uma destas¹¹⁹.

Contudo, na década de 1920 não era tão simples para as moças, pelo menos as das famílias da elite, ocuparem livremente o espaço público. O fato de as mulheres passarem a freqüentar com maior intensidade os locais públicos não significava simplesmente que as exigências morais em relação ao sexo feminino haviam se transformado; na verdade criaram-se novas “fronteiras entre a liberdade e a interdição”, nas palavras de Rago¹²⁰. A correspondência dos Pacheco e Chaves indica que, embora as mulheres fossem constantemente a diversos locais públicos, havia certos constrangimentos quanto ao fato de irem sozinhas.

Tia Chuchuta convidou-me para ir a um concerto com as meninas — agradecei-lhe e disse-lhe que não iria porque não vou a divertimentos sem ti, ao que me respondeu que até viagem para a Europa já fiz sozinha... Ri-me, mas não cedi e, em vez de estar a essas horas ouvindo um grande pianista sueco, aqui estou a escrever-lhe estas linhas. Mas creia que tenho nisso muito maior prazer. (...) Estou lendo

¹¹⁸ Museu Paulista, doc. 10.586. São Paulo, 30 de maio de 1919. Alzira para Fernando Miguel

¹¹⁹ Museu Paulista, doc. 10 589. São Paulo, 7 de novembro de 1919. Alzira para Fernando Miguel.

¹²⁰ Margareth Rago. *Do cabaré ao lar*, p. 63.

*Helena, é o primeiro livro de Garret que leio — como escreve bem! É a história uma fantasia, mas que bem escrita, que estilo agradável!*¹²¹.

Maria queixa-se pelo fato de não sair a passeio porque seus familiares encontram-se muito ocupados:

*Gostei imensamente do passeio que fiz com Miguel e que foi o primeiro desde que aqui estou. Celia e eu só vamos à cidade: não podemos fazer nenhum passeio por falta de companhia. Tia Isolina não pode sair, seu Ademar passa o dia todo no trabalho e Ademarsito achando-se em véspera de exames não tem tempo para nada. Por isso ainda não fiz os passeios que são tão bonitos*¹²².

Essa passagem apresenta continuidades e descontinuidades. Por um lado códigos de conduta precisavam ser refeitos. As cartas dos filhos demonstram alguns dos questionamentos em termos de conduta de homens e mulheres na época:

Estou contente de terminar minha vida colegial pois já estava ficando monótona. Continuarei os estudos em casa sob a eminente direção de papai! Ele mesmo quer ajustar os professores. Tio Raul caçoando disse que terei uns 10. Quanto às festas absolutamente não quer permitir que eu vá. Aqui, justamente agora, têm havido inúmeras. Já não são só as meninas de 15 anos que começam a ir mas também as de 10. Tote outro dia foi a uma matinê, em casa de tia Eponina dada em honra dos 14 anos de Cecília, e dançou até às dez horas! Com razão achou o rei Alberto que as moças vão cedo demais, aqui no Brasil, a festas! Não sei se aí é a mesma coisa, mas creio que não,

¹²¹ Museu Paulista, doc.10.507. São Paulo, 18 de maio de 1909

¹²² Museu Paulista, doc. 11.143. Rio, 21 de novembro de 1922. Maria para Fernando Migeul.

*pois dizem que as moças aí preferem o esporte à dança. Têm elas muita razão*¹²³.

Nesta carta de Maria para os irmãos Olegário e Elias, que estavam estudando em Cambridge em 1920, percebemos que às moças ainda se fazia uma série de interdições quanto à sua presença em determinados locais ou eventos sociais. Maria refere-se ao fato de que estava terminando seus estudos no colégio Sion e que passaria a estudar em casa com o auxílio de seu pai, diferentemente dos irmãos, que freqüentavam vários colégios e estudavam em países europeus. Ela deveria educar-se junto à família, restrita ao espaço doméstico.

As famílias de elite constantemente promoviam em suas casas festas muito animadas com música e dança. Ao mesmo tempo que os bailes se tornavam mais freqüentes, começavam a aparecer vários questionamentos em torno das formas de conduta adequadas para essas ocasiões, principalmente para as mulheres. Com que idade uma moça poderia ir a uma matinê? As moças no Brasil vão cedo às festas? As moças devem praticar esportes? Devem dançar?

O fato de as mulheres passarem a circular mais pelo espaço público, freqüentarem escolas e praticarem atividades associadas à figura masculina, como o esporte, colocou em evidência uma série de regras e práticas que passavam a ser redefinidas nesse contexto em que a vida social transferia-se para esses circuitos coletivos. Sevcenko aponta a proliferação de bailes pagos na cidade e reproduz uma carta de uma pai de família preocupado com a

¹²³ Museu Paulista, doc. 11.171. Colégio Nossa Senhora do Sion, 14 de novembro de 1920.

licenciosidade das danças e com o fenômeno da “dançomania”: “... as nossas filhas dançam a todas as horas”¹²⁴.

As regras que recaíam sobre os encontros sociais e as relações entre homens e mulheres estavam se alterando na passagem do século, como transparece numa carta de Elias ao seu irmão Miguel, em que lhe conta como era o relacionamento entre as moças e os rapazes em Cambridge, onde estava estudando:

Aqui durante o verão todo mundo anda assim tomando banho pelas beiradas dos rios — homens e mulheres. E eu posso afirmar que aqui há muito mais liberdade entre homens e mulheres, muito mais camaradagem, e portanto muito mais encanto numa convivência alegre e sem imposições de toda a espécie, creio que há muito menos bandalheiras do que por lá onde as únicas relações que existem entre os dois sexos são fórmulas de cortesia encobrindo a cobiça sexual. Um exemplo: hoje estava remando no Charles River, quando passaram, sozinhas num automóvel (elas andam assim aqui), um bando de moças. (...) A impressão que se tem é que todo mundo aqui é espontâneo, sincero, se diverte, ri, livre de imposições e dos falatórios que tanto servem para azedar a existência que há e para encobrir, debaixo de uma máscara (...)”¹²⁵.

Elias faz uma comparação entre as formas de relacionamento entre homens e mulheres na cidade de São Paulo e em Cambridge. Destaca o comportamento das jovens inglesas em locais públicos, as quais andavam sozinhas, banhavam-se no rio junto com os homens e andavam de automóvel — cenas que

¹²⁴ Nicolau Sevcenko, op. cit., p. 89.

¹²⁵ Museu Paulista, doc. 11.019. Cambridge, 25 de agosto de 1920.

difficilmente as mulheres paulistas poderiam protagonizar livremente, sem escapar dos “falatórios” e de “imposições de toda a espécie”.

Segundo a carta de Elias, na sua cidade natal os dois sexos relacionavam-se por meio de “fórmulas de cortesia” que encobriam a “cobiça sexual”. Bonnie Smith, em seu estudo sobre as mulheres provincianas do norte da França do final do século XIX, utiliza uma imagem semelhante a esta fornecida pelo relato de Elias. Ela analisa os encontros sociais da elite burguesa, em que as regras de etiqueta regulavam e estilizavam o comportamento de homens e mulheres. No caso das mulheres, o uso de artifícios como a moda e regras fixas de como se vestir, se pentear e se comportar estabelecia convenções que transformavam os encontros entre os sexos em encontros sociais. Na carta de Elias, as “imposições sociais” podem ser entendidas pelas regras de etiqueta.

As comparações se faziam também em referência às mulheres norte-americanas, muito em função do cinema dos Estados Unidos, que trouxe novas referências de comportamento feminino. São várias as cartas dos Pacheco e Chaves em que se demonstra curiosidade em relação às americanas e se apontam diferenças entre elas e as moças paulistanas, como na carta de Carlos para seu primo Elias Antonio:

*Como vai de paixões? Que tal as americanas, é como no cinema? O Olegário já está menos Jeca?*¹²⁶

¹²⁶ Museu Paulista. doc. 10264. Porto Alegre, 8 de dezembro de 1920.

As fronteiras simbólicas deveriam também distinguir as mulheres de família das “mulheres perdidas”, as prostitutas. Juntamente com a proliferação de espaços de lazer freqüentados por senhoras e moças da elite, “constituíam-se espaços destinados à fruição dos prazeres, como cabarés, cafés-concerto, bordéis de luxo, ao lado de restaurantes, teatros e *music-halls*”¹²⁷. Elias Pacheco e Chaves, em suas memórias, faz um comentário sobre os cabarés na cidade de São Paulo no começo do século XX:

*A prostituição imperava. As aventuras amorosas da mocidade se passavam com as mundanas elegantes, mantidas pela aristocracia do dinheiro. Era em torno delas que girava a vida noturna da cidade. Era toda uma sociedade, com seu ritual severo, que à noite dançava em cabarés e salões freqüentados exclusivamente por ela*¹²⁸.

As transformações urbanas alteraram a condição feminina e os atributos da feminilidade. A circulação de mulheres pelo espaço social criou a necessidade de linhas de demarcação sexual entre mulheres “honestas” e “perdidas”¹²⁹. Segundo Rago, “se moralmente condenada, essa função era bem-vinda na sociedade, pois, segundo se acreditava então, garantia a virgindade das futuras esposas e permitia que os moços arrefecessem parte do ‘fogo interno’, na fase da vida em que os impulsos libidinais eram muito presentes”¹³⁰.

¹²⁷ Margareth Rago. *Imagens da prostituição na Belle Epoque paulistana*, p. 33.

¹²⁸ Elias Chaves, op.cit., p. 26.

¹²⁹ Margareth Rago. *Os prazeres da noite*, p. 26.

¹³⁰ Ibidem, p. 25.

Fernando Miguel, durante o período em que esteve estudando em Lausanne, escreve ao pai informando que contraiu uma doença venérea:

Bem gostaria de não ter de dizer o que vou. Mas papai não se assuste porque não é nada de grave. Entremos no assunto. Papai se lembra que quando estive aqui em julho recomendou-me muito cuidado em história de mulheres. Pois apesar de todas as precauções apanhei uma blenorria que declarou-se ontem. Fui imediatamente ao médico. (...) Papai não pense que estou metido em pândegas. Durante todo o mês de janeiro não sai uma vez de noite. (...) Com mulheres, fui no dia 31 de dezembro e, domingo há 15 dias, no dia 24 de janeiro. Vê que isso troça não é. Mas eu não sou frade. E para mim uma necessidade física porque não quero ser um onanista¹³¹.

O pai lhe havia precavido de “história de mulheres”, mas muito provavelmente lhe recomendou cabarés e bordéis. Eram os próprios médicos da época quem faziam essas recomendações, com o argumento de que os jovens tinham “necessidades físicas” em relação à sexualidade e precisavam satisfazê-las, preservando as moças de família.¹³²

¹³¹ Museu Paulista. doc. 10.898. Lausanne, 1914.

¹³² Ibidem, p. 20.

2.8 *Mulheres, Igreja e caridade*

Alzira e Maria Pacheco e Chaves mantiveram fortes vínculos com a Igreja Católica. Alzira, como já comentado anteriormente, apegou-se aos dogmas católicos de forma mais acentuada nos períodos de crise da família. Em várias cartas, principalmente dos anos de 1920, Alzira procura convencer seus filhos a terem uma vida religiosa ou pelo menos a participarem dos cultos católicos. Entretanto, os filhos homens não se interessaram pela vida religiosa, e cultivaram, ao contrário, uma visão cientificista da realidade.

Alzira participava de associações filantrópicas, como grande parte das mulheres da elite paulista no período. A correspondência menciona uma instituição, chamada “Apoio Fraternal”, por meio da qual doava mantimentos aos pobres¹³³. Não foi possível precisar o período em que começou a exercer tal atividade, sabendo-se apenas que no ano de 1940 ela ainda estava atuando nesta entidade.

A participação das mulheres de elite nessas associações lhes proporcionou uma nova inserção na vida social. Ainda que de um ponto de vista conservador, sob o ideário da responsabilidade da mulher quanto à sua “missão civilizadora”, estas atividades abriram oportunidades de atuação fora do espaço doméstico, já que a participação nessas associações propiciava a formação de novas redes de relações. É como podemos perceber pela carta que Alzira recebe de uma amiga, pedindo-lhe ajuda para uma instituição francesa, por indicação de uma senhora da elite.

¹³³ Informação contida na alocução feita para Alzira na data de sua morte em 12 de fevereiro de 1940.

Voulez-vous m'excuser de venir ainsi vous tourmenter et abuser, peut être, de votre grande bonté: mais, mon oeuvre du "Hateau du Bicêtre" me pressionne, il y a tant de gens à secourir! Nous voudrions profiter du beau temps pour faire quelques travaux indispensables... et construire trois classes pour les filles... Les pauvres enfants sont obligés de faire 40 minutes de march pour aller à l'école communal de Bicêtre et souvent, à pein chausseas, c'est lamentable! Nous voudrions ouvrir une école à la rentree dans la terrain qui nous reste à côté de la chapelle... pour cela, il faudrait trouver des âmes charitables qui nous domeraient les fonds necessaire, il faut plusieurs milles francs mais en demandant a plusieurs personnes, nous arriverons peut etre a trouver ce qui nous et necessaire.

*Je ne sais pas, Madame, si vous connaissez madame Penteado... Elle vient de me faire un offrand pour les calsses di "Haute du Bicêtre", elle est très bonne pour moi... Mais personne, Madame, n'égale votre generosité e je remerci... Si vous pouvez encore m'aider dans la circonstance, vous sauverez des quantités d'enfants moralment!*¹³⁴

As práticas de Alzira e Maria vinculadas à filantropia e à Igreja Católica nos remetem à análise de Saint Martin a respeito das mulheres da elite francesa no século XIX. Segundo a autora, a cultura religiosa desenvolvida pelas mulheres teve por vezes o caráter de uma “prática mundana inscrita nas práticas corporais e nos automatismos verbais, mais que uma experiência espiritual”¹³⁵. Com efeito, a correspondência de Alzira sugere uma religiosidade que não correspondia a uma experiência eminentemente espiritual, mas a uma série de práticas de disciplina do cotidiano e ações de caridade. Maria Pacheco e Chaves participou também de atividades filantrópicas, como demonstra esta passagem de uma carta escrita aos pais:

¹³⁴ Museu Paulista. doc. 11.435. Paris, 14 de junho de 1912.

¹³⁵ Monique Saint Martin, op. cit., p. 9.

*O baile de sábado esteve bom. A semana passada houve um chá de caridade das antigas (?) Oiseaux. D. Gilla era uma das organizadoras e lá fomos sempre. Esteve muito divertido. Agora vou sair com D. Gilla. Vamos a costureira e depois ao cinema. Por isto sou obrigada a terminar*¹³⁶.

A inserção de Maria nas atividades da Igreja Católica acabou por assumir, posteriormente, contornos de atividade política. Como já mencionamos, ela fundou em 1963 a Liga Independente pela Liberdade, vinculada à Igreja Católica, a fim de se empenhar na luta contra a “ameaça comunista”. A sede da Liga era em Ourinhos, na fazenda Santa Maria, a qual tinha herdado de seus pais. Em 1966, ela se candidataria a deputada estadual.

A inserção das mulheres na Igreja em oposição ao comunismo já aparecia desde o início do século. Corrêa comenta a atuação da deputada Carlota de Queiroz, citando um artigo dela, publicado em 1919, em que afirmava que a única solução frente “ao fantasma aterrador do comunismo seria as elites se dedicarem a melhorar a sorte dos deserdados do destino”¹³⁷.

Os anos de 1920 assistem a um crescimento das atividades assistenciais ligadas à Igreja Católica, tendo nas mulheres das famílias de elite a base de sua militância. Entretanto, começa a haver uma diferenciação dessas atividades em relação às ações de caridade tradicionais desenvolvidas desde o período colonial. Segundo Marilda Yamamoto e Raul de Carvalho, essas instituições passaram a ter “um aporte de recursos e potencial de contatos a nível de Estado que lhes possibilitará o planejamento de obras assistenciais de maior

¹³⁶ Museu Paulista. doc.11.147. São Paulo, 6 de maio de 1929.

¹³⁷ Mariza Corrêa. *As ilusões da liberdade*.

envergadura. (...) Têm em vista não o socorro aos indigentes, mas, já dentro de uma perspectiva, de apostolado social, atender e atenuar determinadas seqüelas do desenvolvimento capitalista, principalmente no que se refere a menores e mulheres”¹³⁸.

Maria Pacheco e Chaves doou ao Museu Paulista seu acervo de documentos sobre a atuação da Liga, pelo qual se verifica que nos anos de 1960 havia um vasto intercâmbio de associações presididas por mulheres, de caráter assistencial ou político, tais como Associação de Ex-alunas do Colégio Nossa Senhora do Sion, Cruzada Pró-Infância, Fraterna Amizade Cristã Urbana e Rural, Liga Cristã Contra o Comunismo, Senhoras da Cruz Vermelha, Associação das Famílias Rotarianas, Associação Cívica Feminina, Rede Feminina da Associação Paulista de Combate ao Câncer, Cruz Branca Brasileira, Sociedade Luiz Pereira Barreto.

Além das organizações nacionais, realizava-se intercâmbio com entidades internacionais de mesmo caráter, presididas também por mulheres. Na correspondência enviada e recebida pela Liga Independente pela Liberdade há, por exemplo, uma carta endereçada a Jacqueline Kennedy, assinada por Irene Giorgi, presidente da Rede Independente Democrática. A carta traz a seguinte mensagem:

Prezada Senhora Jacqueline Kennedy

Pedimos ao embaixador Lincoln Gordon que fizesse chegar às suas mãos a saudação que, nós as mulheres democráticas, brasileiras, iríamos fazer em novembro de 1962 ao seu saudoso marido, o presidente Kennedy.

¹³⁸ Marilda Iamamoto e Raul de Carvalho. *Relações sociais e serviço social no Brasil*.

*E o fazemos num dia em que São Paulo, que não pode ter a felicidade de homenageá-lo quando em vida, tributa à sua memória o preito da admiração e veneração de todos os brasileiros, dos verdadeiros brasileiros que querem o Brasil livre, cristão e democrático, àquele que tão alto levantou no mundo o facho da liberdade (...)*¹³⁹.

Uma carta recebida pela Liga é assinada por organizações femininas inglesas, que homenageiam a data de dois anos da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, realizada em São Paulo no dia 19 de março de 1964. Transcrevemos um trecho da carta:

Nós mulheres da Grã-Bretanha, que estamos empenhadas no rearmamento moral da nossa nação, estaremos unidas convosco em pensamento no aniversário de vossa marcha.

Apesar desta atuação de Maria Pacheco e Chaves estar inserida num período histórico que extrapola os limites propostos neste trabalho, consideramos que a menção destas ações das mulheres pertencentes a elite, demonstram que desde o início do século elas estavam inseridas num fórum público, culminando em muitos casos numa atividade política. Sendo que no caso de Maria Pacheco e Chaves, sua atuação esteve sempre ligada aos setores conservadores.

¹³⁹ Museu Paulista, Fundo Liga Independente pela Liberdade. São Paulo, 23 de agosto de 1964.

Considerações Finais

Jean Orieux, historiador francês que se dedicou a biografias como a de Voltaire, faz a seguinte colocação sobre o seu trabalho: “...com um trabalho de formiga, tempo, solidão e um grão de loucura, mais um pouco de sorte, conseguimos fazer surgir da poeira dos velhos papéis um personagem até então destruído. Temos então a alegria de ver a múmia ganhar vida, de fazer saltar os cadeados do esquecimento e as crostas do preconceito...”¹. Guardadas as devidas proporções entre um trabalho e outro, esta dissertação procurou resgatar um personagem coletivo: a família Pacheco e Chaves. Através da correspondência dessa família, analisou-se uma série de fragmentos de testemunhos com o objetivo de compreender determinadas práticas femininas da elite cafeicultora, no final do século XIX e início do XX.

Acreditamos ter aqui apresentado menos um aprofundamento de determinadas questões relativas às práticas sociais da elite na República Velha, do que um mapeamento de possibilidades temáticas, para serem desenvolvidas futuramente a partir do próprio acervo da família Pacheco e Chaves ou outros arquivos familiares que ainda aguardam tal empenho.

Dado o volume de documentos do acervo que ora pesquisamos e do extenso período que ele abrange, tornou-se dificultosa uma elaboração mais teórica das temáticas apresentadas. A leitura das cartas de fato exigiu, como afirma Orieux, um “trabalho de formiga”, consumindo grande parte do tempo

¹ Jean Orieux. “A arte do biógrafo”. In: Georges Duby et alii. *História e nova história*, p. 47.

disponível para a elaboração da dissertação. Além disso, sem esse mapeamento inicial seria impossível discernir os aspectos que seriam relevantes para a análise. Embora reafirmemos a importância da reflexão mais teórica, acreditamos que esse primeiro resgate de documentos é por si só justificável, já que possibilita o desvendamento de novos testemunhos ou versões de uma dada realidade social.

A pesquisa abriu possibilidades para a reflexão sobre algumas especificidades das relações familiares e da posição das mulheres de elite na sociedade brasileira do período. Quanto à questão colocada no início desta dissertação — qual o lugar social ocupado pelas mulheres da elite cafeeira paulista —, algumas respostas foram sugeridas pela documentação.

As mulheres da família Pacheco e Chaves isolaram-se da produção cafeeira e vincularam-se mais intensamente às atividades voltadas para a família. Entretanto, esse espaço doméstico que se constituiu a partir do processo de urbanização não consolidou esferas totalmente separadas entre o mundo do trabalho e o da família. Interesses familiares e empresariais mesclavam-se freqüentemente e as mulheres participavam em graus diferentes, mas constantemente, de ambos os espaços sociais.

Daí, portanto, a necessidade de repensar a utilização de conceitos como, “intimidade” e “privacidade”, oriundos da história social e da sociologia européias, ao se analisar a elite paulista no período mencionado. Da mesma forma, fica em questão a idéia de “refúgio” ao se referir ao espaço doméstico, já que supõe esferas nitidamente distintas entre o público e o privado. Seria importante que tais conceitos fossem revistos não só quando se pensa a família,

mas também em relação ao lugar social ocupado pela mulher da elite, já que é inegável seu papel no interior da família.

Portanto, as atividades caracterizadas como “femininas” merecem ser analisadas não só quanto ao seu papel no interior do espaço doméstico, mas sobretudo na sua relação com o fórum público. Alguns trabalhos que abordam a família e as mulheres no final do século XIX e início do XX focalizam esta relação a partir da ação dos higienistas sobre as práticas femininas. Procuram mostrar como a sexualidade feminina, a educação dos filhos e a relação marido-mulher sofreram uma série de prescrições médicas, no âmbito de um ideário da família burguesa moderna. É assim que, por exemplo, Rago afirma: “Aos discursos masculinos e normativos dos poderes públicos, dos industriais e do movimento operário, que designam o lugar da mulher na sociedade e constróem sua identidade, vem acrescentar-se uma outra fala, que, ‘científica’, fornecerá todos os suportes teóricos de sustentação àqueles: o discurso médico-sanitarista”². A mulher aqui aparece exclusivamente subjugada a um discurso ou outro, mas não se percebe qual teria sido sua participação de fato na família ou de uma forma mais ampla, na sociedade. Não se trata de negar o papel desempenhado pelo discurso médico ou dos poderes públicos em geral, no sentido de construir uma identidade feminina vinculada ao “lar” ou de uma “naturalização” de seu papel como mãe e dona de casa, mas de perceber como elas corroboraram ou não este discurso e em quais aspectos da vida social tiveram atuação incisiva.

A leitura da correspondência dos Pacheco e Chaves indica que as mulheres da família, principalmente Alzira, participaram intensamente da

² Margareth Rago. *Do cabaré ao lar*, p. 74.

produção da memória familiar, contribuindo para a construção de uma memória dessa elite cafeicultora ou mesmo para uma versão do que poderíamos chamar da história paulista.

Outros aspectos com relação às atividades femininas também foram abordados, como o cuidado com a moda, decoração da casa, educação dos filhos e o empenho na manutenção das trocas epistolares entre os membros da família — atividades que contribuíram para engendrar relações sociais, um estilo de vida (capital simbólico) e a própria idéia de família.

Por fim, esboçamos o tema da ação das mulheres de elite nas associações de caridade. A família Pacheco e Chaves teve na figura de Maria uma atuação intensa neste campo. Ela iniciou suas atividades dando aulas de religião e participando de chás de caridade, para depois exercer uma militância política nos anos de 1960. Este é um tema que foi apenas mapeado e que se pretende aprofundar num trabalho futuro, utilizando a documentação da Liga Independente pela Liberdade, doada ao Museu Paulista por Maria Pacheco e Chaves.

Mesmo com relação à coleção “Fernando Pacheco e Chaves”, outras questões mereceriam ser mais bem exploradas. É sugestivo o fato de que pelo menos três de seus filhos adotaram posturas políticas extremamente diferenciadas: Fernando Miguel, seguiu a carreira militar e se dizia monarquista; Elias Chaves tornou-se membro ativo do Partido Comunista Brasileiro e Maria, militante católica, apoiou o golpe militar de 1964.

As questões que envolvem a história política do período não foram abordadas, apesar de serem mencionadas nas cartas, como a Revolução de 1924 em São Paulo, o Partido Republicano Paulista, os conflitos políticos nos

períodos de eleição, entre outros aspectos. Além disso, Elias Chaves escreveu um ensaio em 1925 abordando a Revolução de 1924³. Focaliza principalmente as disputas entre os estados e o acentuado regionalismo paulista. Tal documento é bastante interessante para se compreender a visão política de alguns membros da família Pacheco e Chaves e da elite paulista de uma forma geral. Embora consideremos que para compreender determinadas práticas sociais da elite, ou mesmo a questão das relações familiares e das mulheres no período, não se possa ignorar os aspectos políticos, nem tampouco os econômicos, seria impossível nos limites desta dissertação abordar todas essas questões.

Por fim, cabe ressaltar que a reflexão aqui empreendida sobre as práticas femininas entre os anos de 1890 e 1930 não se restringiu a pensar exclusivamente a sociedade daquele período, mas também perceber como algumas questões atuais se engendraram. A situação da mulher na sociedade contemporânea não é fruto somente de transformações recentes seja na família ou nos movimentos de emancipação feminina. Como coloca Lasch, a chamada “domesticidade” criou o seu oposto: o feminismo. Assim como o que se chama hoje de “crise da família”, tem suas raízes no século XIX, com mudanças na relação marido/mulher ou pais e filhos⁴. Tais questões contemporâneas não estão necessariamente explicitadas nesta dissertação, mas acreditamos que as temáticas levantadas podem sugerir abordagens sobre estes aspectos em trabalhos futuros.

³ Elias Chaves. *A Revolução de 1924*.

⁴ Ver Christopher Lasch. *Refúgio num mundo sem coração*.

Por ora, acreditamos apenas ter “levantado a poeira” de “velhos papéis”, resgatando uma parte da história da família Pacheco e Chaves e, por consequência, da elite paulista cafeicultora. Esperamos que os testemunhos desse personagem coletivo aqui analisados possam vir a sugerir temas e abordagens sobre a elite paulista.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes não-impressas

Coleção Fernando Pacheco e Chaves — Museu Paulista — Setor de Documentação.

Coleção Jorge Pacheco e Chaves — Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Fundo Liga Independente pela Liberdade — Museu Paulista — Setor de Documentação.

2. Fontes impressas

Revista Feminina, 1915-1916

3. Entrevistas

Anésia Pacheco e Chaves, 25/11/1996

Alzira Pacheco e Chaves Solari, 09/12/1996, 28/01/1997 e 03/02/1997

4. Bibliografia geral

ALGRANTI, Leila Mezan. “A irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro”. *Cadernos Pagu*, nº 1. Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.

AMARAL, Antonio Barreto do. *Dicionário de História de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado, 1980.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo, Edições Saraiva, 1957.

ANDRADE, Oswald de. *Um homem sem profissão*. São Paulo, Globo, 1990.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

- ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo, Perspectiva, 1981.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1981.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. *Génération et ages de la vie*. Paris, PUF, 1991 (Collection Que-sais-je?).
- BARROS, Myriam M. de Lins. "Memória e família". *Estudos Históricos*, 2(3). Rio de Janeiro, 1989.
- BENHABIB, Seyla & CORNELL, Drucilla (orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1987.
- BESSE, Susan K. *Restructuring patriarchy: the modernization of gender inequality in Brazil, 1914-1940*. Chapel Hill and London, The University of North Carolina Press, 1996.
- BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. São Paulo, Paz e Terra, 1982.
- BOLE, Willi. A cidade sem nenhum caráter: leitura da Paulicélia desvairada de Mário de Andrade. *Espaço e Debates*, São Paulo, nº 27, 1989.
- BORGES, Vavy Pacheco. *Tenentismo e revolução brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- _____. *Memória paulista*. São Paulo, Edusp, 1997.
- _____. Des français observent les brésiliens: la correspondance diplomatique française (1930-1937). *Revue Historique*, nº 1. Vendôme, PUF, 1996.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. "Le capital social: notes provisoires". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 31. Paris, Minuit, 1980.
- _____. *Razões práticas*. Campinas, Papirus, 1996.

- BRESCIANI, Maria Stella M. "Nas ruas, os caminhos da cidade". *Cadernos de História de São Paulo*, nº 2. São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993.
- _____. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1984 (Col. Tudo é História, nº 52).
- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo* (v. III). São Paulo, Hucitec/Prefeitura do Município de São Paulo, 1984.
- BUTTONI, Dulcília S. *A imprensa feminina*. São Paulo, Ática, 1990 (Série Princípios).
- CALDAS, Eunice. *Inezilha Brás: narração educativa*. São Paulo, Poca-Weiss, 1914 (Biblioteca Magnólia).
- CAMPOS, Fernando Furquim de. *Família e mudança: as elites paulistas no século XIX*. Curitiba, Anpuh, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.
- _____. *The Brazilian family. Brazil portrait of half a continent*. New York, The Dryden Press, 1951.
- CAPELATO, Maria Helena. *Os arautos do liberalismo: imprensa paulista 1920-1945*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- CARONE, Edgar. *A Primeira República (1889-1930)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973 (Col. Corpo e Alma do Brasil).
- CASALECCHI, José Ênio. *O Partido Republicano Paulista (1889-1926)*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CASTILHO, Guilherme de. *Éça de Queirós: correspondência* (v. 1). Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.
- CATELLI Jr., Roberto. *Brasil: do café à indústria*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- _____. et alii. *Dicionário de história do Brasil*. São Paulo (no prelo).
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

- CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- _____. *Visões da liberdade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger (org.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIX^e*. Paris, Fayard, 1991.
- CHAVES NETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo: memórias*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo, Loyola, 1992.
- _____. *Teoria e valor cultural*. São Paulo, Loyola, 1994.
- CORBAIN, Alain. "Bastidores". In: PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada — da Revolução Francesa à Primeira Guerra* (v. 4). São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola de Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. São Paulo, tese de doutorado, FFLCH-USP, 1982.
- _____. "Repensando a família patriarcal". In: ALMEIDA, M. C. A. et alii. *Colcha de retalhos*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- _____. "Mulher e família: um debate sobre a literatura recente". *Boletim Informativo e Bibliográfico*, v. 3. Rio de Janeiro, 1990 (Série O que se Deve Ler em Ciências Sociais no Brasil).
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- CRESPO, Regina Aida. *Crônicas e outros registros: flagrantes do pré-modernismo (1911-1918)*. Campinas, dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, 1990.
- CUNHA, Maria Clementina P. "Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX". *Revista Brasileira de História*, 9(18). São Paulo, 1989.

- DANON, Diana Dorothea & TOLEDO, Benedito Lima. *São Paulo: Belle Époque*. São Paulo, Edusp/Companhia Editora Nacional, 1974.
- DEL FIORENTINO, Terezinha Aparecida. *Ficção e realidade: São Paulo de 1900 a 1922*. São Paulo, tese de doutorado, FFLCH-USP, 1978.
- DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo, Contexto, 1989 (Col. Repensando a História).
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. "A ciranda dos nomes na toponímia de São Paulo". *Cadernos de História de São Paulo*, nº 2. São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993.
- DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro, Graal, 1980.
- ELAZARI, Judith Mader. *Lazer e vida urbana: São Paulo 1850-1910*. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1979.
- FAUSTO, Boris. "Expansão do café e política cafeeira". In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira* (v. 8). São Paulo, Difel, 1977.
- _____. "A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930". In: FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira* (v. 9). São Paulo, Difel, 1977.
- FLANDRIN, Jean-Louis. *Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa, Estampa, 1991.
- FONSECA, Claudia. "A história social no estudo da família: uma excursão interdisciplinar". *Boletim Informativo e Bibliográfico*, nº 27. Rio de Janeiro, 1989.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984.
- _____. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951.
- GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

- GOMES, Angela de Castro e FERREIRA, Marieta de Moraes. "Primeira República: um balanço historiográfico". *Estudos Históricos*, 2(4). Rio de Janeiro, 1989.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). *A invenção do Brasil moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20/30*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, José Olympio, 1984.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira (1867-1918)*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- _____. *Higienópolis, grandeza e decadência de um bairro paulistano*. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo/Secretaria Municipal de Cultura, 1979 (Col. História dos Bairros de São Paulo).
- INNOCENTI, Thais Ferraz de Barros Pimentel. *Dona Veridiana Valésia da Silva Prado: uma imagem e seus espelhos*. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1985.
- IAMAMOTO, Marilda & CARVALHO, Raul. *Relações sociais e serviço social no Brasil*. São Paulo, Cortez, 1996.
- KOFES, Sueli. "Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações". *Cadernos Pagu*, nº 1. Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição, Santos: 1870-1913*. São Paulo/Santos, Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.
- LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

- LEITE, Miriam Moreira. "A mulher nas camadas médias no mercado de trabalho". In: MARCÍLIO, Maria Luiza. *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo, Loyola, 1993.
- _____. "Mulheres e famílias". *Revista Brasileira de História*, 9(17). São Paulo, 1989.
- LEMONS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo, Nobel, 1989.
- LEVI, Darrel E. *A família Prado*. São Paulo, Cultura, 1977.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa, Edições 70, 1981.
- LOVE, John. *A locomotiva: São Paulo na Federação brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- MACHADO, Antonio Alcântara. *Morte e vida do bandeirante*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1980.
- MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo, Siciliano, 1995.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. *Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil*. São Paulo, Loyola, 1993.
- MEIRELLES, Domingos. *As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes*. Rio de Janeiro, Record, 1995.
- MEYER, Regina Maria Prosperi. "O papel da rua na urbanização paulistana". *Cadernos de História de São Paulo*, nº 2. São Paulo, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX* (v. 2). Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.
- MORSE, Richard M. *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- NAGLE, Jorge. A Educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris. *História da civilização brasileira* (v. 9). São Paulo, Difel, 1977.

- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- OCTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. *Elos de uma corrente — seguidos de novos elos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994.
- PACHECO e CHAVES, Maria. *Os grandes esquecidos de um Brasil verdadeiro*. São Paulo, Liga Independente pela Liberdade, 1970 (Col. Verdade Histórica, nº 3).
- (?)PAOLI, Maria Célia. “São Paulo operária e suas imagens, 1900-1940”. *Espaço e Debates*.
- PENTEADO, Yolanda. *Tudo em cor-de-rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.
- PERROT, Michelle (org.). *História da vida privada — da Revolução Francesa à Primeira Guerra* (v. 4). São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- _____. “Práticas da memória feminina”. *Revista Brasileira de História*, 9(18). São Paulo, Anpuh, 1989.
- POUBLAN, Danièle. “Affaires et passions. Des lettres parisiennes au milieu du XIX siècle”. In: CHARTIER, Roger (org.). *La correspondance: les usages de la lettre ao XIX^e*. Paris, Fayard, 1991.
- (?)QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*.
- QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: a brasileira vista por viajantes ingleses e norte-americanos durante o século XIX*. Rio de Janeiro, Vozes, 1995.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar, a utopia da sociedade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- _____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- _____. “Imagens da prostituição na Belle Époque paulistana”. *Cadernos Pagu*, nº 1. Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.

- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades: produção social e degradação dos espaços urbanos*. São Paulo, Hucitec, 1994.
- ROLNIK, Raquel. *Cada um no seu lugar*. São Paulo, dissertação de mestrado, FAU-USP, 1981.
- SAINT MARTIN, Monique de. "Une grande famille". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 31. Paris, Minuit, 1980.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família na sociedade paulista do século XIX*. São Paulo, tese de doutorado, FFLCH-USP, 1979.
- _____. *A família brasileira*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1987 (Col. Tudo é História, nº 71).
- _____. *O espaço da família: vida doméstica e relações sociais. As mulheres, o poder e a família; São Paulo, séc. XIX*. São Paulo, Marco Zero/S.E.C., 1989.
- SCOTT, Joan W. "Gender: a useful category of historical analysis". *The American Historical Review*, 91(5), dec., 1986.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- SHORSKE, Carl E. "A cidade segundo o pensamento europeu — de Voltaire a Spengler". *Revista Espaço e Debates*, nº 27. São Paulo, 1989.
- SHORTER, Edward. *A formação da família moderna*. Lisboa, Terramar, 1975.
- SINGER, Paul. "O Brasil no contexto do capitalismo internacional, 1889-1930". In: FAUSTO, Boris. *O Brasil republicano: estrutura e poder da economia (1889-1930)* (v. 8). São Paulo, Difel, 1977.
- SMITH, Bonnie G. *Ladies of the leisure class*. Princeton, New Jersey University Press, 1981.
- SOUZA, Pedro Luis Pereira de. *Meus cinquenta anos na Companhia Prado Chaves*. São Paulo, 1950.

- STOLKE, Verena. *Cafeicultura: homem, mulheres e capital (1850-1890)*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- VARIKAS, Eleni. "Pária: uma metáfora da exclusão de mulheres". *Revista Brasileira de História*, 9(18). São Paulo, 1989.
- VAZ, Maria Luísa Albiero. *Mulheres da elite cafeeira em São Paulo: conciliação e resistência (1890-1930)*. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1995.
- TILLY A., Louise. "Gênero, história das mulheres e história social". *Cadernos Pagu*, nº 3. Campinas, IFCH-Unicamp, 1994, pp. 11-27.
- TRIGO, Maria Helena Bueno. *Ser e parecer: estudo sobre as práticas de reprodução social do grupo cafeeicultor paulista*. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1989.
- WACQUANT, Loic J. D. *Pierre Bourdieu. Réponses: pour une anthropologie réflexive*. Paris, Éditions du Seuil, 1992.
- WILLIAMS, R. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.